

v.2 n.1 jul./dez. 2016

ISSN 2447-9551

# Revista **GT**Lex

**Terminologia**

**Dicionário**

**Linguística de Corpus**

**Lexicologia**

**Pragmática**

**Léxico-estatística textual**

**Metalexicografia**

**Lexicografia**

**Terminografia**

**Onomástica**

**Taxonomia e neologia**



# Revista **GT**Lex

Volume 2, número 1  
Julho/Dezembro 2016

GTLex | Uberlândia | v.2 n.1 | jul./dez. 2016 | p.1-189 | ISSN 2447-9551

# Expediente

## Universidade Federal de Uberlândia

### *Reitor*

Prof. Elmiro Santos Resende

### *Vice-reitor*

Prof. Eduardo Nunes Guimarães

### *Diretora da EDUFU*

Profa. Belchiolina Beatriz Fonseca

### *Diretora do Instituto de Letras e Linguística*

Profa. Maria Inês Vasconcelos Felice

EDUFU – Editora e Livraria da Universidade Federal de Uberlândia  
Av. João Naves de Ávila, 2121 – Bloco 1S – Térreo – *Campus* Santa Mônica  
Cep 38.400-902 – Uberlândia – MG  
Telefone: (34) 3239-4293  
vendas@edufu.ufu.br | www.edufu.ufu.br

Editoração: Guilherme Fromm

Diagramação: Edufu

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

Revista GTLex. v. 2, n. 1, 2016. Uberlândia, Universidade Federal  
de Uberlândia, Instituto de Letras e Linguística, 2015-

Semestral.

Modo de acesso: <http://www.seer.ufu.br/index.php/GTLex>

Editoração: Guilherme Fromm.

ISSN: 2447-9551

1. Linguística – Periódicos. 2. Linguística aplicada – Periódicos. 3.  
Lexicologia – Periódicos. 4. Terminologia – Periódicos. 5.  
Onomástica – Periódicos. I. Fromm, Guilherme. II. Universidade  
Federal de Uberlândia. Instituto de Letras e Linguística.

CDU: 801(05)

---

*Todos os artigos desta revista são de inteira responsabilidade de seus autores, não cabendo qualquer responsabilidade legal sobre seu conteúdo à Revista, ao Instituto de Letras e Linguística, ao Grupo de Trabalho de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia (ANPOLL) ou à Edufu.*

## ***Revista GTLex***

### **Diretor**

Guilherme Fromm (UFU)

### **Conselho Editorial**

André Crim Valente (UERJ)

Elizabete Aparecida Marques (UFMS)

Giselle Olivia Mantovani Dal Corno (UCS)

Maria da Graça Krieger (UNISINOS)

Maria José Bocorny Finatto (UFRGS)

Márcio Sales Santiago (UFC)

### **Comissão Científica**

Adriana Zavaglia (USP), Adriane Orenha-Ottaiano (UNESP), Angela Maria Tenório Zucchi (USP), Anna Maria Becker Maciel (UFRGS), Aparecida Negri Isquerdo (UFMS), Carmen Maria Faggion (UCS), Celina Márcia de Souza Abbade, (UNEB), Cleci Regina Bevilacqua (UFRGS), Claudia Zavaglia (UNESP/SJ Rio Preto), Claudio Cezar Henriques (UERJ), Eduardo Tadeu Roque Amaral (UFMG), Enilde Leite Faulstich (UnB), Ieda Maria Alves (USP), Karylleila Santos Andrade (UFT), Lêda Pires Corrêa (UFS), Lidia Almeida Barros (UNESP/SJ Rio Preto), Marcia Sipavicius Seide (UNIOESTE), Maria Cândida Trindade Costa Seabra (UFMG), Maria Cristina Parreira da Silva (UNESP), Nelly Medeiros de Carvalho (PUC/PE), Maria Helena de Paula (UFG), Mariângela de Araújo (USP), Paola Giustina Baccin (USP), Patrícia Chittoni Ramos Reuillard (UFRGS), Rosemary Castañeda Zanette (UNIOESTE), Sabrina Pereira de Abreu (UFRGS), Vitalina Maria Frosi (UCS), Vitória Regina Spanghero (UFMS), Waldenor Barros Moraes Filho (UFU).

**Participaram dessa edição como pareceristas *ad hoc***

Maria Socorro Coelho (Unimontes)

Michelle Machado de Oliveira Vilarinho (UnB)

Stella Esther Ortweiler Tagnin (USP)

## Sumário

### Artigos

Copa do Mundo no Brasil: um espaço para a criação de neologismos ..... 7

*Benilde Socreppa Schultz, Márcia Sipavicius Seide*

Expressões idiomáticas em dicionários bilíngues francês-português do Brasil:  
uma análise comparativa por amostragem das letras A e P ..... 31

*Maria Cristina Parreira, Maria Camila Robayo García, Júlia Garcia Chrispolim*

O tratamento dos homônimos “cura” e “são” em dicionários de Ensino Médio  
do PNLD 2012 ..... 62

*Neliane Raquel Macedo Aquino, Ana Claudia Castiglioni*

Colocações especializadas do setor feirístico ..... 93

*Ariane Dutra Fante Godoy*

O uso de selfie: a internet viralizando o empréstimo em três línguas ..... 115

*Beatriz Curti, Jean Michel Pimentel Rocha, Flávia Cambi Alves*

O apelidamento de estádios de futebol em Sergipe ..... 141

*Cezar Alexandre Neri Santos, Cleberson Franclin Tavares Costa*

Antroponímia ficcional: o caso de *Ubirajara*, de José de Alencar ..... 170

*Kleber Eckert, Maiquel Röhrig*

## Copa do Mundo no Brasil: um espaço para a criação de neologismos

### World Cup in Brazil: a space for neologisms creation

Benilde Socreppa Schultz\*

Márcia Sipavicius Seide\*\*

**RESUMO:** O léxico de uma língua pode ser considerado como o retrato de uma sociedade em seus diversos níveis de manifestação, pois é através das unidades lexicais que são representadas as mais variadas situações sociais e culturais. A realização de um evento nas proporções da Copa do Mundo no Brasil é um espaço que se configura ideal para a criação de itens lexicais novos e lúdicos. Para Alves (2014), o aspecto lúdico na criação de neologismos está presente em todos os gêneros discursivos, como o humorístico, o literário, o publicitário e o jornalístico. Para este artigo, coletamos, durante o mês da realização da Copa do Mundo de 2014, os neologismos presentes em três revistas e jornais on-line: *Globo Esporte*, *Revista Veja* e *Gazeta do Povo*. A análise dos dados mostrou que esse grande evento deu vazão a uma explosão de novas palavras e novas significações para cuja identificação a utilização de informação lexicográfica como critério não foi suficiente, sendo recomendada a adoção de critérios adicionais para tornar a análise mais precisa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Neologismos. Aspectos lúdicos. Copa do Mundo.

**ABSTRACT:** The lexicon of a language can be regarded as the portrait of a society at its various levels of manifestation, due to the fact that it is by its lexical units that the most diverse social and cultural situations are represented. The realization of an event such as the World Cup in Brazil create an ideal space for the creation of new and entertaining lexical items. As Alves (2014) shows, the entertaining aspect of creating neologisms is present in all speech genres such as comedy, literary, journalistic and advertising. The research presented in this paper was based on a collection of neologisms created during the month of hosting the World Cup in 2014 in three magazines and online newspapers, namely, *Globo Esporte*, *Revista Veja* and *Gazeta do Povo*. The data analysis shows that this great event motivated an explosion of words and new meanings. For its identification, the use of lexicographic information was not a sufficient criterion, so that additional criteria were used in order to promote a more accurate analysis.

**KEYWORDS:** Neologisms. Entertaining aspects. World Cup.

\* Doutora, professora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Campus de Cascavel.

\*\* Doutora, professora da Unioeste, docente do Programa de Pós-Graduação em Letras do campus de Cascavel e do Colegiado de Letras do Campus de Marechal Cândido Rondon.

## 1. Introdução

Nos últimos anos, o veículo de comunicação por excelência tornou-se a internet: ela está presente na vida de muitos brasileiros, os quais, com seus computadores, *notebooks*, *tablets* e telefones, têm acesso imediato às informações presentes nos blogs, nos jornais, nas revistas on-line veiculadas em tempo real. Além da informação, podem, ao mesmo tempo, interagir e trocar informações com conhecidos e desconhecidos. A Web é prática e econômica, de acesso fácil e instantâneo, é o lugar onde as notícias literalmente “voam”, e é também uma caixa de surpresas, uma moderna caixa de Pandora onde todos os dias nos deparamos com novidades, às vezes boas, outras não tanto. Com tantas possibilidades de leitura e escritura, a Web é, sobretudo, o espaço das palavras, o lugar onde elas nascem, onde vivem e também onde morrem. Na internet, a palavra é como uma borboleta, que voa, dá o seu show multicolorido, marcando sua presença nesse cenário incrível de possibilidades de criações. Campos nos diz que

A nova palavra criada é bailarina e desliza sobre a página branca do papel, executando malabarismos de toda ordem: sintáticos e semânticos. Manipulada com mestria, assume a forma pretendida pelo talento do autor, submetendo-se docilmente e gerando as variações infinitas do jogo verbal que encanta e seduz: natural e neológica como a própria criança (2012, p. 2).

Nessas imagens, nos vêm à mente os jogos infantis: quem nunca correu atrás de uma borboleta, tentando agarrá-la, tentando apreender a sua beleza? A ludicidade presente nessas representações se encontra também na escrita dos meios midiáticos, onde a rapidez de informação e a necessidade de impacto visual e auditivo são o motor de impulsão que movimenta o fazer linguístico desses artífices da palavra. Na mídia, os recursos utilizados para a criação de



unidades lexicais neológicas não raramente surgem da improvisação e da emoção do momento. Quer sejam criadas pela vontade do autor, quer surjam de uma habilidade linguística momentânea, é fato irrelevante, mas se trata, segundo Migliorini (2003), de uma língua às margens da própria língua, pois, como na linguagem da publicidade, também os neologismos da linguagem jornalística são quase sempre desprovidos de durabilidade, apesar de serem coerentes com a mensagem que se propõem a transmitir e terem sido criados seguindo as normas da língua. A palavra, definida como unidade lexical, pode ser considerada como o retrato de uma sociedade em seus diversos níveis de manifestação, pois, por ela e através dela, são representadas as mais variadas situações sociais e culturais.

Para Guilbert (1975, p. 92), o código da língua é propriedade de todos os membros da comunidade, que podem usufruir dele na criação de novas expressões, independentemente de serem cientistas, técnicos ou homens comuns. O ato de gerar novas palavras provém do desejo deliberado de um falante quer de criar uma forma neológica que lhe seja própria, em oposição à forma linguística existente no léxico, quer de criar um signo totalmente novo. Essa habilidade revela a criatividade e fantasia verbal do seu criador, podendo assumir as mais diversas feições: desde a gíria até o máximo requinte literário, como temos, por exemplo, em *Grande Sertão Veredas*, de Guimarães Rosa, a obra literária que revela, por excelência, uma capacidade inovadora do autor em produzir neologismos contextualizados.

Não obstante, no contexto literário, os neologismos serem propositais, não se pode desconsiderar que toda nova palavra criada, por qualquer falante que seja, contém, em si, o pensamento e a ideologia do grupo ao qual pertence. Para além da criatividade, compreende-se o neologismo, segundo Alves (2006, p. 132), como “uma nova forma, uma nova acepção atribuída a uma unidade

lexical ou estrangeirismo recebido de outra língua”. Segundo a autora, a aceitabilidade ou não do neologismo é determinada pelo seu caráter linguístico, pois toda a criação lexical é sistematizada atendendo as normas do sistema da língua.

Muitas vezes a liberdade de criação de novas palavras vem acompanhada de um caráter lúdico, tendendo para o humorismo. O valor lúdico que adquirem advém da somatória de diversos elementos que, unidos em uma hábil manipulação, transmitem sentidos expressivos surpreendentes. No caso do comentarista de futebol – por meio televisivo ou radiofônico –, ele joga, acima de tudo, com o valor acústico da palavra, tendo em vista a transmissão oral da mensagem em tempo real. Para Alves,

o caráter lúdico em unidades do português brasileiro, mais comumente é observado em gêneros discursivos como o humorístico, o literário e o publicitário. No entanto, aspectos lúdicos podem ser observados em todos os gêneros discursivos e manifestar-se em todos os processos de formação de palavras (ALVES, 2014, p. 117).

A realização de um evento nas proporções da Copa do Mundo no Brasil é um espaço que se configura ideal para a criação de novos itens lexicais, pois o regozijo e a alegria pelo evento realizado dão lugar à ludicidade, sobretudo na elaboração de neologismos. Com certeza, muitos desses neologismos, criados no calor do momento, serão efêmeros, normalmente não se integrarão à língua, mas isso não importa. Podemos classificar esses neologismos momentâneos como neologismos casuais ou eventuais (KLAJN,1972), isto é, aqueles que aparecem no calor do momento, enriquecem um texto, dando um colorido especial à tessitura, mas que, após algumas semanas ou meses, desaparecem, são esquecidos, permanecendo apenas virtualmente ou na memória de algumas pessoas. Na sua elaboração, o importante é o ato da criação e a conotação

implícita que carrega, e que tem como objetivo aquele a quem o texto está dirigido: os interlocutores imaginados pelo autor do texto. O adjetivo lúdico, por si só, remete a algo agradável, prazeroso e é com esse conceito que o encontramos definido no Dicionário Houaiss:

**Relativo a jogo ou brinquedo**

1. que visa mais ao divertimento que a qualquer outro objetivo.
2. que se faz por gosto, sem outro objetivo que o próprio prazer de fazê-lo (HOUAISS, 2009)

Contudo, no dicionário italiano Treccani (2014), a definição se coaduna ainda mais com o que entendemos por lúdico: “toda a atividade brincalhona onde prevalece a livre elaboração da fantasia”<sup>1</sup> (TRECCANI, 2014). Ao criar um novo neologismo o criador brinca com a palavra e, com certeza, a sua imaginação evoca e realiza combinações novas, nas quais ninguém havia pensado antes, mas que são linguisticamente realizáveis.

## 2. Procedimentos metodológicos

O presente trabalho é consequência de uma investigação sobre os neologismos criados pelos jornalistas e comentaristas de futebol durante as semanas nas quais se desenrolou a Copa do Mundo de 2014 no Brasil. Muitos desses neologismos são passageiros, pois se referem a contextos específicos. Registrá-los, permaneçam ou não, é importante, pois, para Sablayrolles (2003, p. 224 *et seq.*), não interessa a origem dos neologismos ou como se formaram, quem os concebeu ou qual o seu tempo de uso; o que importa é que estão em relação direta com a evolução da língua em um momento determinado, exprimindo o pensamento da comunidade linguística que o criou.

---

<sup>1</sup> “Ogni attività giocosa in cui sia prevalente la libera elaborazione della fantasia.”

A recolha dos dados realizou-se entre os dias 10 de junho a 17 de julho de 2014, estendendo-se um pouco além do final da copa, pois com a consequente eliminação do Brasil, os comentários finais exibiram muitas criações neológicas interessantes. Para a elaboração do *corpus* nos apoiamos em três jornais e revistas on-line: *Gazeta do Povo* (jornal de Curitiba, doravante GP), *Globo* e *Globo Esporte* (doravante GE) e *Revista Veja* (doravante RV).

No *corpus* coletado encontramos cerca de 50 neologismos, muitos dos quais apresentam o caráter lúdico apontado por Alves, e podem ser compreendidos mediante o conhecimento de mundo tanto do leitor quanto do autor do texto. Nesse *corpus*, verificamos que os neologismos formados por composição ou por blocos de palavras – unidades plurilexicais nas quais dois ou mais itens se unem semântica, sintática e pragmaticamente (LEWIS, 2002) – são os mais frequentes. A seguir, aparecem as palavras-valise, isto é, os formados com a junção truncada de duas palavras. Também houve neologismos criados pelo processo de derivação, a maioria derivada por sufixação, sendo poucas as ocorrências onde se salienta a prefixação. Outras ocorrências são neologia semântica, empréstimos e estranhamento lexical.

Para os casos nos quais o processo neológico transcendeu os limites da unidade lexical, levamos em consideração a unidade fraseológica neológica, partindo do pressuposto de que o léxico também se organiza por blocos de palavras, de acordo com a Abordagem Lexicológica criada por Lewis (LEWIS, 2002).

Os neologismos encontrados foram analisados segundo o critério lexicográfico: foram utilizados dicionários de língua como instrumento de verificação do estatuto neológico das palavras encontradas. Portanto, para determinar o caráter neológico das unidades recolhidas, utilizamos como *corpus* de exclusão os dicionários Houaiss (2009) e Aulete Digital (2014).

É preciso reconhecer, contudo, a limitação de se utilizar somente esse critério. Apelidos, por exemplo, não costumam ser registrados nos dicionários gerais. Não obstante não estarem registrados, eles são convencionais; seu uso pode marcar uma época, são suscetíveis de cair em desuso e voltarem a ser utilizados posteriormente. Outras vezes, a neologia ocorre não numa palavra isolada, mas sim numa unidade fraseológica. Nesses casos, costuma não haver um registro abrangente e sistemático nas obras lexicográficas. Tendo isto em vista, as ocorrências de apelidos neológicos e de unidade fraseológica neológica são analisadas em subseções à parte.

### **3. Processos de formação dos neologismos lúdicos da copa de 2014**

O processo lúdico nos neologismos da crônica esportiva, no nosso caso, é fruto da inventividade do comentarista de futebol, que une a imaginação a um fato ocorrido. A ludicidade surge, geralmente, da improvisação no decorrer da locução, dando uma força expressiva sem igual à sua narração futebolística. Partindo da classificação explicitada por Alves, reuniremos os neologismos conforme o processo de formação utilizado. Nos casos em que percebemos a ocorrência de mais de um processo, optamos por aquele que nos pareceu ser mais determinante para conferir à palavra seu caráter neológico.

#### **3.1 Neologismo por bloco de palavra**

Nesses casos, ao menos uma das palavras da unidade linguística já existe na língua e assim está registrada no dicionário, porém sua união formando um bloco é que é inédita. O bloco de palavras é uma unidade proposta pela Abordagem Lexical, a qual, segundo Seide e Durão,

[m]ostra que o princípio de arbitrariedade não atinge somente o signo linguístico, mas também a união

convencional das palavras conforme as colocações de cada língua (...) que sancionam determinados adjetivos para caracterizarem, por exemplo, um parente e outros para descreverem um amigo: “Enquanto um parente pode ser próximo, estar perto ou ser distante, um amigo pode ser chegado, mas não pode ser distante, nem estar perto, não obstante, um amigo chegado pode ser o seu melhor amigo”. (LEWIS, 2002, p.18 apud SEIDE, DURÃO, 2015, p.18) (tradução das autoras).

O termo *Neologismo por bloco de palavra* foi criado por nós para nomear uma categoria de processo neológico que atinge o nível fraseológico. A escolha pelo termo ‘bloco de palavras’ deveu-se ao fato de esta unidade abranger indistintamente vários tipos de unidades fraseológicas como as colocações, as coligações e as expressões idiomáticas, por exemplo, e de nos permitir a análise dos dados sem necessariamente distinguir entre si os diversos tipos de unidades fraseológicas, uma vez que a categoria chamada *bloco de palavras* por Lewis abrange unidades lexicais, locuções, colocações, expressões fixas e expressões semifixas: “os blocos [de palavras] são de tipos diferentes e quatro tipos básicos diferentes foram identificados.1. Palavras (...) 2. Colocações (...) 3. Expressões fixas (...) 4. Expressões semi-fixas” (LEWIS, 2002, p.8 a 12)<sup>2</sup>.

Essa escolha também se deveu ao fato de compartilharmos o defendido por essa abordagem: “a Abordagem Lexical defende que uma língua consiste de blocos os quais, quando combinados, produzem, um texto coerente contínuo”<sup>3</sup> (LEWIS, 2002, p. 7)

Cumpre lembrar que a existência de renovação de unidades fraseológicas fora apontada por Biderman, para quem “Às vezes o neologismo é uma lexia complexa (...) ou expressões idiomáticas: acabar em pizza, cair a ficha, (...)” (BIDERMAN, 2001, p. 206), e que também já foram feitas pesquisas específicas sobre as expressões idiomáticas tendo por base

<sup>2</sup> “The chunks are of different kinds and four different basic types are identified (...) 1. Words (...) 2. Collocations (...) 3. Fixed Expressions (...) 4. Semi-fixed Expressions (...)”.

<sup>3</sup> “(...) The Lexical Approach argues that language consists of chunks which, when combined, produce continuous coherent text”.

para identificação o critério lexicográfico, como é o caso da pesquisa realizada por Riva (2012, p.313-331). Diferentemente dos resultados obtidos por Riva, não nos foi possível identificar os blocos de palavras neológicas mediante a utilização exclusiva do critério lexicográfico.

Um exemplo de bloco de palavras neológico encontrado no nosso *corpus* é <apagão coletivo>: “Aí então aquele gol de Müller trouxe o pânico, o <apagão coletivo> (RV, 09/07/14). Verifica-se a junção de um substantivo e um adjetivo, onde o substantivo base, ‘apagão’, o qual, como palavra isolada, é, ela mesma, um neologismo criado para significar a falta de energia elétrica, soma-se ao adjetivo *coletivo* formando um bloco lexical inédito, tendo em vista que, quando o neologismo *apagão* surgiu, a palavra era utilizada sem complementos ou adjuntos. A confluência dessas duas palavras, na Copa do Brasil, assume um novo sentido, o da perda de controle da Seleção, como se ela jogasse às escuras (após o gol recebido nos primeiros minutos do jogo contra a Alemanha). Outros exemplos são citados a seguir.

**Derrota pornográfica** – “Foi uma <derrota pornográfica>: o Brasil ficou de quatro e os alemães meteram sete”. (RV, 09/07/14). Aqui o significado é de ‘derrota vergonhosa’.

**Golaço de peixinho** – “O <golaço de peixinho> de Robin Van Persie foi o ponto glorioso de uma rodada [...] (RV, 18/06/14). Descreve o movimento de mergulho em direção à bola e a conseqüente cabeçada em direção à rede, marcando o gol. Em outros jornais do *corpus* encontramos <gol de peixinho>.

**Grupos da morte** – “Uma ou outra vez desejei empates para fugirmos de <“grupos da morte”>” (RV, 11/07/14, aspas do autor). Grupo de chave onde se encontram as seleções que são consideradas, no futebol, as mais fortes.

**Estar com a mão na taça** – “Foi ele quem disse que o Brasil estava com a <“mão na taça” >” (GP, 09/07/14, aspas do autor). Considerar a partida ganha, antes da decisão final.

**Pane técnica, tática e emocional** – “A Seleção voltou a sofrer uma <pane técnica, tática e emocional>, tomou dois gols em 16 minutos [...]” (GE, 12/07/14). Locução originada da terminologia da aviação e do automobilismo, quando há um problema mecânico, no caso aplicado à Seleção, significando a perda de controle. Encontramos no jornal GP o neologismo <pane geral>, indicando o mesmo sentido: “Dos 23 aos 29 minutos do primeiro tempo da semifinal de terça-feira, o Brasil sofreu uma <pane geral> e levou quatro gols” (GP, 10/07/14).

**Sangue metafórico** – “Como nada disso ocorre por diletantismo, mas é para valer, também ajuda na receita de um grande Mundial que algum <sangue metafórico> seja logo derramado [...]” (RV, 20/06/14). Relação com a colocação “derramar sangue” com sentido de uma dor muito grande e desesperadora. Para significar a perda de uma partida de seleções consideradas fortes e que sofrem goleadas de outras de menor potencialidade. O sentido mais amplo é de que precisará acontecer outro fato catastrófico (como a eliminação da Espanha pelo Chile no Maracanã) para ajudar na receita de um grande Mundial.

Percebe-se, nesses casos, que o espírito brincalhão do brasileiro também se faz presente. Jogar com a ludicidade em uma unidade fraseológica requer domínio da língua e propensão ao humorismo.

**Nunca Dante na história deste país** – “Em segundo lugar, porque <nunca Dante na história deste país> a seleção verde amarelona tomou uma goleada



como esta!” (Veja.com, 09/07/14). A expressão originalmente cunhada pelo ex-presidente Lula, “nunca antes na história deste país”, tornou-se um bloco de palavras alterado para resultar num trocadilho que joga com as palavras ‘dantes’ e ‘Dante’, poeta e escritor italiano. Ao colocar o nome do autor italiano, quer enfatizar o inferno pelo qual passou o time brasileiro, semelhante ao descrito na Divina Comédia.

**Neymar não está para peixe** – “Como diria o grande Nelson Rodrigues, o <Neymar não está para peixe>” (RV, 09/07/14). Espelhada na expressão “o mar não está para peixe”, constituindo-se como um trocadilho cuja significação é a de que o jogador não produziu gols, como seria esperado.

**Bago pra frente** – “Bola no Neymar e o chamado <bago pra frente>”. (GP, 09/07/14). Jogo de palavras com o dito popular “bola pra frente”, expressando a necessidade de seguir adiante, apesar das desventuras. O autor faz um trocadilho com as palavras ‘bago’ e ‘bola’, que no uso informal possuem o significado de testículo.

### *Neologismos por composição*

São os mais ocorrentes, e são assim denominados por se comporem de uma ou mais palavras lexicais que, unidas, criam um significado diverso do seu original, como mostram os exemplos a seguir.

**Bolsa-bola Alemanha** – “Feito de couro sintético e batizado de <Bolsa-bola Alemanha>, o acessório custa 279 reais e ainda é um luxo fácil de ser adquirido pelos brasileiros. (RV, 14/07/14). Esse nome foi dado à bolsa vendida durante a Copa, que possuía o formato de bola com as cores da sSeleção da Alemanha. A

primeira pessoa a usar a bolsa-bola foi a Chanceler alemã Angela Merkel, na final da Copa vencida pela equipe daquele país.

**Cai-cai** – “E dizem que Neymar é <cai-cai>, mas ninguém fala que o Alexis Sánchez sofreu umas quinze faltas e se jogou numas doze”. Essa palavra é utilizada para caracterizar o jogador que se deixa cair voluntariamente para que seja marcada falta. Embora tenha sido considerado um neologismo conforme o critério lexicográfico, não se trata de uma palavra que passou a ser usada nessa copa, nem de palavra inédita no meio futebolístico. Em sua tese de doutorado, Matuda encontrou 12 ocorrências da palavra em *corpus* constituído por textos jornalísticos brasileiros publicados de 2006 a 2014 (MATUDA, 2015, p.234).

**Mata-mata** – “As frequentes prorrogações – já foram cinco neste <mata-mata> – indicam o nível de equilíbrio entre as seleções, acredita ele” (GP, 04/07/14). Neologismo semântico que na linguagem futebolística significa a disputa eliminatória entre dois adversários para decidir qual dos dois passará à próxima rodada. Nesse caso, como no anterior, trata-se de item lexical não registrado no Houaiss, se bem que seja bastante comum nos textos orais ou escritos dos comentaristas de futebol.

**Patrão FIFA** – “O bilionário estádio foi assim batizado não em homenagem ao grande Garrincha, mas em honra ao Zé Mané, o torcedor contribuinte, que pagou esta obra superfaturada <PATRÃO FIFA>” (RV, 26/06/14, caixa-alta do autor). O autor faz um jogo de palavras com ‘padrão’ x ‘patrão’, em referência às exigências da FIFA na construção dos estádios para a Copa do Mundo no Brasil.

**Seleção verde amarelona** – “Em segundo lugar, porque nunca Dante na história deste país a <seleção verde amarelona> tomou uma goleada como esta!” (RV, 09/07/14). Jogo de palavras com a gíria ‘amarelou’ que, na linguagem popular, significa ficar com medo, fugir das responsabilidades. No caso, usa o nome conhecido da seleção verde-amarela para significar que ela perdeu a coragem (e os gols).

**Repórter-musa** – “A caráter, <repórter-musa> torce para o México” (GE, 23/06/14). Neologismo utilizado para caracterizar a repórter mexicana Mariana Gonzalez pela sua profissão, aliada à beleza.

Outro tipo de neologismo por composição resulta da junção de uma ou mais unidades na língua vernácula somadas a uma estrangeira:

**Gol de chip** – “Dezesseis primeiros jogos tiveram 49 bolas na rede, estádios lotados, campeã humilhada e até <gol de “chip”>” (RV, 16/06/14, aspas do autor). Gol confirmado pelo chip existente na bola. Esse gol foi aceito pelo árbitro, na partida entre a França 3 X 0 Honduras, mas nem todos os árbitros aceitaram o gol confirmado pelo *chip*.

### *Neologia semântica*

**Bomba** – “É uma <bomba> de nacionalismo no gramado e pulsando com bandeiras e cores nas arquibancadas” (GP, 23/06/14). Excesso de emoção demonstrado por diversas seleções quando da execução do hino nacional de seus países.

**Bombardeio** – “Foi ele o artífice do <bombardeio> alemão no primeiro tempo, cobrando com perfeição o escanteio em que Thomas Muller abriu o placar” (RV, 08/07/14). Por meio dessa palavra, o modo como o escanteio foi cobrado é comparado a um bombardeio. Em ambos os casos há um ataque maciço.

**Brazuca** – “Fifa e a Adidas apresentaram ontem a <Brazuca> Final Rio (foto), a bola que será utilizada na decisão da Copa do Mundo, dia 13 de julho, no Maracanã” (GP 30/05/14). Nome dado à bola oficial da Copa. Anteriormente a palavra só era usada para se referir, pejorativamente, aos brasileiros que moram em outro país.

**Sonora** – “Miroslav Marian Klose, o polonês naturalizado alemão, virou nesta terça-feira, após a <"sonora"> goleada por 7 a 1 da Alemanha [...], o maior artilheiro da história das Copas [...]” (GP, 08/07/14, aspas do autor). Significando uma intensa e estrondosa goleada, pode-se correlacionar esse sentido intensivo à existência do bloco de palavras “sonora gargalhada”.

### *Formação por afixo*

Neologismos lúdicos também podem ser encontrados em formações sufixais e prefixais. Alves (2006, p. 135), baseada em Halliday, afirma que existe um *continuum* entre léxico e gramática, pois o léxico é um conjunto aberto e a gramática contém classes fechadas, as quais podem associar-se na produção de novas unidades neológicas. Para a autora, os afixos podem ser polissêmicos, assim como unidades lexicais podem ser gramaticalizadas. Evidenciamos no *corpus* coletado algumas formas com os sufixos:

**-ismo:** sufixo formador de nomes de doutrinas, sistemas filosóficos, econômicos, políticos, entre outros, significando 'seguidor da doutrina de'.

**Zagallismo** – “Foi tudo na base do <“zagallismo”> – agora professado, especialmente, por Parreira” (GP, 07/07/14, aspas do autor). Calcado em 'parreirismo', neologismo que define o discurso triunfalista do 'já ganhou', do ex-técnico da seleção Carlos Alberto Parreira. A doutrina de Zagallo assemelha-se, mas é mais incisiva: tudo dará certo porque temos a melhor seleção do mundo, simplesmente porque somos o Brasil.

**-ete:** define a relação de pertinência, dependência. Largamente utilizado nos meios televisivos:

**Neymarzete** – Eu sou <neymarzete>, com muito orgulho, com muito amooooor”, cantava um grupo de meninas que esperava pela seleção brasileira [...]” (GP, 24/07/14). Calcado na unidade lexical chacrete (dançarina que atua em programas televisivos). Sobre usos recentes do sufixo -ete, Alves (2010, p. 210) afirma: “Personagens do futebol brasileiro também têm suas admiradoras denominadas com o sufixo – etc.”. No contexto, fã do ídolo Neymar.

**-inho/zinho:** formador de substantivos diminutivos, de uso difuso na língua portuguesa. Em certos substantivos adquire uma conotação afetiva, como em mãe, mãezinha. No corpus foi utilizado na formação do apelido neológico.

**Götzinho**, cujo sentido e contextos estão descritos na subseção correspondente.

**-ês:** formador de gentílicos. Hoje é também utilizado para indicar neologismos de campos específicos, como economês, juridiquês etc.:

**Luxemburguês** – “Em nenhum momento esboçou um projeto de futebol – nem mesmo um “pojeto”, recorrendo ao <luxemburguês>”. (GP, 09/07/14). Com o sentido de falar a mesma língua, utilizar o mesmo estilo de fala de Vanderlei Luxemburgo, técnico de diversas equipes de futebol brasileiras.

**-eiro**: sufixo com grande produtividade no português e variável em seus diversos matizes semânticos; entre outros, a indicação de característica pessoal e de profissão. Ex.: mexeriqueiro, doleiro.

**Cafeteiros** – “Os <cafeteiros> fizeram uma campanha irretocável nas eliminatórias, terminando apenas 2 pontos atrás da Argentina e com a melhor defesa da competição” (RV, 13/06/14). Neologismo utilizado para especificar os jogadores da Colômbia.

**-aço**: sufixo com a acepção de ‘grande’, e também com sentido pejorativo, mas que atualmente denota algo de exageradamente bom ou bonito, como no caso de golaço, mulheraço etc. Encontramos um exemplo desse sufixo, mas como empréstimo do espanhol. Atualmente é muito produtivo, sendo utilizado para especificar grandes derrotas: mineirazo (especificando a derrota da Alemanha). Por exemplo, no jogo do Coritiba contra o Flamengo, no estádio Mané Garrincha, a goleada foi denominada “manezaço”, em referência ao estádio. Nota-se, já nessa formação, a adaptação morfológica à nossa língua.

**Alemaniazo** – “O “Marca”, da Espanha, que estampou “Alemaniazo”, em referência ao Maracanazo, durante a partida, mudou sua manchete para “Eterna desonra” após o fim do jogo” (GP, 08/07/14). Neologismo calcado em *maracanazo*, referindo-se à derrota da seleção brasileira frente à seleção alemã.

**Maracanazo** – “[...] a Colômbia confirmou seu ótimo momento e frustrou as chances de um novo <Maracanazo> uruguaio com um toque de classe de seu camisa dez” (RV, 28/06/14, itálico do autor). Na Copa do Mundo de 1951, no Maracanã, a nossa seleção perdeu a partida para o Paraguai, e foi cunhado, pela imprensa uruguaia, o neologismo *maracanazo*, o qual foi amplamente utilizado também no Brasil. A mesma formação volta a ser cunhada, desta vez pelo jornal *Marca da Espanha*, e adotada pelos jornais brasileiros, em referência à grande goleada infligida pelo time da Alemanha à seleção brasileira.

**-ona** – na origem, um sufixo aumentativo feminino, porém muito utilizado como intensificador.

**Seleção verde amarelona** – “Em segundo lugar, porque nunca Dante na história deste país a <seleção verde amarelona> tomou uma goleada como esta!” (Veja.com 09/07/14). Dado o contexto, é provável que o criador do neologismo tenha querido evocar o sentido conotativo que tem o verbo amarelar quando usado com o sentido de acovardar.

### **Truncação**

Neologismos formam-se também em processos de truncação, que consiste na abreviação de uma palavra e na sua conseqüente junção formando uma nova palavra, como em “narcodependente”, no qual a palavra ‘narcótico’ está truncada e adicionada à palavra “dependente”, adquirindo o significado de pessoa que está sujeita ao uso de entorpecentes. Essa mesma formação encontra-se na lexia ‘narcotráfico’, já dicionarizada. Esse processo é denominado palavras-valise por Alves (1980), cruzamento morfológico por Henriques (2007) e cruzamento vocabular por Sandmann (1990). Esse autor

considera tal processo “um tipo de composição, distinguindo-se desta porque seus elementos formadores, todos ou ao menos um, sofrem diminuição de seu corpo fônico” (SANDMANN, 1990, p. 76). Entre os exemplos de truncação encontramos:

**Flalemanha** – “No último par de meses, a camisa <“Flalemanha”> superou as vendas da camisa 1 do clube carioca no Brasil, segundo a Adidas, patrocinadora das duas equipes” (RV, 11/07/14, aspas do autor). Supressão de parte da palavra ‘Flamengo’ mais a junção do nome ‘Alemanha’. Esse neologismo deriva do nome dado à camisa rubro-negra da Alemanha pela sua semelhança com a camisa oficial do time do Flamengo do Rio de Janeiro.

**Fuleco** – “Fuleco em pedaços: passageira é flagrada com carne de tatu” (GE, 10/07/14). Nome dado à mascote da Copa do Mundo no Brasil. A mascote é inspirada no tatu-bola *Tolypeutes tricinctus*, (L.), espécie em extinção, e que ao se sentir ameaçado se encolhe em forma de bola. O neologismo é formado pela truncação das palavras ‘futebol’ e ‘ecologia’ e foi criado pelo setor de marketing da Fifa (GE,25/11/2012).

### *Neologismos por empréstimos*

Consiste no emprego de palavras de outra língua. É visto como não pertencente à língua vernácula, pois foge aos padrões de uso e não pertence ao acervo lexical do idioma. É diferente dos processos autóctones da língua, que obedecem às normas de produção linguística.

**Persieing** – “[...] chegaram a criar o verbo “persieing” para descrever o movimento do centroavante para marcar o gol de peixinho” (GP, 18/06/14,



aspas do autor). Verbo criado pelos internautas e registrado pelo jornal, para denominar literalmente o deslocamento feito por Robin van Persie, jogador da Alemanha ao fazer o gol. Nesse processo, também ocorre a transformação de nome próprio em nome comum.

**Blitzkrieg** – “A <blitzkrieg> alemã no primeiro tempo terminava com um saldo brutal: mesmo com menos tempo de posse de bola, 47% contra 53%, dez finalizações e 210 passes trocados” (Veja.com 10/07/2015). Empréstimo do alemão, usado para fazer referência ao ataque relâmpago da seleção alemã em cima da seleção canarinho, não dando chances aos jogadores brasileiros de reagirem.

### *Estranhamento lexical*

O estranhamento lexical, conforme nosso entendimento, consiste num processo de criação lexical do ponto de vista da forma e não do significado. Assim, um neologismo formado por esse processo nos soa estranho, apesar de todos os elementos serem sentidos como pertencentes à nossa língua. No estranhamento, nota-se a adoção de uma forma alternativa à da grafia original que adquire conotação expressiva. No caso do neologismo *pojeto* há uma mimetização da fala de Luxemburgo.

**Pojeto** – “Em nenhum momento esboçou um projeto de futebol – nem mesmo um <“pojeto”>, recorrendo ao luxemburguês” (Gazeta do povo, 09/07/2015, aspas do autor). Ocorre aí a perda de uma consoante, para tornar a escrita mais próxima do modo como Luxemburgo fala, como foi explicado acima.

**Fredeu geral** – “<Fredeu geral!!!!>” (Veja.com 09/07/14). Nesse neologismo lúdico, existe o acréscimo de uma consoante causando o estranhamento, mas o sentido semântico é bastante compreensível, pois remete à expressão chula “fudeu geral”, usada com o significado de se dar mal em um empreendimento. O autor faz um trocadilho com o palavrão e o apelido do jogador da seleção brasileira Frederico C. Guedes, mais conhecido como Fred, que não teve uma boa atuação, a qual foi muito criticada pela torcida.

**Demüllerdor** – “[...] faz um trocadilho com o nome de Thomas Müller, artilheiro e autor do primeiro gol alemão na partida: <“Demüllerdor”>. (GE, 08/07/14, aspas do autor). Existe o trocadilho com o nome do jogador e a unidade lexical ‘demolidor’, “aquele que ou o que provoca demolição” (HOUAISS, 2009). O sufixo -or é utilizado, no contexto, para descrever a atuação de Thomas Müller, autor do primeiro gol da Alemanha, naquela que seria a maior derrota da sSeleção em uma Copa do Mundo. A expressão foi cunhada pelo jornal argentino *Olé*, e amplamente difundida pelos meios de comunicação brasileiros.

**Malemale** – “A troca de comissão técnica, por si só, não tem poder revolucionário, <malemale> é um ponto de partida (VEJA, 11/07/2014, aspas do autor). O criador modifica a conjunção adverbial ‘mal-e-mal’, reforçando o seu sentido pela eufonia resultante.

### *Apelidos neológicos*

**Laranja mecânica** – “Dois dos gols da vitória da <Laranja Mecânica> foram marcados ainda na primeira etapa, por Van Persie [...]” (GP, 12/07/14). Apelido

dado à seleção holandesa na copa de 1974 em virtude de seu futebol acurado, harmonioso e eficiente. Não é descartada a possibilidade de haver dupla interpretação: a ligação com o uniforme, de cor laranja, somada à precisão com a qual jogava a equipe de Cruyft. O apelido foi reutilizado nesta copa.

Outros exemplos são os dos apelidos abaixo:

**Equipe das quinas** – “Se empatarem, a <equipe das quinas> estará automaticamente eliminada, independentemente do jogo contra Gana” (GP, 23/06/14, aspas do autor). Em referência à seleção portuguesa, cuja bandeira leva cinco escudos (quinas) das armas do País.

**Tanques alemães** – “Esperamos jogar a final com os <tanques alemães> contra os quais já pudemos (vencer) – disse relembrando a decisão do Mundial de 1986” (GE, 08/07/14). Referência metafórica ao poder bélico da Alemanha na 2ª. Guerra, aplicado à força da seleção alemã na derrota do Brasil.

**Götzinho** – “Götzinho veio ao Brasil pela primeira vez neste Mundial, mas sua relação com o país é antiga. Habilidade, ganhou o apelido de <Götzinho> logo que estreou como profissional [...]” (RV, 14/07/14, aspas do autor). Trata-se de um diminutivo carinhoso dado pela torcida ao jogador da seleção alemã Mario Götze, em virtude do seu bom futebol.

#### 4. Considerações finais

Verificamos, nesta pesquisa, que, a todo o momento, criam-se formas neológicas na mídia e que o brasileiro tem essa propensão jocosa na criação de novas palavras, sobretudo em se tratando da área esportiva. Talvez a criação de tantos neologismos lúdicos na Copa de 2014 se deva ao fato de o Brasil ter

perdido vergonhosamente a taça tão almejada. Esse megaevento deu vazão a uma explosão de palavras com novas significações, a neologismos, talvez ocasionais, mas que refletem o caráter inventivo e lúdico dos usuários do idioma. Baseando-nos em Alves (2014), confirmamos que a criação de um neologismo lúdico se processa com a junção de elementos estranhos entre si que resvalam para a jocosidade, provocando estranheza. Os criadores dos neologismos verificados nesta pesquisa confirmam a grande capacidade de manipular a nossa língua, brincando e criando ludicamente novos neologismos. São, na realidade, pessoas que conhecem bem os mecanismos da sua arte: a de criar palavras.

Ao finalizarmos nossa pesquisa, chamaram-nos a atenção as ocorrências que não puderam ser totalmente analisadas adotando-se estritamente o critério lexicográfico: os apelidos neológicos, os casos em que a neologia incide não sobre a palavra em si, mas sim sobre blocos de palavras – expressões ou termos – já usuais no meio futebolístico, porém não registrados em obra lexicográfica. São resultados que aconselham a não utilização do critério lexicográfico como critério único para a identificação de neologismos.

## Referências

ALVES, I. M. **Neologismo** – criação lexical. 2. ed. São Paulo: Ática, 2004.

\_\_\_\_\_. A observação sistemática da neologia lexical: subsídios para o estudo do léxico. In: **ALFA**. São Paulo, 50 (2): 2006, p. 131-144.

\_\_\_\_\_. O sufixo –ete no português brasileiro contemporâneo. In: **Acta et Linguística**. João Pessoa: Editora UFPB, v. 15, n. 1, 2010. p. 216-235. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/actas/article/view/14658/8310>. Acesso em: 10 out. 2014.

\_\_\_\_\_. Neologia e ludicidade: a construção de compostos lúdicos no português brasileiro. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia, v. 7. 1. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2014, v. 7, p. 117-128.

BIDERMANN, M. T. C. **Teoria linguística**: teoria lexical e linguística computacional, 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

AULETE. **Dicionário Aulete Digital**. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>. Acesso em 10. out. 2014.

CAMPOS, S. M. M. Malabarismos lexicais na literatura: os neologismos visitam a sala de aula. In: **Anais do SIELP**, v. 2, n. 1. Uberlândia: Edufu, 2012, p. 1-12. Disponível em: [http://www.ileel2.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/07/volume\\_2\\_artigo\\_277.pdf](http://www.ileel2.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/07/volume_2_artigo_277.pdf). Acesso em: 15 ago. 2014.

GLOBO ESPORTE. **Mascote oficial da Copa do Mundo 2014**. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2012/11/mascote-oficial-da-copa-do-mundo-de-2014-tatu-bola-ja-tem-nome-fuleco.html>. Acesso em: 2 jan. 2016.

GUILBERT, L. **La créativité lexicale**. Paris: Larousse, 1975.

HENRIQUES, C. C. **Morfologia**. Rio de Janeiro, Campus, 2007.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua portuguesa**. 2009. CD Room.

KLAJN, I. **Influssi inglesi nella lingua italiana**. Firenze: Leo S. Olscki Editori, 1972.

LEWIS, M. **Implementing the lexical approach**. Putting theory into Practice. Boston, USA: Thompson Heinle Series. Language Teaching Publications, 2002, 224p.

MATUDA, S. **Futebóis**: uma análise do léxico do futebol em português brasileiro e inglês britânico sob a perspectiva da Linguística de Corpus. 2015. 332p. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução). Departamento de Letras Modernas, FFLCH, USP.

MIGLIORINI, B. Una lingua in margine alla lingua. In: BALDINI, M. (org.). **Il linguaggio della pubblicità**. Le fantaparole. Roma: Armando, 2003.

RIVA, H. C. O levantamento de neologismos fraseológicos. In: **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia** vol.1. ORTIZ ALVARES, M. L. (org.). Campinas: Pontes, p. 313-354.

SABLAYROLLES, J.-F. La néologie en français contemporain. In: **Innovazione Lessicale e terminologie specialistiche**. ADAMO, G.; DELLA VALLE, V. (orgs.). Firenze: Leo S. Olschli Editore, 2003.

SANDMANN, A. J. **Morfologia lexical**. São Paulo: Contexto, 1990.

SEIDE, M. S.; DURÃO, A. A. B. A abordagem lexical no ensino de língua portuguesa. **Revista GTLex**, Uberlândia, v. 1, n. 1 jul./dez. 2015, p. 11-32. Disponível em: [www.seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/download/31541/17876](http://www.seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/download/31541/17876). Acesso em: 21 nov. 2016.

TRECCANI. **Vocabolario Treccani**. Disponível em: <http://www.treccani.it/vocabolario/>. Acesso em 10 set. 2014.

Recebido em janeiro de 2017.

Aprovado em fevereiro de 2017.

## Expressões idiomáticas em dicionários bilíngues francês-português do Brasil: uma análise comparativa por amostragem das letras A e P<sup>1</sup>

Idioms in French-Brazilian Portuguese bilingual dictionaries:  
acomparative analysis by sampling of A and P

Maria Cristina Parreira\*  
Maria Camila Robayo García\*\*  
Júlia Garcia Chrispolim\*\*\*

**RESUMO:** A colaboração internacional de uma equipe de pesquisadores brasileiros, atuantes na área de francês, com a editora israelense *K Dictionaries*, na transposição de um dicionário bilíngue (DB) Francês-Português de variante europeia, para nova versão em Francês-Português do Brasil (PB), possibilitou a realização da pesquisa ora apresentada. Em etapa anterior, foram traduzidas doze mil entradas da nomenclatura do francês para o PB, do DB publicado na Europa e, desse material, foram compiladas por Alves (2012) as unidades fraseológicas em planilha .XLS, resultando em 2.696 ocorrências (doravante *corpus Kernerman*). Autores como Zuluaga (1980), Corpas Pastor (1997), Xatara (1998b), Ortiz Álvarez (2000), Biderman (2001, 2005), Krieger (2006), Welker (2006, 2011) e Xatara e Parreira (2011) fundamentaram esta pesquisa no que concerne às definições que envolvem unidades complexas do léxico e dicionários bilíngues. Com o pressuposto de que não há tratamento adequado dessa parcela do léxico nos dicionários, os objetivos deste estudo são, por meio de uma amostragem das

**ABSTRACT:** The international collaboration of a team of Brazilian researchers working in the French area with the Israeli publisher *K Dictionaries*, in the transposition of a French-Portuguese bilingual dictionary (BD) for a new version in French-Portuguese of Brazil (PB), enabled the research presented here. In a previous step, twelve thousand entries of the French nomenclature were translated into the PB of the BD published in Europe and, this material generated a corpus of phraseological units that were compiled by Alves (2012), into .XLS files, in a new corpus, here called *Kernerman corpus*, resulting in 2696 occurrences. Authors like Zuluaga (1980), Corpas Pastor (1997), Xatara (1998b), Ortiz Alvarez (2000), Biderman (2001, 2005), Krieger (2006), Welker (2006, 2011) and Xatara and Parreira (2011) based this research, regarding the definitions that involve complex units of the lexicon and bilingual dictionaries. With the assumption that there is no adequate treatment of this portion of the lexicon in the dictionaries, the objectives of this study are, through a sampling of letters A and P

<sup>1</sup> Trabalho realizado com apoio do CNPQ/Pibic processos 30159 e 30298, edital de 2014-2015.

\* Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp/Ibilce – DLEM/PPGEL), [crisrina.parreira@sjrp.unesp.br](mailto:crisrina.parreira@sjrp.unesp.br).

\*\* Graduada pela Unesp (2016), bacharelado em Letras com Habilitação de Tradutor, [cami.roa@gmail.com](mailto:cami.roa@gmail.com).

\*\*\* Graduada pela Unesp (2017), bacharelado em Letras com Habilitação de Tradutor, [juliachrispolim@hotmail.com](mailto:juliachrispolim@hotmail.com).

letras A e P (por seleção aleatória): a) fazer um levantamento das expressões idiomáticas, decorrente da classificação das diferentes unidades fraseológicas compiladas; b) proceder a uma comparação quantitativa e qualitativa das expressões idiomáticas em DB de nomenclatura compatível, já existentes no Brasil, das editoras Larousse (2005) e Melhoramentos (2002), a fim de apontar se a inclusão dessa categoria na nova versão de DB diverge substancialmente daquelas das obras mais antigas. Comprovou-se a discrepância no registro das expressões idiomáticas nos DB, referente ao *corpus Kernerman* e a não sistematização na inclusão na microestrutura dessas obras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Expressões Idiomáticas (EIs). Unidades Fraseológicas (UFs). Dicionário Bilíngue (DB). Francês-Português do Brasil.

(randomly selected): a) to make a survey of the idiomatic expressions, resulting from the classification of the different phraseological units compiled; b) to make a quantitative comparison of idiomatic expressions in bilingual dictionaries of compatible nomenclature, already existing in Brazil, the Larousse (2005) and Melhoramentos (2002) publishing, in order to indicate if the inclusion of this category in the new version of BD differs substantially from those of the older works. It was verified a discrepancy in the registration of idiomatic expressions in BD, referring to the Kernerman corpus and lack of systematization in the inclusion in the microstructure of these dictionaries.

**KEYWORDS:** Idioms. Phraseological Units. Bilingual Dictionary. French-Brazilian Portuguese.

## 1. Introdução

É possível afirmar que, durante os últimos anos, incrementou-se o interesse das pessoas em aprender línguas estrangeiras, tanto para fins acadêmicos quanto para fins culturais ou de lazer, talvez devido à facilidade de contato proporcionada pela Internet. No contexto do processo de aprendizado, o aluno usa inevitavelmente o dicionário bilíngue como ferramenta de pesquisa, pois, segundo Welker (2006b), “Todo aprendiz de línguas, todo professor de línguas, todo tradutor, assim como outras pessoas, usam dicionários, com maior ou menor frequência”. No entanto, embora acreditemos que esse tipo de dicionário consiga satisfazer algumas necessidades do aluno, há certos elementos da língua que são pouco contemplados nessas obras, notadamente as unidades fraseológicas (UFs), tais como colocações, fórmulas, provérbios, mas, principalmente, as expressões idiomáticas (EIs).

No histórico do contexto deste trabalho, houve a colaboração internacional de pesquisadores brasileiros, atuantes na área de francês, que



prestaram um serviço para a editora israelense *K Dictionaries* na transposição de um dicionário bilíngue (DB) Francês-Português de variante europeia para a nova versão em Francês-Português do Brasil. A primeira etapa, iniciada em 2010, consistiu na adaptação, tradução e revisão das entradas de um dicionário bilíngue francês-português europeu (PE) para o português do Brasil (PB) de uma obra monodirecional da editora israelense *K Dictionaries* sob a coordenação de Xatara e Parreira (FERNANDES, XATARA, 2011; MATTOS, 2013)<sup>2</sup>. Numa segunda fase, contando ainda com uma equipe de docentes e estudantes, desenvolveu-se o trabalho técnico da tradução das entradas em francês de aproximadamente mais doze mil unidades lexicais<sup>3</sup>. Na microestrutura proposta, todas as unidades lexicais complexas presentes nos DBs eram colocadas após o símbolo de um losango preto (◆), o que permitiu o levantamento manual dessas unidades, compiladas por Alves (2012), em um arquivo .XLS (*Microsoft Office Excel*), resultando em uma planilha que reunia todas as unidades complexas presentes no dicionário francês-português do Brasil proposto pela *K Dictionaries*<sup>4</sup>. Essa planilha contava com 2.696 linhas e, como em cada linha era registrada uma ocorrência, esse também é o número de ocorrências analisadas no *corpus* desta pesquisa, que batizamos de *corpus Kernerman*. Por meio desse *corpus*, foi possível realizar uma análise preliminar das unidades coletadas, permitindo a identificação das EIs presentes na obra proposta, bem como a obtenção de dados quantitativos e qualitativos com relação a outros DBs preexistentes com a variante brasileira.

Colocar em pauta o tratamento das expressões idiomáticas nos dicionários bilíngues é uma contribuição importante para a área dos estudos do

---

<sup>2</sup> Esse trabalho resultou em publicações de artigos e em uma dissertação de mestrado (FERNANDES, 2012).

<sup>3</sup> Essas traduções foram realizadas em 102 arquivos, nomeados de 1.001 a 1.100, encaminhados pelos editores em HTML e convertidos por alguns membros da equipe em formato .DOC.

<sup>4</sup> O dicionário resultante dessa parceria não foi publicado em papel, apesar dos esforços, mas é possível ter acesso a uma versão on-line em: <http://www.kdictionaries-online.com/>

léxico, dado que são unidades fraseológicas cuja compreensão permite um maior domínio e conhecimento da língua, mais difícil de ser alcançado quando se trata de uma língua estrangeira, pois seu significado não resulta da soma das lexias que as compõem.

Considerando que, de acordo com a conclusão de Biderman (2005, p.756), “é necessário que se faça um amplo e exaustivo estudo das unidades complexas do léxico do português para que elas possam ser adequadamente descritas e registradas nos dicionários”, é de grande valia realizar uma análise dessas unidades nos dicionários bilíngues, sobretudo os pedagógicos, dado que o conhecimento dessas estruturas é indispensável na aprendizagem de uma língua estrangeira e no uso expressivo da linguagem, conforme apontam Zuluaga (1980), Corpas Pastor (1997), Xatara (1998b), Ortiz Álvarez (2000) e Xatara e Parreira (2011).

Munidos dos conceitos desses autores que acabamos de citar, que versam sobre a inclusão e o uso de unidades fraseológicas em DBs, e com o pressuposto de que não há tratamento adequado nem quantitativa nem qualitativamente dessa parcela do léxico nos dicionários, os objetivos deste estudo, que se apresenta por meio de uma amostragem das letras A e P (por seleção aleatória), são: a) fazer um levantamento das expressões idiomáticas por meio da classificação das diferentes unidades fraseológicas compiladas; b) proceder a uma comparação quantitativa e qualitativa das expressões idiomáticas em dicionários bilíngues de nomenclatura compatível, já existentes no Brasil, das editoras Larousse (*Larousse Oui francês-português, português-francês*, 2005) e Melhoramentos (*Michaelis: dicionário escolar francês:francês-português e português-francês*, 2002), a fim de apontar se a inclusão dessa categoria na nova versão de DB diverge substancialmente daquelas das obras mais antigas.

## 2. Contexto teórico: Ciências do Léxico e Fraseologia

Segundo Fernandes (2012), é importante levar em consideração que qualquer trabalho que envolva o manuseio do léxico deve procurar determinar certas noções básicas da área. No que concerne a este estudo, é necessário trazer o conceito de *lexia* que, de acordo com Biderman (2001), entendem-se como as diferentes formas nas quais os *lexemas* aparecem no discurso, e estes se definem como unidade lexical abstrata numa língua, que se manifesta por meio de formas tanto fixas quanto variáveis no discurso. A mesma autora (*ibidem*) ressalta que existem *lexias simples*, quando são formadas por uma única palavra, e *lexias complexas*, quando se formam por duas ou mais palavras.

É impossível tratar do léxico cientificamente sem lidar com questões terminológicas recorrentes, neste caso, um problema que a área sempre enfrenta é o uso de *palavra* como termo, pois, de tão facilmente percebida, é tão complexa para ser definida. Assim, é pertinente lembrar que *palavra* é entendida, nesta pesquisa, como a *unidade lexical* formada por uma ou mais sequências de letras, mas que pressupõe uma unidade de sentido, como relata Fernandes, baseada em Bogaards (BOGAARDS, 2001 apud FERNANDES, 2012). As unidades fraseológicas, por sua vez, compõem-se de mais de uma palavra, mas possuem somente uma unidade de sentido.

No percurso dos estudos linguísticos, a Ciência da Lexicologia é uma área recente, se comparada a outras. Biderman (1984) a definia em seu *Glossário* há mais de três décadas:

Ciência que se ocupa do estudo do vocabulário de uma língua. Ela procura estudar o léxico enquanto sistema, e os seus elementos constitutivos nas suas peculiaridades. [...] A *Lexicologia* tem objetivos teóricos e especulativos. Tenta responder a questões como: o que vem a ser o léxico de uma língua quando confrontado com a gramática dessa mesma

língua? Como ele se estrutura? Como ele se expande? Como se dá o processo de categorização lexical? Como se processa a aquisição e o enriquecimento do léxico de um indivíduo? Como se faz o armazenamento do léxico nas memórias individuais? etc. (BIDERMAN, 1984, p.140)

A mesma autora (*ibidem*, p. 140) aponta que a Lexicologia “Opõe-se à Lexicografia, que procura descrever o léxico, elaborando dicionários para consulta dos usuários da língua”; desse modo, à Lexicografia caberia incorporar os saberes teóricos ao fazer prático, estampado na estrutura das obras lexicográficas.

A Lexicografia bilíngue, por sua vez, é um ramo da Lexicografia que trata do estudo contrastivo de duas línguas. Portanto, levando em consideração as definições mencionadas, este trabalho traz uma análise inicial tanto lexicológica quanto lexicográfica de uma parcela do léxico da língua francesa, cotejado com a variante brasileira do português, para tentar apresentar como ela é tratada nos dicionários bilíngues.

Essa parcela constitui-se das unidades fraseológicas estudadas na Fraseologia, e é entendida como uma subárea da Lexicologia que, segundo Corpas Pastor (1996), dedica-se ao estudo das combinações de palavras. Há discussões mais recentes que evocam a ideia de que a Fraseologia deva ser considerada uma ciência autônoma, mas não vamos tratar dessa questão neste trabalho. Reservamos o termo fraseologia, com letra minúscula, para o conjunto de unidades fraseológicas, e o termo Fraseologia, com letra maiúscula, para a subárea ou ciência. Corpas Pastor (1996) indica que a definição mais apropriada de Fraseologia é encontrada no *Diccionario de la Real Academia Española*<sup>5</sup>, no qual se estabelece como um “conjunto de frases feitas, locuções figuradas, metáforas e comparações fixas, modismos e refrões existentes numa língua, no uso

---

<sup>5</sup> Disponível on-line em <<http://www.rae.es/obras-academicas/diccionarios/diccionario-de-la-lengua-espanola>>.

individual ou de algum grupo”<sup>6</sup> (DRAE apud CORPAS PASTOR, 1996). A autora ainda acrescenta que, para ela, o conceito de Fraseologia vai além, já que inclui todas as combinações que sejam formadas por várias palavras que estejam institucionalizadas, que sejam estáveis em diversos graus e que apresentem certa particularidade sintática ou semântica. Essas características, portanto, definem o que são as unidades fraseológicas, de acordo com Corpas Pastor (1996).

A Fraseologia, seja entendida como disciplina autônoma, seja como um domínio da Lexicologia, tem como objetivo o estudo das unidades fraseológicas, ou seja, de unidades compostas por mais de dois elementos, como é o caso da expressão idiomática, mas também dos provérbios, das fórmulas, dos ditados, das locuções.

Dado que nesta pesquisa selecionamos as expressões idiomáticas, é pertinente destacar que, devido às suas propriedades, as EIs estão em relação hiponímica com as UFs, do tipo ‘uma EI é uma UF’. Segundo Corpas Pastor (1996), as UFs podem apresentar dois tipos de significado: o primeiro é denotativo literal e o segundo é denotativo figurativo, isto é, idiomático. Para a autora, a possível idiomaticidade fraseológica se deve ao significado figurativo que se cria com a combinação dos elementos.

A afirmação de Roberts (1996, p. 183), “o fato de que as EIs e as colocações são mal definidas e classificadas de maneira diferente por certos linguistas e lexicógrafos faz com que se tornem difíceis de serem localizadas e tratadas nos dicionários”<sup>7</sup>, foi comprovada durante a pesquisa, pois, ao buscar fundamentos teóricos que auxiliassem na classificação e delimitação dos

---

<sup>6</sup> Tradução nossa: “Conjunto de frases hechas, locuciones figuradas, metáforas y comparaciones fijadas, modismos y refranes, existentes en una lengua, en el uso individual o en el de algún grupo”. Fonte: <http://dle.rae.es/?id=IPoTKej>.

<sup>7</sup> Le fait que les expressions idiomatiques et les collocations sont mal définies et aussi classifiées différemment par certains linguistes et lexicographes les rendent difficiles à repérer et aussi à traiter dans les dictionnaires.

diferentes tipos de unidades fraseológicas, encontramos apenas propostas e sugestões que ainda não seguem critérios que abrangem todas as nuances dessas unidades heterogêneas. Por conseguinte, decidimos nos limitar a uma classificação mais geral, visando à exequibilidade do projeto (cf. item 3).

A definição de EIs postulada por Xatara (1998a, p.149) parece-nos a mais adequada: “expressão idiomática é uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural”. Cada um desses aspectos pode apresentar maior ou menor grau de precisão. Quanto ao primeiro, podemos descrever melhor quando a autora acrescenta que “as EI são unidades locucionais ou frasais que constituem uma combinatória fechada, de distribuição única ou distribuição bastante restrita, pois se apresentam como sintagmas complexos que não têm paradigmas (...)” (XATARA, 1998a, p.149). A conotação é também um aspecto importante, dado que cada unidade da composição não apresenta seu significado denotativo e isolado, mas sim figurativo, associado a outro contexto. A cristalização pode ter fronteiras variáveis, podendo haver EIs de contornos bem precisos e outras em que se admite a inserção ou a permuta de unidades. Além disso, as EIs, culturalmente marcadas, constituem o tesouro lexical do idioma.

Isto posto, acreditamos ser essencial conhecer e entender as EIs tanto na própria língua como numa língua estrangeira. Além disso, esperar-se-ia que os dicionários bilíngues contemplassem as UFs na sua nomenclatura de modo sistemático e organizado, obviamente considerando um critério de inclusão, como a frequência. Nesse sentido, é relevante ressaltar o que nos diz Xatara (1998a, p. 153): “O sistema de inclusão dos idiomatismos nos dicionários gerais, por exemplo, ainda não é sistemático, normalmente havendo objeções quanto à extensão da nomenclatura, se as EI vierem como entradas, ou quanto à extensão dos verbetes, se vierem como subentradas”.

Logo, se há falta de sistematização na inclusão das EIs nos dicionários gerais, uma situação mais delicada se apresenta no que concerne à inclusão de EIs nos dicionários bilíngues, mais ainda nos pedagógicos, uma vez que não há critérios específicos que determinem como seria realizada tal inserção e menos ainda como seria realizada sua tradução, como aponta Xatara (1998a, p. 153) no desenvolvimento de suas reflexões sobre os problemas práticos com relação às EIs: “somente um pequeno número dessas unidades cristalizadas constam num dicionário bilíngüe, sendo especificadas com traduções também freqüentes e cristalizadas – sempre que possível –, a fim de se favorecer a construção de enunciados na língua estrangeira”. Um dos óbices é a concisão com que se costuma produzir essas obras.

A propósito, convém trazer aqui o conceito que se tem de dicionários bilíngues, ao mesmo tempo importante instrumento de registro das informações linguísticas e culturais e objeto ativo na aprendizagem de línguas estrangeiras. Segundo Biderman (1984, p.138), o dicionário bilíngüe é uma obra “que trata da correspondência das palavras entre duas línguas, procurando indicar a tradução de um termo de uma língua na outra língua considerada”. Já em Dubois (1997) não se faz a distinção dos dicionários bilíngues dos plurilíngues, sendo definidos esses últimos como os representantes mais antigos da reflexão lexicográfica. Do mesmo modo, afirma-se que repousam no postulado “da correspondência termo a termo entre duas ou várias línguas estrangeiras” (*ibidem*), fundamental no processo tradutório, acrescentando que esse postulado é tratado de uma forma bastante simples, na maioria das vezes, embora saibamos que é algo muito complexo. Por conseguinte, percebe-se uma grande dificuldade na utilização dos DBs, devido a uma possível abordagem simplista com a qual eles são feitos e às lacunas de informação que lhes são características, lamentavelmente.

Os dicionários plurilíngues, por sua vez, limitam-se à tradução das palavras, como o afirma Alvar Ezquerro (1981), portanto, o tratamento que eles dão às estruturas mais complexas das línguas, como as unidades fraseológicas, é insatisfatório e insuficiente para o estudante de língua estrangeira, de modo que, mesmo com toda a problemática, o DB ainda é o material contrastivo mais adequado como apoio ao ensino-aprendizagem de línguas.

Welker (2011) aponta vários problemas a respeito do tratamento das EIs nos dicionários gerais, recorrentes também em DBs, admitindo que mesmo quando estão presentes na nomenclatura do dicionário, muitas vezes o consulente não consegue saber onde e como encontrá-las. Uma das questões abordadas pelo autor é o fato de que as EIs são reiteradamente apresentadas nos dicionários gerais de forma errônea, com informações que não auxiliam o consulente para seu uso adequado (WELKER, 2011). Essa dificuldade é ainda mais perceptível nos DBs, pois, como assegura Alvar Ezquerro (1981), geralmente os DBs contêm um terço menos de léxico do que aquele presente num dicionário monolíngue do mesmo tamanho.

Vários percalços surgem no momento de considerar a inclusão das EIs numa obra lexicográfica, tanto monolíngue quanto bilíngue. Welker (2011) aponta alguns deles, tais como a escolha do verbete no qual devem ser incluídas (e se forem constituir uma entrada, qual seria a forma canônica?), a explicação do seu significado/tradução, a falta de espaço físico para sua inserção na microestrutura, somando-se à importância de explicitar suas marcas de uso.

Por fim, não podemos deixar de mencionar a Metalexigrafia, ou Lexicografia Teórica, área que tem um desenvolvimento recente, que cuida de estudar, analisar e criticar problemas relativos a dicionários, pesquisar a história da lexicografia e o uso de dicionários, bem como a tipologia das obras lexicográficas (WELKER, 2006a).



Entre os avanços que os estudos metalexiconográficos apontam, Krieger et al. (2006) nos informam que somente no século XX houve o surgimento dos primeiros dicionários de língua que privilegiavam a variante do português falado no Brasil. Seria possível afirmar, no que diz respeito aos dicionários bilíngues de francês-português no Brasil, que os primeiros DBs que traziam a preocupação de tratar da variante do português brasileiro surgiram também nessa época, como o Burtin-Vignoles (1942), Rónai (1989), mas somente na década de 90 foi publicada uma obra com o diferencial da variante brasileira incluído no título, como é o caso do *Dicionário brasileiro francês-português/português-francês* (SIGNER, 1998).<sup>8</sup>

Tendo em vista esse cenário, este trabalho colabora ao colocar o assunto em foco, podendo culminar em estudos mais aprofundados sobre um dos aspectos importantes nos DBs, o tratamento das UFs, principalmente das EIs. No próximo tópico, vamos expor os procedimentos metodológicos adotados.

### 3. Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa hipotético-dedutiva, de cunho quantitativo e qualitativo e comparativa, partiu da hipótese de que os dicionários bilíngues usados no Brasil pelos aprendizes de língua francesa não fazem um tratamento adequado nem quantitativa nem qualitativamente das UFs, notadamente das EIs, e vislumbra que novos projetos venham a cobrir essa lacuna.

O estudo foi realizado por uma equipe de pesquisadores, graduandos e pós-graduandos. Especificamente para os dados ora averiguados, houve, em pesquisa prévia, a colaboração de uma graduanda (ALVES, 2012) que compulsou manualmente 102 arquivos .DOC (numerados de 1.001-1.100, de A a

---

<sup>8</sup> BURTIN-VINHOLES, S. *Dicionário francês-português, português-francês*. São Paulo: Globo, 1942; RÓNAI, P. *Dicionário francês-português, português-francês*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1989; SIGNER, R. *Dicionário brasileiro francês-português / português-francês*. São Paulo: Oficina de Textos, 1998.

Z), culminando na elaboração de uma planilha .XLS com 2.696 linhas e que continha toda a fraseologia presente na nomenclatura em apreço. Essas unidades eram sinalizadas com um losango preto [◆], por isso foi possível usar o recurso *localizar* do Word for Windows para identificar a inclusão das unidades. O cabeçalho dessa planilha tinha a seguinte configuração, conforme se observa na Figura 1:

Figura 1 – Cabeçalho da planilha da coleta do *corpus* em Alves (2012).

Seleção das expressões traduzidas no corpus do dicionário Fr./PB da K Dictionaries					
Nº. de ordem	Arquivo de origem	Palavra-entrada	Expressão em Francês	Equivalente em PB	Classificação

Na coleta realizada por Alves (2012), foram preenchidas todas as colunas, exceto a última, que ficou a cargo dos autores deste artigo. Para a distribuição do trabalho, dada a quantidade de dados a verificar e o volume de trabalho, o estudo se subdividiu em duas partes – letras A-J (1.340 ocorrências) e K-Z (1.356 ocorrências), sendo que, para este artigo, destacamos uma amostragem da análise das letras A e P (203 e 289 ocorrências, respectivamente) por meio de uma escolha aleatória, mas também por apresentarem um número de ocorrências similares.

Cumprida a etapa da análise do *corpus* das 2.696 ocorrências, na qual, por meio da classificação das unidades fraseológicas, chegava-se ao reconhecimento e à seleção das EIs, procedeu-se à verificação, nos DBs escolares francês-português (LAROUSSE OUI, 2005 (DBLO) e MICHAELIS, 2002 (DBMM)), da presença na microestrutura das EIs selecionadas.

O caráter quantitativo e qualitativo se deve ao fato de pesquisarmos sobre as EIs e de informarmos os dados numéricos comparativos das expressões encontradas no *corpus Kernerman*, e estas, verificadas nos dicionários bilíngues escolares, permitindo, com esses dados, esboçar uma avaliação da qualidade da

obra no que diz respeito à “inclusão de EIs”. O critério da comparação também aparece no momento das verificações entre os DBs, apontando quais EIs foram encontradas e em qual fonte, e quais não são contempladas nas obras escolares.

Como o *corpus* foi tratado na plataforma Excel, produto da Microsoft Office®, foi possível utilizar recursos como o autopreenchimento, o filtro para buscar apenas as unidades selecionadas, a criação e a validação de dados e, ao final das análises, os dados registrados foram apresentados em forma de gráficos. Não nos deteremos na explicação de todos esses recursos porque alguns são comuns no referido programa. Destacaremos apenas a validação.

A ferramenta de validação de dados permite estabelecer uma série de critérios elencados numa lista suspensa, a fim de agilizar o preenchimento da coluna e de manter um padrão no processo de análise. Com ela, cria-se uma lista suspensa com as opções de preenchimento e o pesquisador apenas seleciona a desejada. Elaboramos uma lista classificatória das unidades fraseológicas, ou outras combinatórias presentes no *corpus Kernerman*, em uma coluna e acrescentamos outra denominada de ‘Fonte’, na qual foram indicados os dicionários ou a fonte de busca utilizados para identificar as EIs. Esse procedimento foi um critério útil, sobretudo nos casos de dúvida se a expressão seria ou não idiomática, pois funcionou como um *corpus* de referência para validar as decisões. Seguimos o critério, mesmo que, às vezes, não tenhamos concordado totalmente com o resultado.

As classificações foram realizadas de acordo com as seguintes definições: a) Locução: não idiomática, não tem conotação, não cristalizada (presença frequente de uma preposição), mas que pode ser considerada fraseologismo, segundo a linha espanhola (CORPAS PASTOR, 1996); b) Expressão Idiomática: idiomática/com conotação, cristalizada/fixa, indecomponível; c) Provérbio: não necessariamente com conotação, cristalizado, indecomponível, tradição

histórico-cultural, com indicação de conselho-moral-licção, em um discurso completo; d) Colocação: palavras que se combinam entre si, de forma única, mas que não são cristalizadas ou indecomponíveis; e) OUTROS: unidades de classificação diferente das anteriores, por exemplo: nomes próprios<sup>9</sup>; f) RVN: Informação gramatical (regência verbo-nominal/*construction nominale* e/ou *verbal*) – encontradas com frequência no *corpus*, considerado fraseológico, de acordo com uma definição ampla de fraseologia. Assim, na coluna das classificações das UFs, por meio da validação de dados, as opções apresentadas foram: “Locução”, “Expressão Idiomática”, “Provérbio”, “Colocação”, “Outros” e “Regências Verbo-Nominais (RVN)”, segundo as características das UFs de serem compostas por duas ou mais unidades (CORPAS PASTOR, 1996). Podemos observar na Figura 2 a interface desse recurso:

Figura 2 – Planilha do *corpus*– “Recurso validação de dados”.

Seleção das expressões traduzidas no corpus do dicionário Fr./PB da K Dictionaries						
Nº. de ordem	Arquivo de origem	Palavra-entrada	Expressão em Francês	Equivalente em PB	Classificação	Fonte
1328	1057	kiosque	kiosque à musique	coreto	Locução	
1329	1057	kir	kir royal	kir royal	Locução	
1330	1057	kit	en kit	em kit para montar	RVN	
1331	1057	kraft	papier kraft	papel kraft	#RVN	
1332	1057	lacté, -ée	voie lactée	via láctea	#Provérbio	
1333	1057	laisser	laisser tomber	deixar para lá	#Colocação	DEI
1334	1057	se laisser	se laisser faire	deixar-se levar	#Outros	GOOGLE
1335	1057	se laisser	se laisser aller	desleixar-se	Locução	
1336	1057	lampe	une lampe de poche	uma lanterna	Locução	
1337	1057	lancée	sur sa lancée a	aproveitando o impulso inicial	EI	EDL
1338	1057	lance-pierre	avec un lance-pierre	engolindo (sem mastigar)	EI	DEI

A classificação parte sempre da UF em francês, sendo que o equivalente em português foi atribuído, nas etapas anteriores, à constituição do *corpus Kernerman*, quase sempre com o critério de manter a mesma estrutura, ou seja, a colocação deveria ser traduzida por colocação, expressão idiomática por expressão idiomática, embora nem sempre isso seja possível.

<sup>9</sup> Encontramos alguns casos, por exemplo: “l’Administration”, que, por ser nome próprio, preferimos incluir em outros.

As EIs foram identificadas segundo a definição de Xatara (1998) e atestadas por meio de pesquisa documental no *Dicionário de Expressões Idiomáticas* (DEI – <[http://www.cnrtl.fr/dictionnaires/expressions\\_idiomatiques/parcourir.php#](http://www.cnrtl.fr/dictionnaires/expressions_idiomatiques/parcourir.php#)>), no *Dicionário de Expressões Idiomáticas do Português do Brasil e de Portugal – Francês da França, da Bélgica e do Canadá* (DEIPF – <<http://www.deipf.ibilce.unesp.br/pt/index.php>>), no *Dictionnaire des Expressions et Locutions*<sup>10</sup> (DLEI), no *Dictionnaire Larousse* (EDL – <<http://larousse.fr/dictionnaires/francais>>) e decorrente de verificações no <[www.google.fr](http://www.google.fr)> por meio da pesquisa de ocorrências em sites não especializados, como o <[www.linternaute.com](http://www.linternaute.com)>. Na Figura 3, ilustramos, com uma tela da letra P, as colunas da classificação das unidades fraseológicas e da coluna de atestação das expressões idiomáticas:

Figura 3 – Planilha do corpus - Amostra da classificação das UFs e atestação das EIs.

	A	B	C	D	E	F	G
22	1654	1069	parler	parler de	falar de	#RVN	
23	1655	1069	parleur	beau parleur	bem-falante	EI	DEI
24	1656	1069	parole	les paroles	letra	#Outros	
25	1657	1069	part	prendre part à qqch	tomar parte em algo	EI	DLEI
26	1658	1069	part	faire part de qqch à qqn	dar parte de / participar algo a alguém	EI	DLEI
27	1659	1069	part	pour ma part	de minha parte	Locução	
28	1660	1069	part	à part	de parte	Locução	
29	1661	1069	part	de la part de qqn	da parte de alguém	Locução	
30	1662	1069	part	d'une part... d'autre part...	por um lado...por outro	Locução	
31	1663	1069	part	de toutes parts	de todos os lados	Locução	
32	1664	1069	partagé, -ée	être partagé	estar dividido	#Colocação	
33	1665	1069	partager	partager l'avis de qqn	compartilhar das ideias de alguém	EI	DLEI
34	1666	1069	partant	être partant pour	estar pronto para	Locução	
35	1667	1069	parti	prendre parti pour	tomar partido por	EI	DLEI
36	1668	1069	parti	tirer parti de	tirar partido de	EI	DLEI

Quanto aos casos que suscitavam dúvida de classificação, eram marcados com realce amarelo e discutidos pelo grupo até chegar a uma decisão,

<sup>10</sup> REY, A.; CHANTREAU, S. *Dictionnaire des expressions et locutions*. Paris: Le Robert, 1989.

mas sempre na questão da identificação das EIs. Usamos o realce de cor verde escura para identificar a última entrada de cada letra. Todas as expressões idiomáticas encontradas foram reunidas em um novo arquivo .XLS dividido em colunas denominadas: a) número de ordem; b) arquivo de origem; c) palavra-entrada; d) EI em francês; e) equivalente em PB; f) classificação (foi usado o filtro para selecionar somente as EIs); g) fonte da EI; h) dicionário bilíngue verificado (1. DBLO e 2. DBMM). Nesse último item, mesclamos as colunas H-K, sendo que duas colunas com as siglas DBLO e DBMM se subdividiam em uma coluna com a marca 'X', que indicava a presença e a marca '-', que apontava a ausência (H/J), além de outra coluna com a transcrição da unidade lexical de entrada da EI (I/K), como se pode conferir na Figura 4:

Imagem 4 – Planilha do corpus - Amostra das colunas dos DBs.

	A	B	C	D	E	F	G	H				I	J	K
1	Nº. de ordem	Arquivo de origem	Palavra-entrada	Expressão em Francês	Equivalente em PB	Classificação	Classificação	Dicionário						
2								DBLO		DBMM				
3	1639	1068	paix	laisser qqn en paix	deixar alguém em paz	EI	DLEI	X		laisser	X		laisser	
4	1653	1069	pareil, -eille	rendre la pareille à qqn	fazer o mesmo a alguém	EI	DEI	X		rendre	X		rendre	
5	1655	1069	parleur	beau parleur	bem-falante	EI	DEI	X						
6	1657	1069	part	prendre part à qqch	tomar parte em algo	EI	DLEI	X		part	X		prendre	
7	1658	1069	part	faire part de qqch à qqn	dar parte de / participar algo a alguém	EI	DLEI	X			X		part (d'une naissance, d'un mariage)	
8	1665	1069	partager	partager l'avis de qqn	compartilhar das ideias de alguém	EI	DLEI	X						
9	1667	1069	parti	prendre parti pour	tomar partido por	EI	DLEI	X		parti	X		parti	
10	1668	1069	parti	tirer parti de	tirar partido de	EI	DLEI	X		parti	X		parti	
11	1669	1069	parti	prendre le parti de faire qq	tomar o partido de fazer algo	EI	DLEI	X						

A verificação das colunas I e K permitiu obter a informação de como se organiza, em cada obra, a presença da EI em diferentes palavras-entradas, pois nem sempre as diferentes obras são homogêneas na seleção da unidade de inclusão da EI.

Na próxima seção, Análise e resultados, trazemos os dados quantitativos das entradas das letras A e P representados por meio de gráficos extraídos do Excel e, ao final do artigo, nos Anexos, incluímos a lista das expressões

idiomáticas encontradas no *corpus Kernerman* e verificadas nos dicionários bilíngues escolares.

#### 4. Análise e resultados

Concluído o levantamento dos dados e estabelecido o método de análise, além de considerados os objetivos propostos neste trabalho, ou seja, a descrição das UFs contidas nos arquivos das letras A e P da nomenclatura do *corpus Kernerman*, selecionando as EIs e verificando se são registradas e onde são inseridas em dois DBs usados no Brasil, de forma comparativa, nesta seção, trazemos uma síntese das questões mais relevantes verificadas, buscando fomentar uma discussão sobre a inserção e a tradução dessas unidades nos DBs francês-PB.

É necessário mencionar, ao mesmo tempo justificando algumas decisões, que houve uma grande dificuldade no momento de estabelecer os diferentes tipos de UFs e de classificar as EIs, mesmo sendo atestadas em obras e documentos específicos. A primeira dificuldade decorre das divergências teóricas na tipologia das unidades fraseológicas e mesmo das determinações do editor da *K Dictionaries* que considerou, sob a mesma etiqueta, diferentes tipos de fenômenos,<sup>11</sup> assim, a interpretação pode depender do pesquisador. A segunda dificuldade foi encontrada no momento da atestação das candidatas à EI por meio das obras lexicográficas e fraseográficas, quando cotejada com a definição de EI, como apresentada na seção 2, por Xatara (1998a), pois, em alguns casos, não ficava claro se a própria classificação da obra de apoio era fiável. Porém, devido ao volume de trabalho e ao baixo prejuízo que previmos, pois era o caso de aproximadamente 10% dos resultados, optamos por incluir a fonte e considerar a unidade como EI.

A decisão de incluir, como fonte de consulta, a ferramenta de busca do <[www.google.fr](http://www.google.fr)> partiu da dificuldade de encontrar ocorrências das unidades nos dicionários gerais e especiais consultados, por isso usamos esse recurso

---

<sup>11</sup> Como já dissemos, foi necessário criar classificações como “outros” e “RVN – regência verbo-nominal”.

para aumentarmos o âmbito da pesquisa. Mesmo assim, foram delimitadas as fontes aceitáveis no Google.

Desse modo, considerando que, na definição de Xatara (1998a), as EIs são compreendidas como unidades complexas culturais que apresentam indecomponibilidade, conotatividade e cristalização, foram selecionadas aquelas UFs que apresentavam no limite tais características e optamos por classificar as restantes somente como “locuções” na distinção dos tipos de UFs presentes na nomenclatura do *corpus Kernerman*.

O uso do recurso “validação de dados” que o Microsoft Excel® oferece, visando estabelecer critérios elencados numa lista de opções, facilitando a inclusão da opção adequada pelo pesquisador e também padronizando o processo de análise, permitiu o levantamento de uma quantidade relativamente pequena de EIs tendo por base o *corpus Kernerman*. Por derivar de um projeto recente de dicionário bilíngue, esperávamos um resultado um pouco mais expressivo que a soma de 80 EIs para um total de 492 ocorrências analisadas.

Incluímos aqui os resultados gerais, considerando a totalidade do *corpus Kernerman*, ou seja, de A a Z. Das entradas da letra A à letra J (1.340 ocorrências/2.696), retiradas dos arquivos .DOC 1.001 a 1.056, um total de 142 foram classificadas como Expressão Idiomática (pouco mais de 10% do total); destas, 13 eram recorrentes nas nomenclaturas dos dois DBs; apenas 22 constavam no DBLO e 20 no DBMM; e as 113 restantes não foram encontradas nas duas obras. No que concerne às letras K a Z do *corpus* (1.356 ocorrências/2.696), obtidas por meio dos documentos 1.057 a 1.100, foram identificadas um total de 232 EIs (em torno de 17% do total), das quais 31 EIs eram comuns nos dois DBs, 64 constavam no DBLO e 59 no DBMM, e as outras 140 em nenhum deles.



No que tange às letras A e P, foco deste artigo, compreenderam, desse total, respectivamente 203 e 289 linhas, constituindo, assim, duas das fontes mais extensas e representativas do conjunto do *corpus Kernerman*. Contudo, no que se refere à extração das EIs, na letra A, classificamos apenas 9 (menos de 5%), enquanto na letra P identificamos 71 (em torno de 25%). Ilustramos, por meio dos gráficos 1 e 2, a classificação das unidades fraseológicas das letras A e P:

Gráfico 1 – Classificação das unidades fraseológicas da letra A.

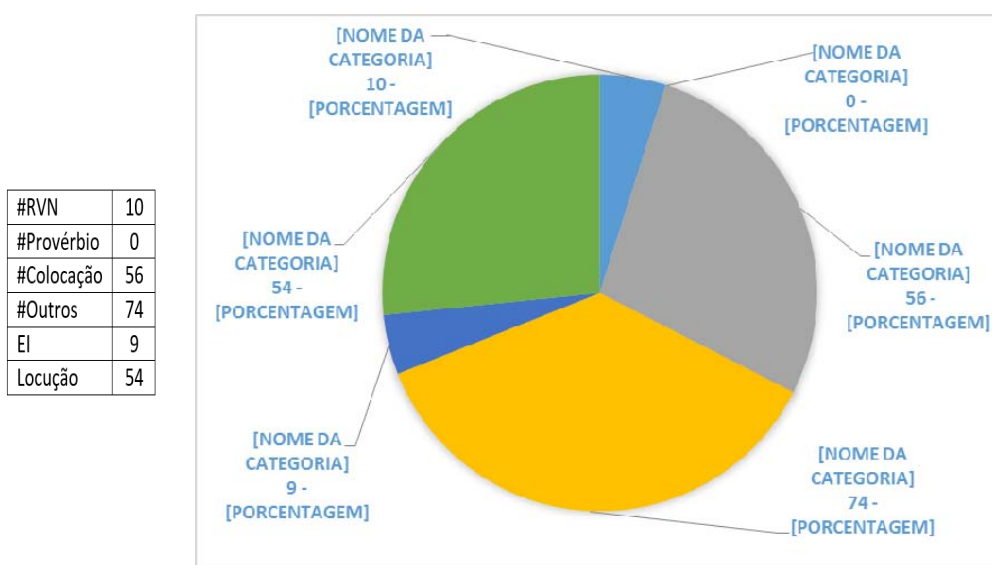
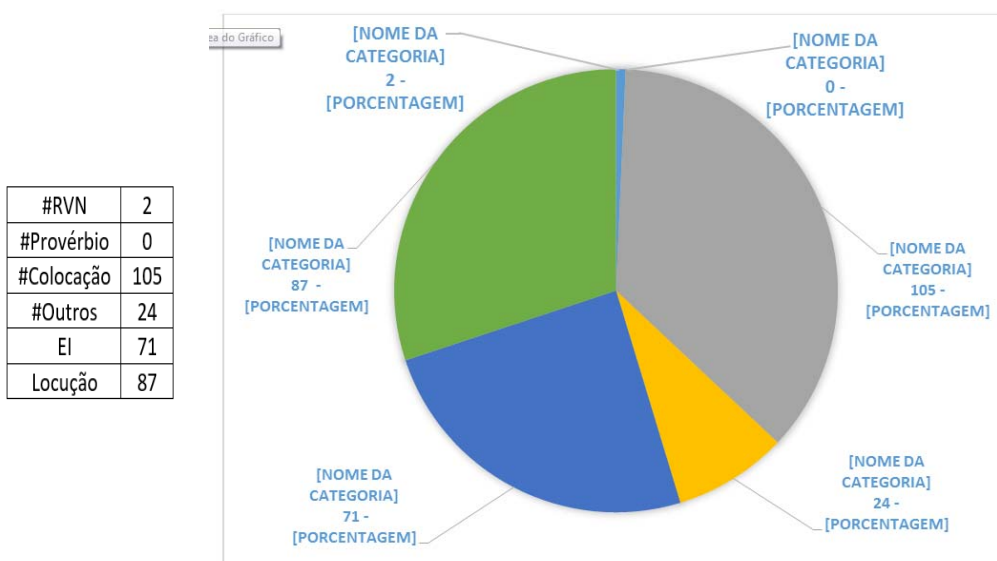


Gráfico 2 – Classificação das unidades fraseológicas da letra P.



Por meio da análise prévia de todas as unidades compostas e complexas presentes no *corpus*, evidenciamos a presença de elementos que talvez não pudessem ser incluídos na categoria de fraseologismo, pelo menos dependendo do posicionamento teórico do pesquisador. Eram os casos de *lexias* que, quando acompanhadas de um artigo ou escritas com a primeira letra em maiúscula, adquiriam um outro sentido, como ocorreu em *les actualités, l'Administration, les affaires, les paroles*, por exemplo. Esses casos eram realçados em cor verde clara no arquivo .XLS e considerados como #outros. Uma inclusão no *corpus* que pode ser considerada como engano foi a de *appeler qqn*, um verbo que não continha preposição, tipo previsto por nós como #RVN; talvez tenha ocorrido uma mistura de níveis linguísticos ao incluir 'verbo + objeto' e não 'verbo + preposição'.

Assim, apesar da aproximação de ocorrências selecionadas nos dois intervalos das letras A e P, foi identificado um número discrepante de EIs, se consideradas as duas letras, mesmo se considerarmos a diferença de 86 linhas a mais para a letra P (9 EIs para a letra A/203 e 71 para a letra P/289). A razão dessa discrepância poderia ter sido por questões inerentes à própria linguagem (algumas iniciais e palavras são mais produtivas que outras) e, neste caso, não haveria o que criticar, ou poderíamos sugerir que foi uma falha na elaboração do dicionário, pois a inclusão da EI é realizada não por uma ordem alfabética inicial, mas interna, por um dos elementos que a compõe, geralmente um substantivo ou um verbo. Por exemplo, se observarmos as listas dos anexos I e II, perceberemos que muitas EIs que constam da letra P poderiam ter sido incluídas em outras letras.

Para atingir o segundo objetivo, por meio do levantamento das EIs presentes no subconjunto das letras A e P, confrontamos o resultado verificando os dados quantitativos de sua presença nas nomenclaturas dos dicionários DBLO e DBMM, como se pode observar na Tabela 1 e nos gráficos 3 e 4, na sequência:

Tabela 1 – Comparação EIs no *corpus Kernerman* e nos DBLO e DBMM.

EIS DO CORPUSKERNERMAN	DBLO	DBMM	DBLO + DBMM
Letra A – 9 EIs	3	1	1
Letra P – 71 EIs	24	20	11

Gráfico 3 – Letra A: Comparação EIs no *corpus Kernerman* e nos DBLO e DBMM.

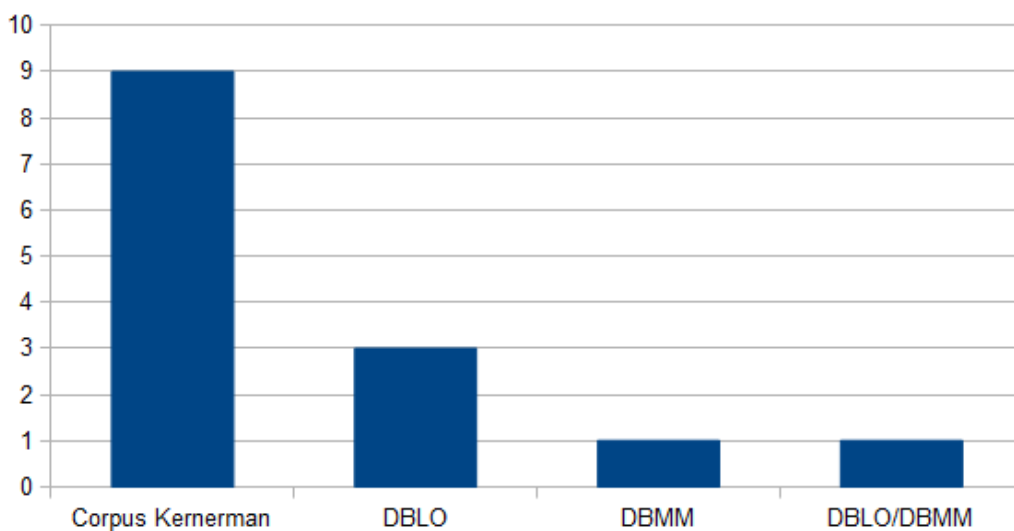
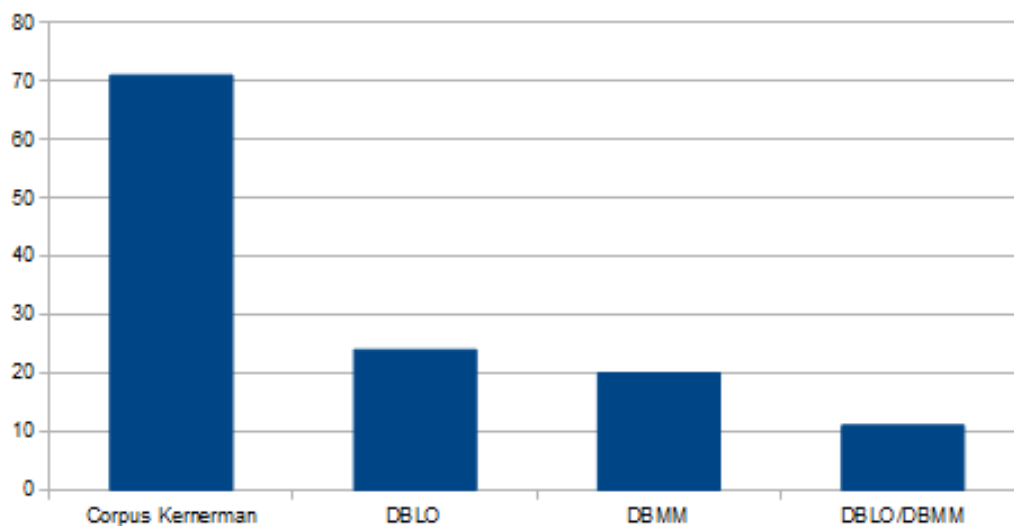


Gráfico 4 – Letra P: Comparação EIs no *corpus Kernerman* e nos DBLO e DBMM.



Nos dois dicionários analisados, evidenciou-se que a presença das EIs mais frequentes da língua francesa e mais próximas do português era mais comum, principalmente no que concerne às traduções, mas ainda bastante escassa. Cientes de que nada é óbvio no ensino de língua estrangeira e da necessidade de se considerar o critério da frequência, acreditamos que as diferenças culturais mais marcantes podem ter sido negligenciadas, se tomada essa atitude consciente de inserir o que for mais semelhante. Certamente pode haver outras expressões idiomáticas que não constavam no *corpus Kernerman* e que poderiam ser registradas, o que sugere a necessidade de se fazer novos estudos comparativos em diferentes perspectivas.

Comparada a nomenclatura do *corpus* e dos DBs, podemos julgar que encontramos poucas entradas que traziam expressões idiomáticas em seus verbetes. Os dados obtidos também mostram que falta uma sistematização no momento de inserir as EIs nos DBs. Apesar de os dicionários, o DBLO e o DBMM, contemplarem algumas delas nos seus verbetes, notamos que não há nenhum critério evidente a respeito do lugar onde devem ser colocadas, da tradução que lhes é atribuída ou de quando se opta por uma definição (não haveria mesmo um equivalente na outra língua?).

Corroboramos a noção de que as EIs são importantes mecanismos de aprendizagem de língua estrangeira, por um lado, porque denotam no seu usuário um conhecimento especial do idioma que aprende, e, por outro, devido à própria publicidade das editoras que apontam, como trunfo de venda, a presença de expressões idiomáticas nas obras anunciadas. Ainda assim, nos textos introdutórios ou nas apresentações de muitas dessas obras, notamos que não são informados os critérios a respeito do lugar onde devem ser consultadas nem de como são tratadas.

Podemos avançar que foi possível confirmar a hipótese inicial da análise de que o tratamento dado às EIs pelos DBs não é adequado nem suficiente para fornecer ao usuário, notadamente o aluno, uma seleção conveniente de informações que contribuam para o conhecimento, a compreensão e a posterior internalização das EIs de uma língua estrangeira, no caso do francês neste estudo, devido ao fato de não encontrar, nos DBs, nem quantidade adequada nem sistematicidade na inclusão desse objeto na macro e na microestrutura. Portanto, a hipótese delineada no projeto de pesquisa é corroborada pelos dados obtidos, demonstrados na Tabela 1 e nos gráficos 3 e 4, uma vez que, nos DBs verificados, é evidente a ausência de muitas das expressões idiomáticas encontradas no *corpus Kernerman* e a falta de sistematização no momento de realizar sua inserção, como ilustramos na Imagem 4. Não apresentamos, neste recorte, os dados referentes às unidades escolhidas para a inserção das EIs no *corpus Kernerman* e nas duas obras bilíngues, mas certamente seria material interessante de análise, comparando, por exemplo, se a expressão *laisser qqn en paix* está registrada em “*laisser*” ou em “*paix*”.

O fato de o material que analisamos só ter sido publicado, em parte, online pela editora e não em papel, nos faz vislumbrar que o problema ainda perdurará por muito tempo, pois as iniciativas de melhora ainda são difíceis de serem implementadas e talvez o cenário futuro não admita mais obras em papel. Em todo caso, é importante buscar soluções para atender às necessidades de públicos específicos, como dos aprendizes de línguas estrangeiras.

## 5. Considerações finais

Com os resultados obtidos, podemos concluir que este trabalho, amparado pelos estudos de Iniciação Científica, cumpriu com seus objetivos de contribuir para a ponderação teórica sobre Lexicologia, Lexicografia e

Fraseologia, possibilitando ser mais um recurso que oferece suporte para análises críticas das UFs por meio da pesquisa no *corpus* da nomenclatura de um dicionário bilíngue em construção (que, após a extração da fraseologia, constituiu o *corpus Kernerman*). A análise permitiu verificar mais de perto as EIs contidas em dois dicionários escolares de língua francesa, habitualmente usados pelos aprendizes brasileiros (DBLO E DBMM).

Cabe ressaltar que o trabalho prático como lexicógrafo foi o desencadeador das várias etapas da pesquisa, envolvendo um grande número de pesquisadores, seja em nível de graduação, de pós-graduação ou de pesquisador-docente. Desde o projeto anterior que permitiu a compilação do *corpus* que utilizamos, realizado por Alves (2012), os dados já apontavam para a necessidade de avançar nessas reflexões sobre o estudo do léxico em vários níveis, sendo que os resultados atuais denotam pelo menos duas necessidades: a) que se realizem mais pesquisas nos DBs; b) que se produzam mais dicionários teoricamente sustentados em diferentes suportes.

É evidente que o processo de investigação prévio à inclusão das EIs é bastante exaustivo, e necessita de uma equipe experiente que conte com *corpora* para elencar as unidades que deveriam compor os dicionários gerais e aquelas que deveriam entrar para dicionários especiais, também recomendados para sanar o problema da frequência, por exemplo.

Acreditamos que é necessário que o aluno, em fase de letramento em língua estrangeira, que consulta um dicionário bilíngue em busca de respostas diretas, possa ter acesso ao fraseologismo dessa língua estrangeira, visto que ele representa uma identidade própria de cada língua e cultura. Contudo, o que se observa é que os dicionários bilíngues, inclusive os pedagógicos, ainda carecem de sistematização no momento de contemplar as unidades fraseológicas, especialmente as expressões idiomáticas, na sua nomenclatura.

Dito isso, reiteramos que foi possível confirmar a hipótese delineada inicialmente, que supunha que o tratamento dado às EIs nos DBs não é adequado nem suficiente para fornecer ao aluno informação útil para auxiliar e incrementar o processo de aprendizagem. Há vários trabalhos sobre o uso de dicionários, mas ainda há poucos sobre o uso especificamente para consulta de unidades fraseológicas. Talvez esse seja um caminho para novos projetos.

## Referências

ALVES, B. B. **Seleção e descrição das expressões traduzidas no corpus do projeto DICOLIMPICO** – dicionário Francês-Português do Brasil da *K Dictionaries*. 2012. 13f. Relatório (Estágio de iniciação científica I). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2012.

AVOLIO, J. C.; FAURY, M. L. **MICHAELIS**: dicionário escolar francês:francês-português e português-francês. São Paulo: Melhoramentos, 2002.

BÉJOINT, H., THOIRON, P. (Orgs.). **Les dictionnaires bilingues**. Louvain-la-Neuve: Ducolot, 1996. 256 p.

BIDERMAN, M. T. C. Glossário. *Alfa*, São Paulo, 28 (supl.), 135-144, 1984. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/issue/view/284/showToc>. Acesso em 12 abr 2015.

\_\_\_\_\_. **Teoria linguística**: teoria lexical e linguística computacional. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. Unidades complexas do léxico. In: RIO-TORTO, G. et al (Orgs.) **Estudos em homenagem a Mario Vilela**. Porto: Faculdade de Letras do Porto, 2005, v. II, p. 747-757. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4603.pdf>. Acesso em: 7 jul 2015.

CAMACHO, B. F. **Estudo comparativo de expressões idiomáticas do português do Brasil e de Portugal e do francês da França e do Canadá**. 2008. 167f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita

Filho”, São José do Rio Preto, 2008. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_actio n=&co obra=111510](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_actio n=&co obra=111510). Acesso em: 10 maio 2015.

CORPAS PASTOR, G. **Manual de fraseología española**. Madrid: Gredos, 1996. 337p.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1997.

EZQUERRA, M. A. La forme des dictionnaires à la lumière du signe linguistique. **Cahiers de lexicologie**, n. 52(1), p.117-130, 1981-1.

FERNANDES, H. S.; XATARA, C. M. Kernerman French-Portuguese dictionary: Adapting the translation from European Portuguese to Brazilian Portuguese. **Kernerman Dictionary News**, v. 19, p. 6-9, 2011.

FERNANDES, H. Y. S. **Análise da adaptação de um dicionário bilíngue francês-português europeu para a variante brasileira**. 2012. 127f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2012. Disponível em: <http://base.repositorio.unesp.br/handle/11449/86549>. Acesso em: 10 jul 2015.

KRIEGER, M. G. et al. O século XX, cenário dos dicionários fundadores da lexicografia brasileira: relações com a identidade do português do Brasil. **Alfa**, São Paulo, v. 50, n. 2, p.173-187, 2006. Disponível em: <http://piwik.seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/1418/1119>. Acesso em: 10 jun. 2015.

**LAROUSSE OUI francês-português, português-francês**: minidicionário. 1.ed. São Paulo: Larousse do Brasil, 2005. [Coordenação editorial: José A. Galvez].

MATTOS, G. Y. **A tradução em um dicionário pedagógico francês-português brasileiro**. 2013. 63f. Relatório (Iniciação científica II - CNPq-PIBIC, processo 2012/21937). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2013.

ORTIZ ALVAREZ, M. L. **Expressões idiomáticas do Português do Brasil e do Espanhol de Cuba**: estudo contrastivo e implicações para o ensino de Português como língua estrangeira. 2000. 344f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2000. Disponível em:



<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000215016&fd=y>. Acesso em: 14 abr. 2015.

\_\_\_\_\_; UNTERNBAUMEN, E. H. (Orgs.). **Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011. 323p.

ROBERTS, R. P. Le traitement des collocations et des expressions idiomatiques dans les dictionnaires bilingues. In: BÉJOINT, H.; THOIRON, P. (Orgs.). **Les dictionnaires bilingues**. Louvain-la-Neuve, Duculot, 1996, p.181-197. <https://doi.org/10.3917/dbu.bejoi.1996.01.0181>

SILVA, M. C. P. Reflexões sobre o verbete dos dicionários bilíngues para fins pedagógicos. In: ISQUERDO, A. N.; FINATTO, M. F. B. (Orgs.) **As Ciências do Léxico IV - Lexicologia, Lexicografia e Terminologia**. Campo Grande: Ed. UFMS; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010, p. 329-349.

WELKER, H. A. Breve histórico da metalexicografia no Brasil e dos dicionários gerais brasileiros. **Matraga**, 2006a. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga19/matraga19a04.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2016.

WELKER, H. A. **O uso de dicionários**. Thesaurus: Brasília, 2006b. Disponível em: [http://celsul.org.br/Encontros/08/Herbert\\_Welker.pdf](http://celsul.org.br/Encontros/08/Herbert_Welker.pdf). Acesso em: 15 nov. 2016.

\_\_\_\_\_. Colocações e expressões idiomáticas em dicionários gerais. In.: ORTIZALVAREZ, M. L.; UNTERNBAUMEN, E. H. **Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011, p.69-76.

XATARA, C. M. O campo minado das expressões idiomáticas. **Alfa**, v. 42, n. esp., p.147-159, 1998a. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4048/3712>. Acesso em: 21 maio 2014.

\_\_\_\_\_. Tipologia das expressões idiomáticas. **Alfa**, v. 42, 1998b, p.169-176. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4274>. Acesso em: 11 jan. 2013.

\_\_\_\_\_.; PARREIRA, M. C. A elaboração de um dicionário fraseológico. In.: ORTIZ ALVAREZ, M. L.; UNTERNBAUMEN, E. H. **Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011, p.69-76.

ZULUAGA, A. **Introducción al estudio de las expresiones fijas**. Frankfurt a. M.-Bern-Cirencester/U.K., *Studia Románica et Lingüística*, Verlag Peter D. Lang, 1980. 278p.

Artigo recebido em: 16.07.2016

Artigo aprovado em: 26.11.2016

## ANEXO I

EIS DO CORPUS KERNERMAN - Letra A
<i>être aux abois</i>
<i>abonder dans le sens de qqn</i>
<i>du même acabit</i>
<i>rendre l'âme</i>
<i>rester dans les annales</i>
<i>être à des années-lumière de</i>
<i>avoir les idées bien arrêtées</i>
<i>en avoir assez de qqch</i>
<i>ça n'augure rien de bon</i>

## ANEXO II

EIS DO CORPUS KERNERMAN - Letra P
<i>laisser qqn en paix</i>
<i>rendre la pareille à qqn</i>
<i>prendre part à qqch</i>
<i>faire part de qqch à qqn</i>
<i>partager l'avis de qqn</i>
<i>prendre parti pour</i>
<i>tirer parti de</i>
<i>prendre le parti de faire qqch</i>
<i>à deux pas</i>
<i>faire le premier pas</i>
<i>pas à pas</i>
<i>être dans une bonne / mauvaise passe</i>
<i>en avoir gros sur la patate</i>
<i>payer de sa personne</i>
<i>se payer la tête de qqn</i>
<i>ce n'est pas la peine</i>
<i>avoir (toujours) un pet de travers</i>
<i>péter de</i>
<i>se boire comme du petit-lait</i>
<i>boire du petit-lait</i>
<i>piaffer d'impatience</i>
<i>tomber à pic</i>
<i>au pied de</i>
<i>mettre qqch sur pied</i>
<i>mettre qqn sur un piédestal</i>
<i>descendre / tomber de son piédestal</i>
<i>avoir qqn dans le pif</i>
<i>faire qqch au pif</i>
<i>avoir pignon sur rue</i>
<i>s'arrêter pile</i>

<i>mettre un livre au pilon</i>
<i>mettre / clouer qqn au pilori</i>
<i>un pincement au cœur</i>
<i>ne pas être à prendre avec des pincettes</i>
<i>prendre qqch avec des pincettes</i>
<i>être gai comme un pinson</i>
<i>c'est du pipeau</i>
<i>du pipi de chat a</i>
<i>répondre par une pirouette</i>

## O tratamento dos homônimos “cura” e “são” em dicionários de Ensino Médio do PNLD 2012

### The construction of homonyms “cura” and “são” in High School dictionaries by PNLD 2012

Neliane Raquel Macedo Aquino\*

Ana Claudia Castiglioni\*\*

**RESUMO:** O dicionário é um material didático que faz parte do contexto escolar. É, ao mesmo tempo, produtor e receptor de discurso. Por isso, a análise desse material possibilita a observação das construções de sentido produzidas em uma comunidade linguística. Em vista disso, propomos, neste texto, analisar o tratamento dos homônimos “cura” e “são” presentes em dicionários escolares distribuídos pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD 2012) para as escolas públicas de Ensino Médio no país tendo por base o que expõe Alves (2000); Biderman (2002); Dapena (2002); Correia (2000). O corpus retirado dos dicionários foi selecionado partindo-se dos exemplos de homônimos trazidos nos livros didáticos de Primeira Série do Ensino Médio (PNLD 2012). Esta análise proporciona pensar acerca da microestrutura dos dicionários analisados (Dicionário Houaiss Conciso; Dicionário UNESP do Português Contemporâneo; Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara) e do uso desse material no processo de ensino e aprendizagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dicionários Escolares. Ensino Médio. Homonímia.

**ABSTRACT:** The dictionary is a didactic material that is part of the school context. It is both producer and receiver speech. Therefore, the analysis of this material allows the observation of meaning constructions produced by the linguistics community. In view of this, we propose in this text, analyze the construction of homonyms “cura” and “são” present in school dictionaries distributed by Programa Nacional do Livro Didático (PNLD 2012) for public high schools in Brazil, from what is exposed in Alves (2000); Biderman (2002); Dapena (20002); Correia (2000). The corpus, taken from the dictionaries selected, is examples of homonyms brought in textbooks of High School (PNLD 2012). This analysis contributes to the reflections on microstructure presented by dictionaries (Dicionário Houaiss Conciso; Dicionário UNESP do Português Contemporâneo; Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara) and use of this material in teaching and learning process.

**KEYWORDS:** Student Dictionaries. High School. Homonyms.

\* Aluna do curso de doutorado do Programa de Pós-graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura, da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus de Araguaína. Email: nr.macedo@hotmail.com

\*\* Docente do Programa de Pós-graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus de Araguaína. Email: anacastiglioni@hotmail.com

## 1. Introdução

No ensino de línguas, materna e estrangeira, o dicionário é um dos recursos didáticos mais conhecidos. Ele é o objeto de estudo da Lexicografia e sua análise é necessária para que possamos compreender melhor seu papel no contexto da sociedade. Neste texto, analisamos verbetes referentes a palavras homônimas em dicionários de língua portuguesa que têm como característica em comum o fato de que foram selecionados e distribuídos pelo Ministério da Educação (MEC) para o Ensino Médio de escolas públicas do país em 2012.

Com a análise de dois verbetes procuramos entender como a homonímia se faz presente no contexto didático figurando nos dicionários. Formulamos, então, o objetivo deste trabalho, qual seja: analisar o comportamento dos homônimos. Para tanto, foram selecionados os verbetes referentes às unidades léxicas “cura” e “são”, que constam nos seguintes dicionários: Dicionário Houaiss Conciso (2011), o qual identificaremos como DHC; Dicionário UNESP do Português Contemporâneo (2011), o qual identificaremos como DUC; Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara<sup>1</sup> (2011), o qual identificaremos como DEB. As duas unidades léxicas foram escolhidas em livros didáticos de primeira série do Ensino Médio que também compõem o PNL D 2012, quando estes se propõem a explicar e exemplificar a homonímia aos alunos.

Os dicionários utilizados nesta pesquisa foram tomados de empréstimo no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA), campus de Imperatriz, no qual uma das pesquisadoras é docente do quadro ativo permanente. Esses dicionários são utilizados tanto por professores quanto por alunos e estão dispostos na biblioteca do campus.

A relevância deste trabalho está em analisar alguns aspectos da proposta de microestrutura para as unidades léxicas homônimas escolhidas,

---

<sup>1</sup> Os três dicionários trazem alguns símbolos os quais não reproduzimos na transcrição. São pequenos símbolos colocados ao lado de algumas palavras ou expressões para identificar etimologia, campo de locuções e campo de exemplos ou abonações, antônimos etc.

sua adequação para o consulente nas obras citadas e, por conseguinte, pensar acerca das aplicações didáticas quando o dicionário está inserido em sala de aula pelo professor, contribuindo para o processo de ensino e aprendizagem.

Dessa maneira, este artigo explora o dicionário na perspectiva de material didático, já que ele se insere no contexto escolar como elemento a ser utilizado pelo professor para a promoção do ensino e da aprendizagem. Inicialmente, vamos situar e descrever o dicionário com base em seu conceito e classificação como elemento pedagógico. Trazemos, ainda, algumas informações acerca do PNLD e breve análise da microestrutura do dicionário, depois apresentamos considerações a respeito da homonímia e de sua presença nos livros didáticos do PNLD 2012 e, em seguida, descrevemos e analisamos o *corpus* selecionado nos dicionários. Por fim, expomos as considerações a que chegamos nesta pesquisa.

## 2. Dicionário: conceito e classificação

Para tratar de dicionários, é preciso, primeiro, passar por sua definição, tendo por referência a Lexicografia, ciência que serve de base para análise e elaboração dessas obras. Vilela (1979) ressalta que, por vezes, a definição de dicionário se confunde com a de léxico, tendo duplo sentido porque, ao mesmo tempo em que caracteriza um conjunto de unidades léxicas de uma língua, é também a inventariação dessa mesma língua. Assim, o autor lembra que o léxico, na primeira vertente, é representativo do conjunto de unidades léxicas componentes de determinada língua que encontramos no dicionário e é nesse sentido que o autor defende que as concepções de dicionário e léxico se aproximam.

Neste caso, as relações semânticas (como hiponímia, antonímia, sinonímia, homonímia, polissemia etc.) e as relações sintagmático-semânticas (como isotopia, compatibilidade, solidariedade lexical ou congruência semântica) são



apresentadas e resolvidas de forma prática (por meio de exemplos). (VILELA, 1979, p. 10)

Para Haensch (1982, p. 97), o dicionário representa, dentro da Lexicografia, uma possibilidade de codificação lexicográfica que tem por base “diferentes modos de ser da língua e os diferentes aspectos da descrição linguística<sup>2</sup>”. O autor esclarece ainda quais são os influenciadores na seleção das entradas que compõem um dicionário, a finalidade deste, o grupo a que se destina, a extensão, os princípios linguísticos de seleção (frequência de uso e disponibilidade de unidades léxicas).

O dicionário é tido, neste trabalho, como um gênero de discurso que se compõe de diferentes formas, visando diferentes áreas. Vimos o dicionário dessa forma porque condiz com o pensamento de Bakthin (1929), que conceitua gênero discursivo como manifestação sociointerativa da linguagem, sendo este produto da história e da ideologia de um povo. O dicionário, dessa forma, atrela-se à história porque reproduz a realidade significativa de uma comunidade, ao mesmo tempo em que consolida significados. Segundo Biderman (2002, p. 163), “(...) é a variedade escrita que é a guardiã e depositária da herança cultural e literária do idioma e que constitui o alicerce da língua em sua continuidade histórica”. A partir disso, podemos observar que o dicionário cumpre o papel de guardar as formas e significados que compõem uma comunidade e de lhes dar uma sensação de estabilidade. Quando há mudança linguística na comunidade, esta tende a modificar o dicionário.

Orlandi (2006, p. 18), tendo por base o entendimento sobre discurso de Pêcheux como “efeito de sentido entre locutores”, argumenta que, “como todo discurso, o dicionário tem uma história, ele constrói e atualiza uma memória,

---

<sup>2</sup> (...) en los distintos modos de ser de la lengua y en los distintos aspectos de la descripción lingüística. (HAENSCH, 1982, p. 97).

reproduz e desloca sentidos, inscrevendo-se no horizonte dos dizeres historicamente constituídos”. Esse instrumento, portanto, para além da expansão do léxico e da verificação ortográfica, é representativo de um tempo e de um espaço, fazendo parte da cultura de um povo.

Os dicionários são geralmente agrupados em tipologias, que tomam diferentes critérios como base, dependendo do autor, e, por isso, formam variados grupos. Welker (2004), ao tentar agrupar algumas dessas tipologias e seus respectivos autores, demonstra como a lista é grande e merece um espaço dedicado só a ela. Fazemos referência, neste texto, à classificação de Bejoint (2000) citada por Welker (2004). Aquele autor categoriza os dicionários em: dicionário geral e especializado; monolíngue e bilíngue; enciclopédico e “de língua”; para aprendizes estrangeiros e para falantes nativos, para adultos e para crianças. Mencionamos essa classificação porque, quando se fala em dicionários, os nomes especial e geral, monolíngue e bilíngue são muito utilizados. No DHC, por exemplo, que utilizamos nesta análise, afirma-se que ele é de “utilidade geral”.

Para exemplificar a complexidade da tipologia de dicionários, mencionamos Haensch (1982) que, levando em consideração questões lexicográficas, cita vários dicionários: o dicionário pode ser de regionalismos, onomasiológico, por imagem (pictórico), ortoépico, ortográfico, de formação de palavras, de construção, de colocação, de dúvidas, de fraseologia, de modismos, de neologismos, havendo ainda dicionários monolíngues e plurilíngues (só para citar alguns).

Não detalharemos a tipologia dos dicionários por não ser nosso foco de pesquisa. Consideraremos o dicionário por ora analisado como dicionário escolar. De acordo com Hernández (1989), a classificação dicionário escolar ainda não encontra espaço nas tipologias mais conhecidas, por isso o autor considera que a Lexicografia tem deixado de lado os dicionários de grupos sociais com necessidades específicas, como é o caso dos escolares. Esse tipo de

dicionário, segundo o autor, corresponde a um tipo singular monolíngue e é relevante que haja preocupação acerca do seu uso e construção, tendo em vista que se direciona a um público específico e a um ambiente com características únicas, que é a sala de aula.

O termo utilizado justifica-se pelas informações dos próprios dicionários ao mencionarem em seus prefácios e apresentações, por exemplo, no DUC, que ele “dirige-se aos alunos do 1º ao 3º ano do Ensino Médio e, assim, ele se coloca como um ponto de apoio para o professor em sala de aula” (p. I/II). No DEB, argumenta-se que este foi “construído com um número de verbetes compatível com a idade e o desenvolvimento cultural dos alunos” (Prefácio) do Ensino Médio. Ainda, o DHC diz que “concentrou-se nas demandas escolares do público-alvo deste dicionário (...), os alunos do 1º ao 3º ano do ensino médio, (...) – embora não apenas naquelas por, enfim, se tratar de obra de utilidade geral” (p. VII, Palavras iniciais).

Dentro das tipologias mencionadas, eles poderiam ser classificados como dicionários monolíngues e gerais. O dicionário é, portanto, um material pedagógico, pois proporciona “informação ao usuário com o fim de facilitar a comunicação linguística”<sup>3</sup> (HERNÁNDEZ, 1989, p. 32). Dessa maneira, Hernández (1989) compreende que ele deve estar presente em toda a vida escolar.

### 3. O dicionário como material didático

O dicionário é elemento social. Faz parte da cultura de uma comunidade. Sobre isso, Biderman (2002, p. 86) afirma que “o dicionário vem a ser o depositário do acervo lexical da cultura”. Segundo essa autora:

---

<sup>3</sup> (...) información al usuario con el fin de facilitar la comunicación lingüística (...) (HERNÁNDEZ, 1989, p. 32).

(...) o dicionário descreve o léxico em função de um modelo ideal de língua – a língua culta e escrita. Só circunstancialmente registra os padrões subcultos, ou desviantes da norma padrão, tais como os usos dialetais, populares, gíriáticos. Dessa forma, o dicionário convalida e promove a linguagem aceita e valorizada em sua comunidade (p. 86).

Por isso, não se pode tomar o dicionário como elemento passivo. Suas construções refletem as concepções aceitas em uma comunidade e ajudam na permanência dessas concepções, como afirma Biderman (2002). Além disso, o dicionário está presente em diferentes momentos da vida do homem. Pode estar em casa ou no trabalho. Mais costumeiramente, o contato com o dicionário se dá na escola, principalmente após a alfabetização básica do aluno.

O dicionário tem importância social e sua análise contribui para a reflexão sobre seu uso e suas construções. Ao analisar dois dicionários, Aurélio Século XXI (2000) e Houaiss (2001), Biderman (2002), com base na estrutura que apresentam, expõe como as definições e a organização desses dicionários às vezes parecem não se relacionar com os construtos teóricos da Lexicologia e da Lexicografia. Dentre os aspectos negativos, ela cita algumas definições com equívocos, a confusa classificação dos lexemas compostos da língua portuguesa, que, em vários momentos, na verdade são empréstimos linguísticos, a ordem das acepções que às vezes iniciam-se pelas menos comuns nas definições presentes no verbete. Por tudo isso, a autora conclui que o Aurélio (2000) apresenta maior coerência do que o Houaiss (2001) e, além disso, demonstra que a produção de dicionário é algo complexo e demanda conhecimento teórico profundo por parte do lexicógrafo.

Nessa miríade, o dicionário de língua portuguesa é considerado um material didático quando pensamos sobre seu uso na escola. Por isso, antes de

falar de seu uso no contexto de sala de aula, situamos esse elemento pedagógico dentro do conceito de material didático.

Silva (et alii, 2014, p. 264) define material didático como “artefatos incorporados ao trabalho do professor, servindo de auxílio para o processo de ensino e aprendizagem em contextos de formação”. Segundo os autores, o êxito do material didático depende do professor e da forma de ensino que é promovida por ele, incluindo seus objetivos e sua visão sobre o processo. Portanto, podemos perceber que subjazem ao dicionário, tanto no seu contexto de produção quanto no seu contexto de uso, as formações de pensamento que carregam aqueles que o produziram e aqueles que o utilizam.

O dicionário de língua portuguesa é elemento de análise recente em pesquisas sobre ensino e aprendizagem e merece um olhar cuidadoso. Tendo em vista a importância que o dicionário escolar de língua portuguesa recebe, tanto de quem o distribui quanto dos atores escolares, promovemos, como mencionamos anteriormente, a análise de dois verbetes de dicionários escolares, os quais foram distribuídos pelo Ministério da Educação (MEC) para escolas públicas, por intermédio dos exemplos que abordam os livros didáticos do Ensino Médio, também distribuídos pelo MEC.

#### **4. O Programa Nacional do Livro Didático – PNLD**

É relevante, para esta análise, mencionar o histórico do dicionário no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), programa do Governo Federal que visa distribuir de maneira contínua material didático para as escolas. O programa seleciona não apenas livros, mas vários tipos de materiais que o governo considera relevantes ao uso durante o processo de ensino e aprendizagem. Nele se incluem os dicionários, as enciclopédias e os

paradidáticos, por exemplo. O sítio do programa<sup>4</sup>, na internet, destaca que “por meio do PNLD são adquiridos e distribuídos acervos de dicionários da língua portuguesa destinados aos alunos da educação básica da rede pública de ensino”.

Os dicionários de língua portuguesa analisados compõem o acervo de distribuição do PNLD de 2012, especificamente aqueles utilizados no Ensino Médio. Esses dicionários foram enviados às escolas públicas juntamente com um material de apoio (BRASIL, 2012) que esclarece acerca de sua avaliação, seleção, distribuição e informa possíveis atividades com o uso desses dicionários. O título do material de apoio é “Com direito à palavra: dicionários em sala de aula”. Segundo o que nele é descrito, o acervo de dicionários foi cuidadosamente avaliado e selecionado por meio de processo administrado pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

A avaliação seguiu-se por meio de edital próprio e os dicionários foram escolhidos segundo características predefinidas. Para o Ensino Médio, por exemplo, eles deveriam apresentar o mínimo de 40 mil e o máximo de 100 mil verbetes, além de estarem de acordo com “a proposta lexicográfica própria de um dicionário padrão, porém adequada às demandas escolares do Ensino Médio, inclusive o profissionalizante” (BRASIL, 2011, p. 19). O acervo completo do programa foi dividido em quatro tipos, sendo assim elencados: Tipo 1, para o 1º ano do Ensino Fundamental; Tipo 2, para o período entre o 2º e o 5º ano do Ensino Fundamental; Tipo 3, para o segundo segmento do Ensino Fundamental; Tipo 4, para o Ensino Médio.

Analisamos, neste artigo, dois verbetes de dicionários que compõem o Tipo 4 que, conforme já dito, pertencem ao acervo do Instituto Federal do Maranhão (IFMA) *campus* de Imperatriz. Os dicionários presentes no Tipo 4 são categorizados como próximos do dicionário padrão (geral) no contexto do

---

<sup>4</sup> Fonte: <http://www.fnnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-apresentacao>.

material de apoio (BRASIL, 2012). Os dicionários são: Dicionário Houaiss Conciso, edição 2011, da editora Moderna, composto por 41.243 verbetes, identificado como DHC; Dicionário UNESP do Português Contemporâneo, edição 2011, da editora Piá, composto por 58.237 verbetes, identificado como DUC; e Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara, edição 2011, da editora Nova Fronteira, composto por 51.210 entradas, identificado como DEB.

Ressaltamos que na categoria Tipo 4 há quatro dicionários, sendo que um deles não foi encontrado na escola na época da pesquisa, por estar em empréstimo, a saber: Novíssimo Aulete Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa. Por isso, a análise de homônimos que se propõe tomará somente exemplos de entrada dos três elencados. Desses três dicionários, a escola possui quatro exemplares de cada um na biblioteca e mais dois exemplares de cada um no departamento onde estão lotados os professores de línguas.

Direcionado para o professor, o material de apoio traz algumas informações relevantes. Por exemplo, nele, os autores lembram que “o objeto de conhecimento visado pelos dicionários é a palavra” (BRASIL, 2012, p. 09) e que esse material é foco da área da Lexicografia. Assim, observamos que houve uma preocupação por parte do MEC em demonstrar, por meio desse material de apoio ao professor, o histórico e a importância dos dicionários em sala, bem como trazer informações que auxiliem o professor em seu uso.

Somado a isso, o material de apoio (BRASIL, 2012, p. 18) traz um tópico intitulado “O que esperar de um dicionário de uso escolar?”, em que se demonstra que o dicionário é parte importante da formação do aluno, haja vista que, segundo as propostas curriculares em geral, um dos objetivos da “educação básica é desenvolver no aluno a capacidade de recorrer de forma adequada a diferentes linguagens”. Por isso, o dicionário tem sua contribuição na formação cidadã dos alunos.

Algumas outras informações dadas pelo material, quando menciona os três dicionários, especificamente, também são importantes a serem consideradas nesta análise. Segundo Brasil (2012, p. 35),

Por sua relativa novidade na lexicografia brasileira, convém mencionar que o Dicionário Unesp, o Novíssimo Aulete e o Houaiss Conciso recorrem a corpora de referência e se organizam de acordo com técnicas rigorosas de recolha e de processamento de vocábulos; enquanto o Evanildo Bechara baseia sua seleção vocabular, segundo o Prefácio, nas áreas do conhecimento e dos temas que “estimulam a curiosidade intelectual dos jovens e lhes agudizam o cabedal de cultura”.

Consoante ao que é exposto, as unidades léxicas que configuram as entradas dos dicionários foram selecionadas de forma diferente, o que, certamente, pode levar a diferentes formas de apresentação nas acepções dessas entradas.

Os dicionários seguem a estrutura básica descrita por Haensch (1982, p. 135) para a composição da microestrutura de um dicionário monolíngue:

Enunciado do lema (ou voz guia ou palavra-chave).  
 Indicações fonéticas, ortográficas, gramaticais e léxicas (localização geográfica, nível linguístico, conotações, etc.).  
 Definição (e outras explicações) sobre os significados e as diferentes acepções.  
 Parte sintagmática: indicações sobre o uso da palavra em contextos com exemplos, indicações sobre colocação, construção e regime, modismos, frases feitas e provérbios.  
 Às vezes, parte paradigmática: sinônimos, antônimos, parônimos, hipônimos, hiperônimos (HAENSCH, 1982, p. 135)<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> Dicionário (lingüístico) monolíngüe

Enunciado del lema (o voz-guía o palabra clave)

Indicaciones fonéticas, ortográficas, gramaticales y léxicas (localización geográfica, nivel lingüístico, connotaciones, etc.)

Definición (y otras explicaciones) sobre el significado y las diferentes acepciones.

Parte sintagmática: indicaciones sobre el uso de la palabra en contextos con ejemplos, indicaciones sobre colocación, construcción y régimen, modismos, frases hechas y refranes.

A veces, parte paradigmática: sinónimos, antónimos, parónimos, hipónimos, hiperónimos. (HAENSCH, 1982, p. 135)



Essa é uma estrutura básica geral que pode ser encontrada de forma diferente, a depender do dicionário que se analisa. Dessa forma, o dicionário pode apresentar todos esses elementos ou só alguns deles ou, até mesmo, outros elementos não descritos pelo autor (HAENSCH, 1982).

## 5. A homonímia

Antes de analisar as entradas homônimas selecionadas, apresentamos alguns conceitos e características da homonímia que consideramos pertinentes de serem abordados e que fundamentam a análise dos *corpora*.

O problema de diferenciar homonímia e polissemia, para Dapena (2002, p. 186), está exclusivamente relacionado com a Lexicografia. De acordo com o autor:

A distinção entre homonímia e polissemia se reduz a uma questão estritamente lexicográfica não propriamente semântica ou, melhor dizendo, lexicológica, posto que afeta exclusivamente a forma de registrar os significados do dicionário: sob um único no primeiro caso, ou pelo contrário, sob enunciados diferentes no segundo. (DAPENA, 2002, p. 186).<sup>6</sup>

O mesmo autor (DAPENA, 2002, p. 187) aponta três critérios fundamentais para identificar a homonímia e a polissemia: diacrônico ou etimológico, sincrônico e misto<sup>7</sup>.

Correia (2000), por seu turno, afirma que o conceito de homonímia é lugar de inquietação e de difícil delimitação. A autora (id, 2000, p. 57) esclarece que “Normalmente definimos duas palavras homônimas como sendo aquelas

---

<sup>6</sup> La distinción entre homonímia y polissemia se reduce a una cuestión estrictamente lexicográfica no propriamente semântica o, por mejor decir, lexicológica, puesto que afeta exclusivamente a la forma de registrar los significados del diccionario: bajo um solo enunciado en el primer caso, o por el contrario, bajo enunciados diferentes en el segundo. (Tradução nossa)

<sup>7</sup> Dapena. Manual de técnica Lexicográfica, 2002, páginas 185 a 191.

que apresentam a mesma forma (fonética e gráfica), mas que têm dois significados diferentes não relacionáveis entre si”.

Segundo Correia (op. cit, p. 58.), “o conceito de palavra convergente insere-se numa visão diacrónica da língua, ao passo que a homonímia depende de uma visão sincrónica”. Assim, podemos observar que a análise dos homônimos escolhidos representa um comparativo entre diferentes dicionários produzidos e editados no mesmo ano e com o mesmo objetivo: serem utilizados na escola de ensino básico, o que constitui uma visão sincrônica, embora as unidades léxicas representantes possam ser vistas do ponto de vista diacrônico. Ela considera, ainda, que a homonímia é estabelecida usando-se diferentes critérios: “não-relação entre os vários significados que uma mesma forma assume: existência de étimos diferentes; existência de homonímia estrutural” (ibid, 2000, p. 13).

Welker (2004, p. 28) define homonímia como “o fato de um lexema possuir dois ou mais significados sem que haja nenhuma relação entre eles, ou seja, nenhum sema em comum”. Como exemplo, traz a unidade “manga”, que pode equivaler a uma parte da camisa ou a uma fruta.

Ao propor uma definição para homonímia, Travaglia (1995, p. 43) explora-a em análise de textos que produzem humor e explica que ela “ocorre quando dois signos (palavras, expressões, frases, etc.) têm em seus significantes fonias idênticas (ou semelhantes, se preferirmos lembrar que duas fonias nunca são exatamente iguais)”. Nesse caso, o autor considera não uma unidade lexical isolada para sua análise, mas uma possibilidade de significado que pode ser proveniente de uma unidade lexical ou de uma construção composta ou complexa. A partir disso, analisa a produção homônima dessas expressões em textos humorísticos.

Levando em consideração essa forma de análise de Travaglia (1995) e o que pressupõe a Lexicologia, é preciso pensar no dicionário não como material

de entradas com um único sentido, mas como constituinte de várias possibilidades que se agrupam de acordo com a classificação do lexicógrafo. Por isso, a homonímia estará presente como possibilidade de agrupamento desses diferentes sentidos.

De acordo com Ullman (1964, p. 330), ocorre homonímia quando “duas ou mais palavras podem ser idênticas quanto ao som”. Ele assume como homônimos os chamados homônimos perfeitos e os casos de homofonia. Entretanto, mesmo separando-se o conceito de homonímia do conceito de polissemia, o autor reconhece que essa limitação é difícil devido à fluidez das unidades léxicas. Assim sendo, o autor (id, 1964, p. 365) afirma que a homonímia “é muito menos comum e complexa que a polissemia, embora os seus efeitos possam ser igualmente graves e até mais dramáticos”. Segundo o autor, existem três processos capazes de gerar homônimos:

- Convergência fonética, que se relaciona a sons que convergem. Como exemplo no inglês, o autor traz *mete*, *mētan* e *metan*, todas do inglês antigo, hoje correspondentes a *meat* (carne), *meet* (encontrar) e *mete* (dividir). As três unidades convergiram para uma única pronúncia /mi:t/.
- Divergência semântica, que ocorre “quando dois ou mais significados da mesma unidade se separam de tal modo que não haja nenhuma conexão evidente entre eles (...) (ULLMAN, 1964, p. 368)”. Como exemplos, o autor traz o verbo *to long* (ansiar, anelar) e o adjetivo *long* (longo). E;
- Influência estrangeira, que ocorre quando uma unidade léxica estrangeira forma com unidades da outra língua uma situação de produção de homônimos. Como exemplos, o autor traz *gate*

(porta), do inglês antigo e gate (estrada), que vem do antigo escandinavo. (ULLMAN, 1964, p. 365).

Alves (2000) mostra que Felber (1987, *apud* Alves, 2000) também utiliza essa divisão em homônimos homófonos, homógrafos e completos (homógrafos e homófonos ao mesmo tempo). Essa é a classificação que serve de base para a maioria dos livros didáticos que tratam do assunto, entretanto, separar essas categorias é, por vezes, complicado.

Como podemos observar, a homonímia é fenômeno de fluidez e seus limites são complexos para quem a analisa. Os autores citados concordam neste ponto. Todavia, ressaltam que a classificação é necessária para o esclarecimento do campo de estudo. Todos os autores estabelecem a fonia como princípio básico para o entendimento do conceito de homonímia, relacionando-a à forma.

Com base nesses conceitos, podemos refletir acerca de algumas entradas presentes nos chamados dicionários escolares distribuídos pelo PNLD. Analisar o tratamento de homônimos em dicionários contribui para o processo de ensino e aprendizagem e auxilia no uso desse material pelo professor e pelo aluno. Segundo Correia (2000, p. 7),

(...) pode verificar-se que o dicionário pode ser um excelente instrumento de trabalho para tratar da questão da homonímia em situação de aula de Língua Portuguesa, sobretudo se se assumir o princípio de que o ensino da gramática não deve limitar-se a uma mera transmissão passiva de conhecimentos no sentido professor > aluno, mas que deve ser alvo de um trabalho prático sobre a língua, em contexto laboratorial, de oficina gramatical (CORREIA, 2000, p. 7).

A autora (op. cit.) lembra também que trabalhar dicionários em sala de aula é algo que exige empenho e muito estudo do professor. Isto porque as

atividades precisam ser pensadas com antecedência e é necessário que se conheçam os dicionários disponibilizados para que se possa escolher aquele que se adéqua ao objetivo pretendido com a aula.

Nesse sentido, uma atividade com homônimos em dicionários, por exemplo, pode levar o aluno a pensar acerca das possibilidades de significado que se constroem no dicionário e que estão presentes ou não em seu cotidiano. Essas atividades serão sempre avaliadas pelo professor tendo como ponto de partida o material que lhe é disponibilizado. Para tanto, é que se faz necessária a análise dos dicionários escolares a fim de contribuir com o trabalho do professor em sala.

## 6. A presença de homônimos nos livros didáticos do PNLD 2012

Conforme já mencionado, analisaremos o tratamento de homônimos nos dicionários escolares tendo por base os exemplos trazidos pelos livros didáticos que foram selecionados pelo PNLD 2012 para o ciclo 2012-2014. Tomamos, portanto, os livros didáticos como critério de escolha dos exemplos de homônimos que serão analisados na seção seguinte.

Para tanto, esclarecemos que o PNLD 2012 selecionou os livros didáticos que iriam compor o ensino básico em nível Médio. As editoras apresentam-nos em coleções de três livros, um para cada série. Sendo o assunto “Homônimos” unidade curricular da Primeira Série, concentramo-nos, então, nos homônimos presentes no primeiro livro de cada coleção. São utilizados, aqui, como base para demonstrar os exemplos de homonímia, os seguintes livros:

- *Ser protagonista*, organizado por Ricardo Gonçalves Barreto (SM editora);
- *Português: contexto, interlocução e sentido*, de Maria Luiza Abaurre, Maria Bernadete Abaurre e Marcela Pontara (editora Moderna);

- *Português: literatura, gramática, produção de texto*, de Leila Sarmiento e Douglas Tufano (editora Moderna);
- *Língua portuguesa: linguagem e interação*, de Faraco, Moura e Maruxo Junior (editora Ática);
- *Viva português*, de Elizabeth Campos, Paula Cardoso e Silvia Andrade (editora Ática);
- *Novas palavras*, de Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite e Severino Antônio (editora FTD).

Todas as coleções supracitadas foram aprovadas pelo PNLD e enviadas às escolas para a escolha pelos professores de qual material melhor correspondia à sua realidade. Pela análise das coleções, verificamos a presença dos seguintes homônimos em cada livro, quando tratam do assunto.

O livro *Ser protagonista* (p. 244) utiliza como exemplo a unidade léxica “leve” para demonstrar o homônimo perfeito em uso. Conforme seus excertos: “‘Leve o resto da pizza’ ou ‘Policial da Namíbia conquista título no peso leve do boxe’”. Ainda, cita como homônimas homófonas as unidades “conserto” e “concerto”; e como homônimas homógrafas, a unidade “almoço”.

O livro *Português: contexto, interlocução* (p. 227-228) traz seus exemplos para os tipos de homônimos em forma de pequena lista de unidades léxicas. Reproduzimos algumas: a) homófonas heterográficas: acender/ascender; acento/assento; censo/senso; concerto/conserto; espectador/expectador; passo/paço; cessão/seção/secção/sessão; chá/xá; b) homófonas heterofônicas: torre (construção alta ou queime); colher (talher ou apanhar, tirar); começo (início ou início); c) homófonas homógrafas: manga (fruta ou parte da roupa); Papa (pontífice ou comida pastosa); cabo (objeto ou graduação militar).

O livro *Português: literatura, gramática, produção de texto* (p. 313) também traz os exemplos para cada tipo de homônimo em forma de lista: a) homófonas heterográficas: concerto/conserto; cela/sela; censo/senso; apreçar/apressar; acender/ascender; cessão/sessão/seção; cerrar/serrar; paço/passo. b) homógrafas heterofônicas: colher (substantivo e verbo); gelo (substantivo e verbo); começo (substantivo e verbo); almoço (substantivo e verbo); molho (substantivo e verbo); torre (substantivo e verbo); jogo (substantivo e verbo). c) homógrafas homófonas: livre (adjetivo e verbo); são (adjetivo, verbo e mesmo que santo); serra (substantivo e verbo).

O livro *Língua portuguesa: linguagem e interação* é outro exemplar que traz seus exemplos em forma de lista. Entretanto, para cada exemplo, apresenta uma sentença explicativa. Como aqui nos interessam as unidades homônimas citadas, limitamo-nos a reproduzir somente estas. Para as homógrafas e homófonas: são (verbo e adjetivo). Para as homógrafas, são utilizadas: cura (saúde e vigário); guarda (substantivo e verbo). Para as heterógrafas: acentos/assentos; cela/sela; acender/ascender; apressar/apreçar; caça/cassa; concerto/conserto; censo/senso; cerrar/serrar; cessão/seção/sessão; cheque/xequê; coser/cozer; russo/ruço.

O livro *Viva Português* não traz uma seção dedicada à homonímia e aos seus aspectos.

O último livro de primeira série aqui exposto, *Novas palavras* (271-272), aborda os homônimos e sua tipologia com uma pequena lista de exemplos: a) homônimos perfeitos: são (sadio, verbo ou santo); leve (pouco peso ou verbo). b) homônimos homógrafos: torre (prédio ou verbo); colher (objeto ou verbo). c) homônimos homófonas: acento/assento; caçar/cassar; espiar/expiar; cessão/sessão/seção/secção.

Percebemos que os livros dedicam poucas páginas para abordar a homonímia, reduzindo-a muitas vezes a uma lista de unidades léxicas. Com isso, a homonímia é tratada fora de sua complexidade de uso e das constituições sociais que permitem sua utilização. Ante o exposto, selecionamos os homônimos “cura” e “são” utilizados nos livros supracitados para a análise de sua ocorrência nos dicionários escolares do PNLD 2012, também aprovados pelo MEC.

### **7. Análise dos homônimos “cura” e “são” nos dicionários escolares**

É interessante notar que todos os dicionários selecionados e elencados no PNLD 2012 podem ser considerados conhecidos ou até mesmo tradicionais. Tais dicionários já têm um histórico de produção no Brasil e, tendo incorporado tipos diferentes, já foram de alguma forma analisados. A diferença que se dá para esta análise é o fato de serem dicionários produzidos em 2012 direcionados para um público específico.

É preciso ressaltar, também, que o tratamento de homônimos em dicionários segue critérios estabelecidos pelo autor do dicionário e, portanto, pode levar a maneiras diferentes de distribuição desses homônimos. Em suas descrições de uso, os dicionários ressaltam as seguintes informações sobre os homônimos que apresentam:

1. No DEB, “palavras homônimas homógrafas e homófonas (as que se escrevem e se pronunciam do mesmo modo) de origens etimológicas diferentes, têm entradas independentes, seguidas de um número alceado (índice)” e “palavras homônimas homógrafas não homófonas (as que se escrevem do mesmo modo e têm pronúncia diferente) têm entradas independentes mas sem número alceado, pois a pronúncia as diferencia” (p. 11, Seção



Saiba mais sobre este dicionário). Pela ordem estipulada, as que têm timbre aberto antecedem as que têm timbre fechado.

2. No DUC, “os homônimos homógrafos estão em entradas independentes enumeradas [**manga**<sub>1</sub> e **manga**<sub>2</sub>]; para os homônimos homófonos, que tem a mesma pronúncia, mas grafia diferente [**era/hera; caça/cassa**], chama-se a atenção depois de ...” (Seção Introdução, p. VIII).
3. No DHC, “um algarismo alceado à esquerda da unidade léxica que se define é usado nos casos de grupos desses vocábulos [homônimos homógrafos homófonos] que se escrevem e pronunciam da mesma maneira, mas têm origens etimológicas diferentes” e “neste caso – homônimos homógrafos não homófonos – não há número alceado nas entradas, pois a ortoépia se encarrega de justificá-los como palavras de entrada autônoma” (p X, Seção Como é este dicionário).

Como já pudemos observar, o critério de separação dos homônimos nos dicionários é a etimologia, o que pode ser visto em várias entradas dos dicionários e conforme descrito nas entradas selecionadas para esta análise, mais abaixo.

Sobre o critério etimológico para diferenciar os homônimos, Lyons (2011, p. 111) defende ser irrelevante na linguística sincrônica. Para o autor, a principal consideração é haver relação de significado.

Os vários significados de um lexema polissêmico único (por exemplo, neck<sub>1</sub>, neck<sub>2</sub>, neck<sub>3</sub>, etc.) são normalmente tidos por relacionados entre si, se tal condição não fosse satisfeita, o lexicógrafo falaria em homonímia e não polissemia, colocando várias entradas lexicais diferentes no dicionário. Há uma

dimensão histórica na relação entre os significados, o que torna a questão mais complicada (LYONS, 2011, p. 111).

Selecionamos, assim, com base nos exemplos elencados nos livros didáticos, as seguintes unidades léxicas para análise nos dicionários: “cura” e “são”. Elas foram escolhidas tendo em vista que a unidade “são” ocorre em três dos livros, ou seja, em metade dos que apresentam o tópico que se refere à homonímia, e que a unidade “cura” ocorre somente em um livro. Assim, apresentamos uma unidade muito frequente e outra pouco frequente. Mencionamos, ainda, que as unidades exemplificativas dos livros que se referem a verbos conjugados foram evitadas porque elas só aparecem em dicionários na forma infinitiva e não na forma conjugada, como ocorrem nos exemplos dos livros. Somente “são”, unidade frequente, aparece nesse formato que lembra a conjugação do verbo, entretanto não se refere à forma de verbo em si, mas a adjetivos. Transcrevemos, abaixo, as entradas em cada dicionário escolar:

### **Cura:**

Dicionário Houaiss Conciso:

cu.ra *s.f.* 1 restabelecimento da saúde 2 *fig.* solução; remédio <essa situação não tem c.>3 método de secagem de queijo, chouriço etc. *s.m.* 4 vigário de aldeia [ETIM: lat. *cūra*, *ae* ‘cuidado, administração etc.’]

Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara:

**cura** (*cu.ra*) *sf.* 1 Ação ou efeito de curar(-se). 2 Processo de secar ao calor ou ao fogo (carnes, peixes, queijos, etc.) 3 *Fig.* Solução, remédio. *problema sem cura.* *sm.* 4 pároco de aldeia. [Do lat. *cura*, *ae.*]

Dicionário Unesp do Português Contemporâneo:

**CURA<sub>1</sub>** cu.ra **Sf.** **1** ação de curar; tratamento de uma doença: *Atualmente já é possível a cura do câncer.* **2** possibilidade de ficar são: *Se o paciente acredita na cura, isso favorece o tratamento.* **3** solução: *Essa sua mania de focar não tem cura.* **4** método de secar (queijos): *Pela cura o queijo perde bastante água.* **5** processo de tratamento de couro, borracha, fumo, etc: *Para a cura do couro usam-se cascas de vegetais.*

**CURA<sub>2</sub>** cu.ra **Sm** vigário de paróquia pequena.

Conforme exposto anteriormente, os dicionários são compostos na forma estrutural descrita em Haensch et al (1982). Essa estrutura pode ser observada nos exemplos das unidades léxicas. Como pode ser visto, eles trazem a entrada em destaque, que representam a palavra-chave, depois fazem indicações de separação silábica (Unesp e Bechara) ou fazem a separação silábica na própria entrada em destaque (Houaiss).

Indicam, então, a classe gramatical e a definição. Dependendo da entrada, os elementos descritos pelo autor que compõem as partes sintagmáticas e paradigmáticas podem aparecer em sua totalidade ou somente em parte. Por exemplo, nem todas as entradas trazem sinônimos e antônimos.

Ao abordar a unidade “cura” como homônima, o livro didático menciona que ela pode se referir à “cura” (restabelecimento da saúde) ou a “vigário” e, por isso, as duas acepções são consideradas homônimas homógrafas. Em seu aspecto sintagmático, no verbete transcrito acima, podemos observar que a divisão em entradas diferentes para esses homônimos só ocorre no DUC, o qual separa as entradas por gênero: primeira entrada, gênero feminino; segunda entrada, gênero masculino, tendo esse aspecto gramatical como base. Os demais dicionários trazem as ocorrências em uma

mesma entrada, com a justificativa de terem a mesma origem etimológica, que é trazida ao final da entrada e conforme anunciado pelos próprios dicionários.

O DHC cita ainda que a origem etimológica da unidade léxica diz respeito tanto à ideia de cuidado quanto à de administração. Logo, podemos compreender que, apesar de mesma origem, as unidades deslocam-se em sentidos diferentes, tomando o aspecto diacrônico da língua como base.

Os sentidos que se estabelecem para “cura” como “cuidado”, “saúde”, têm certa distância de “cura” como “administração”. Observamos que essa unidade constituirá sentidos que são tratados em entradas diferentes para melhor compreensão do consulente sobre as diferenças entre os homônimos.

Trazer os homônimos em entradas diferentes é importante para o contexto pedagógico em que se insere o dicionário. Segundo Hernández (1989, p. 95), “não duvidamos da utilidade pedagógica de registrar em entradas distintas as palavras quando estas apresentam significados claramente diferenciados<sup>8</sup>”. Esses significados, às vezes, não são tão claros, pois os sentidos que assume uma unidade lexical são resultantes de um contexto dinâmico e não traçam limites bem demarcados a um signo. Entretanto, a divisão dos homônimos representa, pedagogicamente, um auxílio ao consulente no entendimento do verbete.

A entrada de “cura” como vigário de paróquia pequena também pode se aproximar do sentido de sujeito que realiza milagres. A partir disso, haveria uma aproximação entre as duas entradas e isso justificaria o fato de os DHC e DEB as trazerem em um único verbete. Nesse caso, é preciso refletir se essa unidade, dessa forma, não constitui polissemia em vez de homonímia.

Os dicionários DHC e DEB trazem as acepções separadas por ideia denotativa e conotativa (sentido figurado), o que não ocorre para o DUC. O

---

<sup>8</sup> (...) no dudamos de la utilidade pedagógica de registrar em entradas distintas las palabras cuando éstas presentan significados claramente diferenciados. (HERNÁNDEZ, 1989, p. 95)

sentido equivalente à “solução”, por exemplo, é considerado para os dois primeiros um sentido figurado, enquanto para o último é visto apenas como mais uma acepção da entrada. O DUC, portanto, em lugar de separar ‘tipos de sentido’, separa essas entradas somente em ‘possibilidades de sentido’, além do aspecto gramatical do gênero.

Dessa maneira, compreendemos que, apesar de as acepções de “cura” constituírem-se em homônimos homógrafos para o livro didático, somente o DUC corrobora na separação desses sentidos, levando o consulente a visualizar com mais clareza que se trata de homonímia.

Analisemos, agora, o segundo verbete escolhido.

### São:

Dicionário Houaiss Conciso:

<sup>1</sup>são [pl.: *sãos*] *s.m.* forma de tratamento empregada para os santos que têm seus nomes iniciados por consoante, como p.ex., *são Brás* [abrev.: S.] inicial freq. Maiúsc. [ETIM: de *santo*]

<sup>2</sup>são: [pl.: *sãos*] *adj.s.m.1* (aquele) que tem saúde, que não tem defeito físico; sadio. Doente *adj. 2* que readquiriu a saúde; curado. doente. **3** que contribui para a saúde física e/ou espiritual; salutar <*ambiente s.*> insalubre. **4** ileso, salvo <*apesar da chuva, chegou s. e salvo*> lesionado *5fig.* sem defeitos; puro. imoral *6 fig.* confiável, sincero <*conselho s.*> falso GRAM/ uso sup.abs.sint.: *saníssimo* [ETIM: do lat. *sanus, a, um, 'são, sadio'*].

Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara:

**são<sup>1</sup>adj. sm.** 1 Que ou quem desfruta de boa saúde, física e mental. [Antôn.: *doente*] **adj.** 2 Que traz benefícios à saúde; saudável. [Pl.: *sãos*. Fem.: *sã*.][Do lat. *sanus, a, um*].

**são<sup>2</sup>adj.** Santo. são Pedro. [obs.: F. Apocopada de santo (2), us, antes de nomes iniciados por consoante.] [Abrev.: S.] [F. red. de *santo*.]

Dicionário Unesp do Português Contemporâneo:

**SÃO<sub>1</sub>Adj.** 1 que tem saúde; livre de doença ou defeito físico; sadio: *O que importa é a semelhança entre os sintomas do doente e os de cada medicamento experimentado no homem são.* 2 que recobrou o estado de saúde; restabelecido; curado: *Com apenas uma caixa de comprimidos fiquei completamente são.* 3 que demonstra uso da razão; lúcido: *Acho que você não está muito são, anda dizendo coisas sem nexos.* 4 que contribui para a saúde física e mental: *Trabalho num ambiente são, onde não se fuma nem se fala da vida alheia.* 5 que não apodreceu nem estragou: *As frutas, quando bem embaladas, se conservam sãs por vários dias.* 6 sem problemas; em boas condições: *Parece que, finalmente, nosso sistema econômico-financeiro está bastante são.* **Sm** 7 indivíduo que tem saúde: *Evidentemente, hospitais não foram feitos para os sãos.* **s. e salvo** ileso; incólume: *A mãe rezava para que o filho voltasse são e salvo.* **(i)** Ant para 1,2 e 4 **doente** **(ii)** Pl **sãos** **(iii)** Fem **sã**.

**SÃO<sub>2</sub>Adj** santo: São Sebastião pertence ao grupo dos mártires Cp **santo**.

Diferente do verbete analisado anteriormente, essa unidade léxica foi explorada pelos três dicionários em duas entradas. Essa forma de

apresentação, que não ocorreu para a anterior em dois dos dicionários, demonstra melhor ao consulente que estamos tratando de homônimos perfeitos, visto que, apesar de igual escrita e fonia, os sentidos que se estabelecem em cada entrada não são aproximados.

Os DHC e DEB deixam claro que os aspectos utilizados para agrupamento das entradas foram a etimologia e a classe gramatical, já que se trata de duas origens diferentes. O DUC, mesmo não trazendo essa informação de forma explícita, demonstra também ter utilizado esse critério na sua divisão. Assim, estão separados os sentidos de “são” que equivalem à “saúde” dos sentidos que correspondem a “santo” nos três dicionários. Esse é um agrupamento de homônimos que se espera encontrar em dicionários monolíngues gerais, neste caso, escolares.

O DUC, conforme ocorreu também para a primeira entrada, traz vários exemplos que facilitam a compreensão dos diferentes sentidos da unidade léxica. Mesmo quando se trata de sentidos aproximados, como é o caso das diferentes abonações para a unidade equivalente à “saúde”, os exemplos figuram como caminhos discursivos para o entendimento das possibilidades de uso.

## 8. Considerações finais

O uso de dicionário como material didático em sala de aula constitui uma prática disponível ao professor e por vezes utilizada por ele. Por isso, este texto aborda o tratamento dos homônimos em dicionários escolares tendo por base exemplos retirados dos livros didáticos do PNLD 2012, visando contribuir com a reflexão sobre a apresentação dos homônimos em dicionários. Por conseguinte, proporciona reflexão acerca do uso desses dicionários no processo de ensino e aprendizagem.

Mais do que material de consulta passivo, procuramos demonstrar que o dicionário é composto de escolhas que podem levar em consideração diferentes

fatores, como público-alvo, etimologia, classe gramatical, usos linguísticos. Todas essas características ajudam-nos a pensar a aula com uso de dicionário não apenas como busca de uma ortografia, mas como elemento complexo com as possibilidades mais diversas para aprendizagem, tanto em questões de análises gramaticais como em questões de uso da linguagem.

Em especial, o público desses dicionários é fator relevante para a sua construção, já que são direcionados para as escolas de Ensino Médio. Em vista disso, eles são organizados, segundo os próprios autores, de maneira que sejam úteis para o estudante. Conforme aborda Hernández (1989), o dicionário deve estar presente na escola porque tem função didática e é valioso instrumento para promoção de ensino e aprendizagem.

O uso desse material, como menciona Biderman (2002), não deve estar restrito, portanto, à procura pela escrita correta. O dicionário pode ser um ótimo instrumento na sala de aula para promoção da reflexão do aluno, tornando-o ativo no processo e demonstrando como a “língua dicionarizada” é um produto discursivo concreto dos sentidos que percorrem a comunidade.

Em se tratando da homonímia, verificamos que sua definição não é fácil, conforme demonstram os autores abordados neste artigo e, por isso, as escolhas dos homônimos em dicionários seguem posicionamentos diferentes, mesmo tendo como critério mais usual a origem da palavra e características gramaticais. Como pôde ser verificado, nem sempre os homônimos são apresentados em entradas separadas, o que pode causar confusão ao consulente, pois o leva a pensar que não se trata de homônimos. Uma abordagem utilizando o livro didático e o dicionário pode auxiliar o aluno a compreender melhor a presença dos homônimos nos dicionários e seu uso no discurso.

Os dicionários, geralmente, utilizam exemplos para cada definição para fins de esclarecimento dos diferentes sentidos da palavra. Consideramos,



entretanto, que o contexto frasal que traz o DUC torna-se mais esclarecedor para o consulente sobre as possibilidades de sentidos da entrada, visto que o situa no contexto específico da ocorrência de sentido. Levando-se em consideração que o discurso é localizado, o contexto frasal facilita ao consulente o direcionamento discursivo. Em vista disso, observamos que os dicionários mencionados nesta análise partem de um *corpus* social, ou seja, partem de informações discursivas que circulam em sociedade e são aceitas e usadas por ela de forma frequente inclusive, assim demonstrada a necessidade da presença do exemplo para o consulente, já que é impossível que existam todas as unidades léxicas de uma língua em um dicionário. Isso é importante porque, conforme nos posicionamos, ao se considerar o dicionário um gênero do discurso, assume-se que ele apresenta relações semânticas que tanto tem o poder de modificar o discurso social quanto de reafirmá-lo, dando-lhe estabilidade.

As relações semânticas, portanto, configuram-se como importantes aspectos dos dicionários, pois demonstram como o discurso se compõe na sociedade onde a obra está inserida. Ainda, fica demonstrado que recobrir todas as possibilidades significativas de um verbete é impossível. Por essa razão, geralmente os autores se concentram naqueles que são considerados com mais frequência e, como essa escolha não deixa de ter influência subjetiva, as composições dos dicionários mostram divergências.

Por fim, esperamos contribuir para o trabalho dos professores em sala de aula, haja vista que é necessária a análise constante do material e do recurso didático que lhes são entregues e disponibilizados. O uso do dicionário em sala dependerá dos objetivos da aula que o professor pretende lecionar. Pensar sobre sua construção auxilia no entendimento do impacto que esse dicionário pode ter em sala, visto que ele carrega um discurso que é produto e ao mesmo tempo produtor da/na comunidade.

## Referências

- ALVES, Ieda Maria. **Polissemia e homonímia em uma perspectiva terminológica**. São Paulo: Alfa, 2000. p. 261-272.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1929.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Análise de dicionários gerais do Português Brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss**. Filologia Linguística. Port, n. 5. 2002. p. 85-116.
- BRASIL. Ministério da Educação. **PNLD Dicionários**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=16841:dicionario>. Acesso em: 20 out. 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Com direito à palavra: dicionários em sala de aula**. Elaboração Egon Rangel. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2012.
- CORREIA, Margarita. Homonímia e Polissemia – contributos para a delimitação dos conceitos. In: **Palavras**, n. 19. Lisboa: Associação dos Professores de Português, 2000, p. 55-75.
- DAPENA, José-Álvaro Porto. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: Arco/Libros, 2002.
- HAENSCH, G. Tipología de las obras lexicográficas. In: HAENSCH, Get all. **La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica**. Biblioteca Románica Hispánica. Madrid: Editorial Gredos, 1982. p. 95-165.
- HERNÁNDEZ, Humberto. **Los diccionarios de orientación escolar: contribución al estudio de la lexicografía monolingüe española**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1989.
- ORLANDI, Eni. P. Análise do dicionário. In: NUNES, José Horta. **Dicionários no Brasil: análise e história**. Campinas, SP: Pontes Editores – São Paulo, SP: Fapesp – São José do Rio Preto, SP: Faperp, 2006. p. 15-58.

SILVA, Wagner Rodrigues et al. O que são materiais didáticos? Uma abordagem na Linguística Aplicada. In: SILVA, Wagner Rodrigues; SANTOS, Janete Silva; MELO, Márcio Araújo de (Orgs.). **Pesquisas em língua (gem) e demandas do ensino básico**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014. p. 263-294.

TRAVAGLIA, Luis Carlos. **Homonímia, mundos textuais e humor**. Organon, Porto Alegre, v. 9, n. 23, 1995. p. 41-50.

ULLMANN, Stephen. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. Tradução de J.A. Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VILELA, Mario. **Estruturas léxicas do Português**. Livraria Almedina, 1979. p. 9-37.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários – uma pequena introdução à lexicografia**. 2. ed. Brasília: Thesaurus, 2004.

### **Dicionários utilizados**

BECHARA, Evanildo. **Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011.

BORBA, Francisco S. **Dicionário Unesp do Português Contemporâneo**. LONGO, Beatriz Nunes de Oliveira; NEVES, Maria Helena de Moura; BAZZOLI, Marina Bortolotti; IGNÁCIO, Sebastião Expedito (colaboradores). Curitiba: Piá, 2011.

INSTITUTO HOUAISS (Org.). **Dicionário Houaiss Conciso**. Mauro de Salles Villar (editor responsável). São Paulo: Moderna, 2011.

### **Livros didáticos utilizados**

ABAURRE, Maria Luiza M; ABAURRE, Maria Bernadete M; PONTARA, Marcela. **Português: contexto, interlocução e sentido**. v. 1. São Paulo: Moderna, 2010.

AMARAL, Emília et al. **Novas Palavras, nova edição**. v. 1. São Paulo: FTD, 2010.

BARRETO, Ricardo Gonçalves (Org.). **Português: ensino médio**. Coleção Ser protagonista. v. 1. São Paulo: Edições SM, 2010.

CAMPOS, Elizabeth Marques; CARDOSO, Paula Marques; ANDRADE, Sílvia Letícia de. **Viva Português: ensino médio**. v. 1. São Paulo: Ática, 2010.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de; MARUXO JUNIOR, José Hamilton. **Língua Portuguesa: linguagem e interação**. v. 1. São Paulo: Ática, 2010.

SARMENTO, Leila Lauar; TUFANO, Douglas. **Português: literatura, gramática, produção de texto**. v. 1. São Paulo: Moderna, 2010.

Artigo recebido em 21.08.2016

Artigo aprovado em 20.12.2016

## Colocações especializadas do setor feirístico

### Specialized collocations in the trade fair sector

Ariane Dutra Fante Godoy\*

**RESUMO:** O setor feirístico tem importante relevância no cenário econômico nacional e internacional e está em constante expansão, oferecendo oportunidades para as empresas tornarem-se conhecidas, expandirem seus negócios, gerarem empregos e aumentarem as suas receitas. Esse contexto estimula o surgimento de material especializado e cria a demanda por tradução. Para este artigo, propomos apresentar alguns exemplos de colocações verbais especializadas, encontradas durante pesquisa realizada no mestrado, para a elaboração do Glossário Bilíngue dos Termos Fundamentais do Setor Feirístico: busca de equivalências em inglês (GODOY, 2014), para o uso de profissionais da área, pesquisadores, estudantes e, principalmente, intérpretes e tradutores. Para tanto, utilizamos como base teórica os conceitos e princípios da Terminologia Bilíngue e Equivalência Terminológica (DUBUC, 1985, 1992), da Teoria Comunicativa da Terminologia (CABRÉ, 1993, 1999) e da Linguística de Corpus (SINCLAIR, 1966; BERBER SARDINHA, 2004). Para desenvolver este trabalho, reunimos *corpora* em português e em inglês (livros, artigos e revistas especializados, guias e manuais do expositor). Para a coleta das colocações, utilizamos o software *WordSmith tools* (versão 6.0), desenvolvido por Mike Scott (2012), e as armazenamos em fichas criadas com o apoio da ferramenta Access 2010. Em seguida, procedemos à análise dos contextos e dos ganchos terminológicos para a busca e o estabelecimento das equivalências. Considere-

**ABSTRACT:** The trade fair sector is of considerable importance in the Brazilian and international economic environment and it is constantly expanding, offering opportunities for the companies to become known, to expand their businesses, to generate jobs and to increase their revenues. This context encourages the emergence of specialized material and creates the demand for translation. For this article, we propose to present some examples of specialized verbal collocations found during an MA study in order to elaborate a Bilingual Glossary of Fundamentals Terms of the Trade Fair Sector: Search for Equivalences in English (GODOY, 2014), to be used by professionals in the field, researchers, students and, mainly, interpreters and translators. The study was based on the concepts and principles of Bilingual Terminology and Terminological Equivalence (DUBUC, 1985, 1992), Communicative Theory of Terminology (CABRÉ, 1993, 1999) and Corpus Linguistics (SINCLAIR, 1966; BERBER SARDINHA, 2004). To develop this work, we gathered corpora in Portuguese and English (books, specialized articles and magazines, guides and manuals for exhibitors). To collect the data WordSmith software (version 6.0), developed by Mike Scott (2012) was used, and the collocations were stored in terminological records created from Microsoft Access (2010). Next, we analyzed the contexts and the terminological links to establish the equivalences. Considering the importance of participation in fairs for the expansion of

\* Doutoranda em Estudos da Tradução pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo–FFLCH/USP. E-mail: ariane.fante@gmail.com

---

rando a relevância da participação em feiras para a expansão das exportações e o crescimento da economia interna, os 526 verbetes que compõem o glossário serão úteis não só para os profissionais do setor, mas também para tradutores e intérpretes que produzem textos orais e escritos sobre o referido domínio.

**PALAVRAS-CHAVE:** Terminologia. Tradução. Colocações. Setor Feirístico.

exports and the growth of the domestic economy, the 526 entries in the glossary will be useful not only for professionals in the sector, but also for translators and interpreters who produce oral and written texts about this domain.

**KEYWORDS:** Terminology. Translation. Collocations. Trade Fair Sector.

---

## 1. Introdução

O objetivo do presente artigo é apresentar as colocações verbais especializadas do domínio das feiras de negócios. Tais colocações foram encontradas durante pesquisa realizada no mestrado para a elaboração do Glossário Bilíngue dos Termos Fundamentais do Setor Feirístico para uso de profissionais da área feirística, tradutores, intérpretes e estudantes de áreas correlatas ao marketing internacional e ao comércio exterior.

Kotler (1998, p. 578) afirma que “as feiras estão entre as principais ferramentas de promoção destinadas à força de vendas e ao negócio”. Os expositores esperam vários benefícios de sua participação em uma feira, tais como: o estabelecimento de novos negócios, o *follow up* com clientes atuais, a apresentação de novos produtos, o aumento das vendas, entre outros (KOTLER, 2006, p. 589). Uma feira, portanto, não é apenas um lugar de promoção e vendas; é muito mais do que isso. Uma feira é o local ideal para descobrir novos mercados, conhecer a concorrência, verificar se há condições de exportação, trocar experiências, avaliar a competitividade da empresa, abrir novos clientes, fazer o lançamento de novos produtos, conseguir representantes e, claro, vender produtos (SEBRAE, s.d).

Em síntese, uma feira de negócios é terreno fértil para coletar informações, fazer contatos, expor produtos, realizar vendas; é uma excelente

vitrine para as empresas que buscam expandir seus negócios e conquistar novos mercados. A participação em feiras no exterior tornou-se, portanto, o portão de entrada de produtos brasileiros no mercado externo e de produtos estrangeiros no mercado brasileiro.

De acordo com o *Manual de Participação em Feiras Internacionais* elaborado pela Embratur – Instituto Brasileiro de Turismo, além de ser um local de compra e venda, as feiras possuem aspectos de grande importância, a saber:

- (1) *importância comercial*: uma feira é um centro de contatos comerciais que permite um elevado número de encontros entre fornecedores e compradores, atuais ou potenciais, sobretudo se os compradores são estrangeiros. As feiras acontecem em períodos de lançamento de novos produtos e sempre em momentos que antecedem os períodos de alta temporada.
- (2) *importância política*: uma feira é o reflexo da importância, da criatividade e do dinamismo de determinado setor. É importante fator de progresso e atrai personalidades do mundo político, pesquisadores e meios de comunicação.
- (3) *importância econômica*: a participação em feiras internacionais permite o desenvolvimento intenso de contatos comerciais e novos negócios, gerando divisas para o país.
- (4) *importância tecnológica*: as feiras de negócios são um dos principais meios de divulgação e conhecimento de novas tecnologias, produtos e serviços.
- (5) *importância como meio de comunicação*: as empresas divulgam seus produtos para um público expressivo e diversificado durante as

feiras. É também uma oportunidade ímpar de acesso à mídia do país em que a feira se realiza e à mídia especializada (EMBRATUR, s.d).

Considerando os benefícios a curto, médio e longo prazos e o leque de possibilidades e oportunidades que as feiras oferecem para expositores e visitantes, elas constituem hoje uma das principais ferramentas de promoção comercial, tendo em vista a enorme quantidade de eventos dessa natureza que acontecem todos os dias no Brasil e ao redor do mundo.

O presente trabalho propõe, portanto, apresentar parte da pesquisa de mestrado concluída (GODOY, 2014)<sup>1</sup>, que se insere na área das feiras de negócios. Serão apresentados alguns exemplos de colocações verbais especializadas do domínio das feiras de negócios num contexto unidirecional, do português para o inglês. Para tanto, serão desenvolvidas as seguintes seções: a base teórica com conceitos sobre colocações especializadas, *corpus* e equivalência; os materiais e métodos utilizados na pesquisa e as considerações finais.

## 2. Perspectiva teórica

Neste artigo, abordaremos as colocações especializadas, pois se trata de uma área de especialidade – as feiras de negócios. Assim, consideramos importante comentar as diferenças e semelhanças entre as colocações utilizadas na língua geral e as colocações utilizadas na língua especializada. A princípio, trazemos as definições de colocações.

---

<sup>1</sup> Glossário Bilíngue dos Termos Fundamentais do Setor Feirístico: busca de equivalências em inglês. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto. Processo FAPESP n. 2012/09499-5.



O termo “collocation” (colocação) foi criado em 1951 pelo linguista britânico J. R. Firth (1957), autor da frase “uma palavra é conhecida pela companhia que mantém”. Sinclair (1991, p. 170) define colocações como “a ocorrência de duas ou mais palavras dentro de um curto espaço (uma da outra) em um texto”. O espaço entre as palavras é definido pela distância de cerca de quatro palavras à direita ou à esquerda da palavra investigada, nomeada por ele de node.

Hausmann (1985) faz uma distinção entre combinações fixas (formadas pelas expressões idiomáticas) e não fixas (as colocações). O autor propõe uma terminologia para referir-se aos elementos que compõem uma colocação: o elemento *base* e o elemento *colocado*. A base refere-se ao elemento conhecido, ou seja, aquele que faz parte de nosso universo, e é geralmente um substantivo ou verbo; o colocado, por sua vez, refere-se ao elemento desconhecido de uma colocação; qualquer elemento que coocorra de forma significativa com uma palavra de busca (TAGNIN, 2010, p. 357-358).

Vale destacar as características que qualificam uma combinação como colocação, a saber: *recorrência* – frequência superior a 1; *não idiomaticidade* – seu significado deve ser composicional; *coesão* – é necessário que haja uma forte ligação entre seus elementos; *restrição contextual* – deve haver uma probabilidade de que ocorra dentro de um contexto específico; e *coocorrência arbitrária* entre seus elementos – não há razão semântica que explique tal coocorrência (TAGNIN, 1998, p. 41).

L’Homme e Bertrand (2000, p. 498) afirmam que as “colocações são combinações convencionais em uma dada comunidade linguística, enquanto as colocações especializadas são combinações convencionais em um grupo de especialistas”. Desse modo, a base das colocações da língua geral é uma unidade lexical pertencente à própria língua comum e, no caso das colocações

especializadas, a base é uma unidade lexical com um conteúdo específico em um domínio de especialidade específico, ou seja, a base é um termo ou uma unidade terminológica.

Orenha (2009, p. 41), tendo por base a proposta de Hausmann (1985), apresenta a tipologia das colocações: colocações nominais, adjetivas, adverbiais e verbais. No presente estudo, trabalharemos apenas com as colocações verbais especializadas. A seguir, apresentamos um exemplo para cada tipo de colocação:

1. **colocações nominais:** substantivo (base) + preposição + substantivo (colocado) Exemplo: feira de negócios
2. **colocações adjetivas:** substantivo (base) + adjetivo (colocado)  
Exemplo: feira comercial
3. **colocações adverbiais:** advérbio (colocado) + preposição + substantivo (base)  
Exemplo: antes da feira
4. **colocações verbais:** verbo (colocado) + substantivo (base)  
Exemplo: alugar estande

Desse modo, à luz da Fraseologia, como vimos em Tagnin (1998), os exemplos descritos acima são considerados colocações. Assim, em *montar estande*, por exemplo, temos uma colocação verbal em que “estande” é o elemento base e “montar” é o elemento colocado que coocorre com o nódulo “estande”. Poderíamos citar outros colocados como “reservar”, “desmontar” ou “locar”, que também coocorrem com “estande”.

Entretanto, à luz da Terminologia, esses mesmos exemplos seriam analisados de outra maneira. Não falaríamos aqui em colocações, e sim em

termos complexos. Como se sabe, a Terminologia é a disciplina científica que estuda as línguas de especialidade e o conjunto vocabular de campos específicos. Seu campo de pesquisa, portanto, é “o sistema de comunicação oral ou escrita usado por uma comunidade de especialistas de uma área particular do conhecimento” (PAVEL & NOLET, 2002, p. 124). A Terminologia tem como objeto de estudo o termo, ou seja, a unidade lexical com um conteúdo específico dentro de um domínio especializado, o qual pode ser simples, constituído de um só radical, ou complexo, isto é, constituído de dois ou mais radicais (ISO 1087, 2000, p. 7).

Bevilacqua (2005, p. 242), por sua vez, fala em unidade fraseológica especializada, ou seja, “unidade resultante da combinação de duas unidades léxicas, uma das quais é o núcleo (colocador) e a outra o colocado; são semilexicalizadas e possuem determinados padrões morfossintáticos”. Assim, “colocação”, “termo complexo”, ou “unidade fraseológica especializada” são denominações distintas utilizadas por diferentes teorias para designar a mesma expressão linguística.

No campo da Terminologia, assim como da Fraseologia, a busca e o tratamento dos dados passaram a se fazer dentro do texto, ou melhor, dentro de um *corpus*. Por este, entende-se uma “coletânea de porções de linguagem que são selecionadas e organizadas de acordo com critérios linguísticos explícitos, a fim de serem usadas como uma amostra da linguagem” (BERBER SARDINHA, 2004, p. 17), ou uma “coletânea de textos em formato eletrônico, compilada segundo critérios específicos, considerada representativa de uma língua (ou da parte que se pretende estudar), destinada à pesquisa” (TAGNIN, 2004, p. 4).

A utilização do computador dá aos estudos de *corpora* maior precisão e praticidade. Dessa atividade, nasceu uma verdadeira disciplina científica, a Linguística de *Corpus*, que, segundo Berber Sardinha (2004, p. 3), trata-se de

uma área em pleno desenvolvimento que se “dedica à exploração da linguagem por meio de evidências empíricas, extraídas por computador”. Para construir um *corpus* de uma variedade específica, neste caso, do âmbito das feiras de negócios, deve-se ser o mais seletivo possível na escolha dos exemplares, para que eles reflitam de fato a variedade escolhida. Neste sentido, Berber Sardinha (2004, p. 19) destaca os quatro pré-requisitos para a formação de um *corpus* eletrônico: o *corpus* deve ser composto de textos autênticos, em linguagem natural, escritos por falantes nativos e representativo de uma variedade linguística ou mesmo de um idioma. No que diz respeito à tipologia, considerando a pesquisa em questão, estamos trabalhando com *corpora* escritos, especializados e bilíngues (originalmente escritos em português e em inglês).

Para a análise das colocações e a busca dos equivalentes em inglês, baseamo-nos na proposta dos ganchos terminológicos de Dubuc, encontrados nos *corpora* de estudo e em contextos de uso das colocações. Os ganchos terminológicos são definidos por Dubuc (1985, p. 72) como “os descritores comuns aos contextos que acompanham os termos em uma ficha terminológica”<sup>2</sup>. Por descritores o autor entende “os elementos reveladores do conceito contidos no contexto”<sup>3</sup> (DUBUC, 1985, p. 62). Nesse sentido, os ganchos terminológicos retirados dos contextos de uso nos auxiliam a compreender o conceito vinculado pela colocação, o que torna possível a busca pelos equivalentes, em inglês, na presente pesquisa.

### 3. Material e método

Reunimos *corpora* nas duas línguas de estudo com base na Linguística de *Corpus* de Berber Sardinha. Nossos *corpora* são constituídos de livros, artigos e

---

<sup>2</sup> Les descripteurs communs aux contextes accompagnant les vedettes d’une fiche terminologique (DUBUC, 1985, p. 72).

<sup>3</sup> Des éléments révélateurs de la notion contenus dans le contexte (Ibid., p. 62).

revistas especializados, guias e manuais do expositor. Grande parte dos textos que constituem nossos *corpora* encontra-se disponível na *Internet*, o que facilitou a construção da nossa base de dados textual.

Em seguida, procedemos ao levantamento dos termos em português e em inglês por meio do software para tratamento de *corpora*, *WordSmith Tools* (versão 6.0), desenvolvido por Mike Scott (2012). Trata-se de um programa que reúne as principais ferramentas que o linguista de *corpus* precisa para identificar e comparar frequências e listar palavras no seu contexto original. É composto de três ferramentas principais:

- *wordlist*: propicia a criação de palavras. O programa é predefinido para produzir, a cada vez, duas listas de palavras, uma ordenada alfabeticamente e outra classificada por ordem de frequência de palavras; o programa oferece ainda uma terceira janela na qual aparecem estatísticas relativas aos dados usados para a produção das listas.
- *keywords*: permite a seleção de uma lista de palavras (ou mais) por meio da comparação de sua frequência com uma lista de referências. O resultado do contraste é uma lista de palavras-chave, ou palavras cujas frequências são estatisticamente diferentes no *corpus* de estudo e no *corpus* de referência.
- *concord*: produz concordâncias ou listagens das ocorrências de um item específico (chamado palavra de busca), acompanhado do texto ao seu redor (cotexto), (BERBER SARDINHA, 2004, p. 91-105).

A seguir, confeccionamos duas *Wordlists*, uma em português e uma em inglês. Essas *Wordlists* foram comparadas a *Wordlists* de *corpus* de referência nas duas línguas de nosso estudo, a saber: BNC (*British National Corpus*) e Folha de São Paulo. Deste modo, obtivemos como resultado duas listas de *Keywords* de nossa pesquisa. Em seguida, fizemos a pesquisa de concordância desses termos-chave no *Concord* para identificarmos as colocações verbais especializadas do setor feirístico. Essas ferramentas tornaram mais fáceis a organização e a observação dos dados e foram úteis para a análise das colocações e a busca dos contextos de uso.

Tagnin (2002, p. 204) define o *WordSmith Tools* como uma “ferramenta que fornece, a partir de textos pré-selecionados, concordâncias para a palavra de busca, *clusters* (agrupamentos frequentes), listas das palavras mais frequentes num texto, bem como palavras-chave de um texto”. Por suas características, essa ferramenta é eficaz para o desenvolvimento de materiais terminográficos, principalmente no que diz respeito à análise das colocações e seus contextos de uso, essenciais na elaboração de glossários bilíngues ou multilíngues de uma área de especialidade.

#### 4. Análise dos dados

Para esta pesquisa, utilizamos as ferramentas *Wordlist* e *Keywords* para a coleta das colocações verbais especializadas e a ferramenta *Concord* para a análise e a busca dos contextos em que elas ocorrem. Uma vez selecionadas as palavras-chave, o passo seguinte foi o levantamento das colocações verbais com o auxílio da ferramenta *Concord* por meio das abas *concordance* e *collocates*. Dessa maneira, utilizamos a aba *collocates* da ferramenta *Concord* para identificarmos as palavras que apareciam com mais frequência à esquerda ou à direita da

palavra de busca ou node. Cabe destacar que neste artigo trataremos somente das colocações verbais especializadas do domínio das feiras de negócios.

Os exemplos de colocações descritos nos quadros abaixo não são traduções dos exemplos em português. Foram todos extraídos dos *corpora* de pesquisa, a fim de oferecerem maior segurança e fiabilidade no uso de tais colocações verbais especializadas. Trata-se, portanto, de exemplos retirados da língua em uso. Como poderemos observar pela análise das colocações descritas a seguir, a busca pelos equivalentes não ofereceu grandes obstáculos por se tratar de exemplos com significativa correspondência formal. A seguir, apresentamos os exemplos de colocações verbais especializadas para os núdulos “estande”, “feira”, “produto” e outros.

Desse modo, para o núdulo “estande”, foram feitas as pesquisas de concordância e descobrimos as seguintes colocações verbais:

Quadro 1. Colocações verbais para o núdulo “estande”.

Verbo (colocado) + estande (base).

COLOCAÇÕES ESPECIALIZADAS EM INGLÊS	COLOCAÇÕES ESPECIALIZADAS EM PORTUGUÊS
<b>to rent stand</b>	<b>locar estande</b>
At some events, the majority of exhibitors take advantage of the opportunity <i>to rent stands</i> . The organizer wants to create an integrated image for the trade fair. In this case, the priority is the presentation of products and not the company image.	Este espaço será escolhido de acordo com os objetivos traçados e principalmente de acordo com a verba disponível. Neste momento já se escolhe a metragem e a localização na planta do evento. É importante saber onde a concorrência estará localizada e tentar <i>locar um estande</i> nas imediações.
<b>to assemble stand</b>	<b>montar estande</b>
There are different ways <i>to assemble the stand</i> : the company itself is responsible for the whole design and the assembly. In this case personnel with the appropriate know-how has to be available.	Nossa expertise é criar, planejar e <i>montar estandes</i> para feiras e exposições.
<b>to disassemble stand</b>	<b>desmontar estande</b>

It is the exhibitor's and the contractor's responsibility to <i>disassemble the stand</i> and remove the products and equipments in the times and conditions explained in this manual.	É de responsabilidade do expositor <i>desmontar o estande</i> e retirar seus produtos e equipamentos expostos nos prazos e condições aqui estipuladas.
<b>to reserve stand</b>	<b>reservar estande</b>
If you've met or exceeded your goals, now is the time to lock in a prime location at the next event. Visit the show sales office, or make sure you see a floorplan so you can <i>reserve the stand</i> early.	A empresa deve confirmar sua presença na feira em que deseja participar com antecedência de 8 a 12 meses, já que é dentro desse prazo que a entidade deve <i>reservar o estande</i> .
<b>to visit stand</b>	<b>visitar estande</b>
Visitors can be encouraged to <i>visit the stand</i> by sending them a postcard of the trade fair stand or good customers can be sent a snapshot taken at the previous trade fair. Multi-stage invitations, sent out bit by bit over a length of time, can also be used. Each part of the invitation contains an enclosure or a gift designed to attract the potential visitors' attention.	É importante obter da empresa promotora a planta do pavilhão, verificar a posição das entradas e saídas, a localização dos concorrentes, a posição dos banheiros e da praça de alimentação. Ficar de frente para banheiros e locais de alimentação não é muito recomendável. Quem utiliza essas instalações está mais ocupado com outras coisas do que interessado em <i>visitar estandes</i> .
<b>to buy stand</b>	<b>comprar estande</b>
When you <i>buy a stand</i> , you should consider that you have to make full use of it, storage and maintenance are the company's responsibility. The main advantage of buying a stand is that it can be designed more individually.	Contudo, o crescimento conjunto significa também a parceria de órgãos como o Sebrae na captação de grupos de micro e pequenas empresas que não podem <i>comprar um estande</i> sozinhas.

Fonte: Elaborado pela autora.

Para o nóculo "feira", foram feitas as pesquisas de concordância e descobrimos as seguintes colocações verbais:

Quadro 2. Colocações verbais para o nóculo "feira".

Verbo (colocado) + feira (base).

COLOCAÇÕES ESPECIALIZADAS EM INGLÊS	COLOCAÇÕES ESPECIALIZADAS EM PORTUGUÊS
-------------------------------------	--



<b>to sponsor a trade show<sup>4</sup></b>	<b>patrocinar a feira</b>
<i>Sponsoring a trade show</i> is a great way to discover new prospective clients. When your company is engaged in the right events, you are positioning yourself for increased industry visibility, new connections and opportunities for business.	E aqui cabe a pergunta: quem se interessaria em <i>patrocinar a feira</i> ? A resposta pode ser encontrada quando se analisa o público visitante que se deseja na feira. Ou seja, são potenciais patrocinadoras todas as empresas ou organizações interessadas nos tipos de visitantes que a feira atrai.
<b>to visit the trade show</b>	<b>visitar a feira</b>
An advertising campaign can be used to announce a company's trade show participation and to invite special target groups. Direct marketing has to be regarded as a corresponding tool to motivate customers <i>to visit the trade show</i> .	<i>Visitar a feira</i> , os clientes e os concorrentes, nos tempos "mortos" do período de funcionamento da feira e recolher informação relevante.
<b>to exhibit in a trade show</b>	<b>expor em feira</b>
The primary reason <i>to exhibit in a trade show</i> is lead generation and follow-up.	Mesmo sem retorno imediato do investimento realizado, <i>expor em feiras</i> é compensador para a empresa.
<b>to do business</b>	<b>fechar negócios na feira</b>
Fairs and exhibitions are a unique opportunity for achieving trade objectives, because they are the most efficient way to reach a complete market audience and <i>to do business</i> all in one shot.	Nota-se que nenhum deles informou o objetivo de se <i>fechar negócios na feira</i> , pois, segundo eles, dificilmente em apenas uma participação a empresa irá fechar negócios. Mais importante que o lucro imediato é a obtenção de clientes para os meses e anos seguintes à feira.
<b>to follow-up after the show</b>	<b>fazer acompanhamento pós-feira</b>
Before you assign any staffing, determine who is leading the overall effort, and have that person positioned as such throughout the planning and execution process. This person will be your go-to person at the show and should have a major role in <i>following-up after the show</i> .	Foram identificadas também as maiores dificuldades que as micro e pequenas empresas enfrentam ao participar em feiras, como, por exemplo, <i>fazer o acompanhamento pós-feira</i> , preparar a equipe para fechar negócios, dentre outros.
<b>to participate in a trade fair</b>	<b>participar da feira</b>
By making a conscious decision <i>to participate in a trade fair</i> , you are adding importance to all of the other steps that will follow.	<i>Participar da feira</i> durante o período de realização, mantendo o seu estande em perfeitas condições de funcionamento, desde a abertura até o

<sup>4</sup> No inglês americano utiliza-se o termo *trade show* para feira de negócios; na Europa e Ásia, utiliza-se o termo *trade fair*.

	encerramento do evento.
<b>to plan fair participation</b>	<b>planejar a participação na feira</b>
Foreign exhibitors should <i>plan fair participation</i> long time in advance (sometimes it might be easier and more cost-effective to first share a stand with another company or governmental organization).	O sucesso na feira internacional dependerá, em grande parte, da capacidade do empresário de preparar-se e de <i>planejar a participação na feira</i> . Para isso, sugerem-se, a seguir, alguns cuidados a serem tomados antes, durante e após as feiras internacionais.
<b>to prepare a trade fair budget</b>	<b>fazer orçamento da feira</b>
In the next step, you will <i>prepare a trade fair budget</i> - some individuals may say that you can only make the decision to participate in a trade fair once you have set your budget.	Pensar nos custos é tão importante quanto pensar nas vendas. <i>Fazer orçamento da feira</i> é extremamente importante para evitar surpresas desagradáveis. Especial atenção deve ser dedicada aos custos indiretos ou escondidos.

Fonte: Elaborado pela autora.

Para o nódulo “produto”, foram feitas as pesquisas de concordância e descobrimos as seguintes colocações verbais:

Quadro 3. Colocações verbais para o nódulo “produto”.

Verbo (colocado) + produto (base).

COLOCAÇÕES ESPECIALIZADAS EM INGLÊS	COLOCAÇÕES ESPECIALIZADAS EM PORTUGUÊS
<b>to demonstrate products</b>	<b>demonstrar produtos</b>
Audio-visual media should be used to <i>demonstrate products</i> or processes in action that cannot be demonstrated live at a trade fair for technical reasons and to enhance advisory discussions.	Outro passo fundamental é a definição da estratégia para atrair o público, selecionar o público relevante que deve ter atendimento diferenciado, expor os equipamentos, produtos e serviços, distribuir brindes e material promocional e <i>demonstrar produtos</i> , equipamentos e serviços.
<b>to showcase products</b>	<b>expor produtos</b>
The driving motivations for participation in a trade fair for an exhibitor is the opportunity to <i>showcase products</i> or services and reach a targeted audience.	As feiras internacionais são um ponto de encontro entre produtores e compradores. A principal vantagem para o exportador é a possibilidade de <i>expor seu produto</i> a um grande

	público especializado, permitindo, assim, avaliar o comportamento do consumidor com relação ao seu produto ou serviço.
<b>to advertise products</b>	<b>divulgar produtos</b>
The exhibitor can only show his branded products in the stand. It is not allowed <i>to advertise products</i> from other companies inside the stand, and also products with any irregularity cannot be presented (for example fake products, products from contraband or smuggled).	Antes de mais nada, deve-se entender que feiras e exposições são eventos mercadológicos que servem para alavancar vendas das empresas, dos artesãos e dos produtores, <i>divulgar produtos</i> e ampliar mercado para os expositores, entre outras finalidades.
<b>to present products</b>	<b>apresentar produtos</b>
A booth concept is a three dimensional way of promoting a firm. Colours, light, design and audio-visual techniques are used <i>to present products</i> .	Segundo o regulamento geral de feiras e exposições da Exponor, o principal objetivo das feiras é <i>apresentar produtos</i> relacionados com o setor de atividade em causa. Cabe à organização estabelecer os preços das entradas no recinto e as regras destinadas ao funcionamento da feira.
<b>to launch products</b>	<b>lançar produtos</b>
If you want <i>to launch products</i> , generate media coverage, build brand awareness, generate leads and retain existing customers, exhibitions let you do it all in one bold stroke.	Num mundo de negócios cada vez mais competitivo, as feiras temáticas são a forma mais econômica de fazer negócios e <i>lançar produtos</i> no mercado, proporcionando uma maior interação entre o produto e o comprador de uma forma real e rápida.
<b>to promote products</b>	<b>promover produtos</b>
Therefore, make sure your company <i>promotes its products</i> , new services, new personnel, and even new facilities at exhibitions. In the stand, use bold graphics, demonstrations, and other effective methods to get the visitor's attention. Pay attention to have proper translations of the appropriate languages.	As feiras são um importante instrumento de marketing que permite às empresas dar-se a conhecer, apresentar produtos/serviços novos, reforçar a sua imagem de marca e <i>promover produtos</i> , procurando simultaneamente rentabilizar ao máximo o investimento inerente.

Fonte: Elaborado pela autora.

Trazemos, também, outras colocações verbais a partir de outros nódulos, também relevantes, conforme pode ser visualizado no quadro a seguir:

## Quadro 4. Colocações verbais para outros módulos.

Verbo (colocado) + substantivo (base).

COLOCAÇÕES ESPECIALIZADAS EM INGLÊS	COLOCAÇÕES ESPECIALIZADAS EM PORTUGUÊS
<b>to train show staff</b>	<b>treinar pessoal de vendas</b>
<i>Train your show staff: the first rule of exhibitions is 'the people make the stand'. Make sure yours are well trained for the job. Selling at an exhibition is different from selling in a one-to-one sales call. Your stand staff need to understand the goals of the stand and each member's specific role in achieving them.</i>	Uma feira serve, entre outras coisas, para as seguintes finalidades: descobrir novos mercados, conhecer a concorrência, apresentar inovações, <i>treinar o pessoal de vendas</i> , vender produtos, etc.
<b>to hand out brochures</b>	<b>distribuir folhetos</b>
Your stand has been assembled, your promotional materials are in place and the exhibition has started. This doesn't mean that you can sit around waiting for potential customers to arrive. You now need to begin "pulling" customers in. Customer interaction is critical. Smile as visitors walk past. Show interest. <i>Hand out brochures</i> . Invite them to take a business card.	Os membros da equipe não devem nunca se sentar, comer, ou fumar no estande, não conversar ao telefone, não ficar parado obstruindo a visão dos clientes ao estande, não <i>distribuir folhetos</i> indiscriminadamente, não ser agressivo, não deixar questões por resolver, nem formar pequenos grupos de conversa.
<b>to hire contractors</b>	<b>contratar prestadores de serviços</b>
The exhibitor is required <i>to hire contractors</i> designated in the manual who have exclusive rights to perform said services at the show venues.	O expositor deve <i>contratar prestadores de serviços</i> que estejam previamente cadastrados.
<b>to contract cleaning service</b>	<b>contratar serviço de limpeza</b>
It is the exhibitor's responsibility <i>to contract cleaning service</i> for the stand during the exhibition period. The exhibitor has the option of contracting services from the official company of the event.	É possível <i>contratar o serviço de limpeza</i> durante o evento, este serviço será realizado fora do horário de funcionamento da Food Ingredients South America 2012.
<b>to send invitation</b>	<b>enviar convites</b>
Pre-show mailings no longer seem to be as effective as in the past. However, you should always <i>send an invitation</i> to customers and prospects. Offer a reason for them to come to the booth, such as a show discount.	<i>Enviar convites</i> aos clientes (agências de viagens, operadoras locais etc.). Os contatos prévios e agendas podem otimizar seu tempo e trazer melhores resultados. Lembrando sempre que a antecedência no envio de convites é sempre importante.

<b>to hire security guards</b>	<b>contratar vigilantes</b>
If you are planning any type of booth activity where a large crowd occurs, you are required <i>to hire security guards</i> to manage crowd control and keep the aisles and neighboring exhibits clear.	Se for de preferência do expositor <i>contratar vigilantes</i> para seu estande, será autorizada somente a contratação e o credenciamento de profissionais da empresa responsável pelos serviços de segurança da 40ª FIT – Feira Internacional do Setor Infante-Juvenil.
<b>to send literature</b>	<b>enviar material promocional</b>
Depending on the quality and expense of your company literature, perhaps it's best to train your staff to always offer <i>to send the literature</i> by mail to the attendee's office.	Ao voltar ao país é fundamental que a empresa mantenha sua imagem gravada na memória do comprador. Isso pode ser feito por meio de follow-up: <i>enviar material promocional</i> mais detalhado com objetivo de efetivar negócios, como cotações, amostras de produtos, etc.
<b>to hand out sample</b>	<b>distribuir amostra</b>
You need to prepare yourself on how you will deal with customers and handle queries. What will you do if you have several customers wanting your attention at the same time? Will you <i>hand out a sample</i> to every visitor?	Se a ideia é <i>distribuir amostras</i> de valores significativos, um depósito fechado no estande torna-se indispensável.
<b>to identify potential customers</b>	<b>identificar clientes potenciais</b>
The average cost to close a sale with an exhibition lead is \$2,188 (including costs to <i>identify potential customers</i> and 3.5 sales calls to the prospect). To close a sale without an exhibition lead costs \$3,102.	As empresas estão usando cada vez mais esses meios eletrônicos para fazer ofertas diretamente aos clientes e <i>identificar clientes potenciais</i> . O marketing direto permite às empresas direcionar suas ofertas e medir seus resultados com mais precisão.
<b>to record contacts</b>	<b>registrar contatos</b>
The forms used <i>to record contacts</i> made at the trade fair are used as a basis for the follow-up campaign and for the work of monitoring the success of the trade fair.	<i>Registrar contatos</i> : estabelecer um sistema simples e de alta eficiência para o registro de contatos e informações sobre compradores potenciais.

Fonte: Elaborado pela autora.

Como podemos perceber pela análise dos quadros 1 a 4, a correspondência formal contribuiu para a busca dos equivalentes em inglês e para as colocações verbais especializadas do setor feirístico em português.

Todavia, recorreremos à análise dos contextos de uso em que as colocações verbais ocorrem para o estabelecimento das equivalências. Para tanto, nos valem os ganchos terminológicos propostos por Dubuc para nos auxiliar na compreensão do conceito vinculado pela colocação em seu contexto de ocorrência. No glossário, incluímos, além dos equivalentes em inglês, os contextos de uso e as fontes de onde retiramos os termos analisados durante a pesquisa de mestrado. Pelo fato de trabalharmos exclusivamente com a categoria gramatical dos substantivos, as colocações verbais especializadas do setor feirístico não foram incluídas em nosso glossário compilado no mestrado. Contudo, atualmente, estamos trabalhando na elaboração de um dicionário terminológico multilíngue das feiras de negócios e as colocações verbais especializadas poderão fazer parte da macroestrutura de nosso dicionário.

## 5. Considerações finais

Para este trabalho, foram apresentados alguns exemplos de colocações verbais especializadas com base em termos fundamentais do universo das feiras: “estande”, “feira”, “produto” e outros, num contexto unidirecional, do português para o inglês.

A linguística de *corpus* tem significativa importância no desenvolvimento de nossas pesquisas, visto que compilamos *corpora* nas duas línguas de estudo para a confecção de um glossário bilíngue dos termos fundamentais do setor feirístico no mestrado e, atualmente, em pesquisa de doutorado<sup>5</sup> em andamento, para a elaboração de um dicionário terminológico multilíngue (português, inglês, francês e italiano) das feiras de negócios.

---

<sup>5</sup> Dicionário Multilíngue dos Termos Fundamentais do Setor Feirístico. Pesquisa de doutorado em andamento. Processo FAPESP n. 2015/06562-6.

A utilização da ferramenta *WordSmith Tools* foi fundamental para o levantamento das colocações especializadas, o que tornou nosso trabalho mais eficiente e confiável, visto que o trabalho manual, nestes casos, poderia incorrer em erros. Com essa ferramenta, foi possível fazer o levantamento das palavras-chave do setor, ou seja, localizar exatamente o(s) elemento(s) base(s) ou núdulos e ainda o(s) elemento(s) colocado(s), neste caso, os verbos que compõem as colocações, assim como os contextos onde eles ocorrem, o que facilita a elaboração das fichas terminográficas que são a base para a elaboração dos verbetes.

Tanto o glossário bilíngue compilado como o dicionário multilíngue em elaboração poderão servir como fonte de pesquisa para tradutores e intérpretes, estudantes de comércio exterior e empresários que estejam iniciando o processo de internacionalização de suas empresas por meio da participação em feiras de negócios e exposições no exterior como uma maneira inteligente e eficaz de aumentar as vendas e tornar a sua marca globalizada.

Esta pesquisa, portanto, contribui com a área feirística e com os estudos terminológicos por meio da elaboração de materiais terminográficos que poderão facilitar não só a comunicação no setor, mas também os processos de preparação, participação e pós-feira, encorajando cada vez mais empresas a se aventurarem no mundo das exportações e, desse modo, a colaborarem com o crescimento econômico do país.

## Referências

BAKER, Mona. **Corpora in translation studies**: an overview and some suggestions for future research. *Target*, 7, 223-243, 1995. <https://doi.org/10.1075/target.7.2.03bak>

BERBER SARDINHA, Tony. **Linguística de corpus**. Manole, 2004.

BEVILACQUA, Cleci Regina. Unidades fraseológicas especializadas: estado da questão em relação a sua definição, denominação e critérios de seleção. **TradTerm**, São Paulo, n. 11, p. 237-253, 2005.

BOUTIN-QUESNEL, Rachel et al. **Vocabulaire systématique de la terminologie**. Québec: Publications du Québec, 1985. (Cahiers de l'Office de la langue française).

DUBUC, Robert. **Manuel pratique de terminologie**. 2. ed. Québec: Linguatex, 1985.

EMBRATUR. **Manual de participação em feiras internacionais**. Disponível em: [http://www.fbcvb.org.br/hotsite/inscrição/manual\\_de\\_apoio.asp](http://www.fbcvb.org.br/hotsite/inscrição/manual_de_apoio.asp). Acesso em 01 março 2012.

FIRTH, John Rupert. Modes of meaning. In: FIRTH, J. R. (Ed.) **Paper in Linguistics – 1934-1951**. Oxford: Oxford University Press, 1957.

GODOY, Ariane Dutra Fante. **Glossário Bilíngue dos Termos Fundamentais do Setor Feirístico**: busca de equivalências em inglês. 2014. 389f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, 2014.

HAUSMANN, Franz Joseph. Kollokationen im deutschen Wörterbuch. Ein Beitrag zur Theorie des lexikographischen Beispiels'. In: BERGENHOLTZ, H; MEGDAN, J. (Orgs.). **Lexikographie und Grammatik**. Tübingen: Niemeyer, 1985.

KOTLER, Philip. **Administração de Marketing**. São Paulo: Editora Pearson, 12. ed., 2006.

\_\_\_\_\_. **Administração de Marketing**: análise, planejamento, implementação e controle. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

L'HOMME, Marie-Claude; BERTRAND, Claudine. Specialized lexical combinations: should they be described as collocations in terms of selectional restrictions? In: **Proceedings. Ninth Euralex International Congress**, p. 497-506, 2000.



ORENHA, Adriane. **Unidades fraseológicas especializadas: colocações e colocações estendidas em contratos sociais e estatutos sociais traduzidos no modo juramentado e não juramentado**. 2009. 282f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – IBILCE, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

ORGANISATION INTERNATIONALE DE NORMALISATION. **Travaux terminologiques – Vocabulaire Partie 1. Théorie et application**. Genebra: ISO 1087: 2000. Genève: ISO 2000.

**Orientações básicas para participação em feiras internacionais**. Disponível em: <http://wiki.apexbrasil.com.br/@api/deki/files/1354/=OrientacoesBasicasParticipaçãoFeirasInternacionais.pdf>. Acesso em 26 fevereiro 2012.

PAVEL, Silvia; NOLET, Diane. **Manual de terminologia**. Disponível em: <http://www.translationbureau.gc.ca>. Acesso em 26 setembro 2012. Hull: Ministério de Obras Públicas e Governamentais do Canadá, 2002.

SEBRAE. **Manual de feiras e exposições**. Disponível em: [http://201.2.114.147/bds/bds.nsf/2CEC7501C11CC400832573E0005C945F/\\$File/NT000374AE.pdf](http://201.2.114.147/bds/bds.nsf/2CEC7501C11CC400832573E0005C945F/$File/NT000374AE.pdf). Acesso em 30 abril 2012.

SINCLAIR, John. **Corpus, concordance and collocations**. Oxford: Oxford University Press, 1991.

SCOTT, Mike. **WordSmith Tools: version 6.0**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

TAGNIN, Stella Esther Ortweiller; VIANA, Vander (Orgs.). **Corpora no ensino de línguas estrangeiras**. São Paulo: Hub Editorial, 2010.

TAGNIN, Stella Esther Ortweiller. (2004). **Corpora: o que são e para quê servem**. Disponível em <http://www.fflch.usp.br/dlm/comet/>. Acesso em 01 março 2014.

\_\_\_\_\_. (2002). Os Corpora: instrumentos de auto-ajuda para o tradutor. In: **Cadernos de Tradução IX**. Florianópolis: UFSC. Disponível em: <http://www.cadernos.ufsc.br/online/9/stella.htm> - notas. Acesso em 01 março 2014.

\_\_\_\_\_. Collecting data for a bilingual dictionary of verbal collocations: from scraps of paper to corpora research. In: **PALC' 99 Practical applications in Language Corpora**. Lodz: Lodz University Press, 1999.

\_\_\_\_\_. **Convencionalidade e produção de texto: um dicionário de colocações verbais inglês/português; português/inglês**. São Paulo, 1998, Tese (Livredocência), FFLCH/USP.

Recebido em 02.09.2016.

Aprovado em 19.12.2016.

## O uso de *selfie*: a internet viralizando o empréstimo em três línguas

### Use of *selfie*: the internet spreading loanword in three languages

Beatriz Curti\*

Jean Michel Pimentel Rocha\*\*

Flávia Cambi Alves\*\*\*

**RESUMO:** Com base na hipótese de que a internet e as ferramentas tecnológicas possibilitam um maior intercâmbio entre as culturas, sobretudo por meio do léxico, este trabalho investiga, partindo da língua inglesa, a incorporação da unidade lexical (UL) *selfie* nas línguas portuguesa, espanhola e francesa, verificando o processo de fixação, de lexicalização e de produtividade desse estrangeirismo, bem como as colocações formadas por meio dessa UL. Para tanto, esta pesquisa se fundamenta nos estudos em Lexicologia, mais especificamente nos estudos acerca do empréstimo, do estrangeirismo e do processo de neologia. Ademais, este estudo se apoia ainda na Fraseologia e na Linguística de Corpus para averiguar as combinações lexicais recorrentes que apresentam *selfie* como base de sintagmas verbais, adjetivais e nominais. Dessa forma, investiga-se a influência do ambiente virtual e das tecnologias na propagação da UL *selfie*, a fim de constatar seu uso global, bem como de verificar se é possível classificá-la como neologismo nas línguas latinas estudadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Internet. Selfie. Neologismo. Empréstimo. Estrangeirismo.

**ABSTRACT:** Based on the hypothesis that the internet and technological tools facilitate greater cultural exchange, especially through the lexicon, this work aims to investigate, starting from the English language, the incorporation of the lexical unit *selfie* in the Portuguese, Spanish and French languages, in order to verify its fixation, lexicalization and productivity process, as well as the collocations formed by this unit. For this purpose, this research is founded on the theoretical framework of Lexicology, more specifically in the studies related to the processes of loanword, foreignism and neologism. Moreover, it also relies on the theoretical background of Phraseology and Corpus Linguistics with the aim of examining the recurrent lexical combinations that has *selfie* as the base of the verbal, adjectival and nominal syntagma. By doing so, the influence of the virtual environment and of technologies in the spreading of this lexical unit is investigated with a view to determine its global usage and to verify if it is possible to classify it as a neologism in the Latin languages studied.

**KEYWORDS:** Internet. Selfie. Loanword. Foreignism. Neologism.

\* Doutoranda Fapesp do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), Campus de São José do Rio Preto. beatriz@sjrp.unesp.br

\*\* Doutorando e mestre Capes pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), Campus de São José do Rio Preto. jeanpimentel\_sp@yahoo.com.br

## 1. Introdução

Não é novidade que o intercâmbio cultural é um dos fatores determinantes para o intercâmbio lexical. Desde épocas remotas, do contato entre pessoas de diferentes tradições linguístico-culturais por motivos de ordem diversa, o léxico de uma língua acaba sendo incorporado ao de outra. Na década de 80, Biderman (1980) já salientava o papel dos meios de comunicação em massa – televisão e jornais impressos – na padronização linguística e cultural no Brasil, porém, em termos globais, nada se compara ao potencial da internet como difusora do léxico. Em decorrência, principalmente, do avanço das tecnologias, o processo de globalização lexical é cada vez mais evidente. Nesse sentido, Galli (2004, p. 164) afirma que “a globalização linguística, em favor da língua inglesa, parece-nos ser uma realidade neste final de século, sobretudo pela chegada de novas tecnologias da informação e da estruturação de uma economia aberta de mercado global”. Em tempos atuais, essa realidade ainda persiste no cotidiano das pessoas por meio dos dispositivos tecnológicos e das redes sociais cada vez mais populares.

Por considerar que a internet e as ferramentas tecnológicas possibilitam um maior intercâmbio entre as culturas, em especial por meio do léxico, propomos, neste trabalho<sup>1</sup>, investigar, partindo da língua inglesa, a incorporação da unidade lexical (UL) – entendida por nós como a “união de uma forma lexical e de um sentido único” (SILVA, 1997, p. 24) – *selfie* em línguas como o português do Brasil, o espanhol da Espanha e o francês da França, verificando o processo de empréstimo dessa UL. Com base em seu registro em obras lexicográficas de referência e em seu uso (na recorrência de colocações formadas a partir dessa UL nessas línguas), investigamos se a

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi desenvolvido no âmbito da disciplina *Estudos lexicais: teoria e aplicações*, ministrada pela Profa. Dra. Maria Cristina Parreira da Silva (PPGEL-Ibilce/Unesp), a quem agradecemos pelas orientações e pelo auxílio na revisão final deste artigo.

palavra<sup>2</sup> *selfie* permanece anglicismo nessas línguas (ou seja, um empréstimo lexical de origem inglesa) ou se já passou pelo processo de lexicalização e pode, por isso, ser considerada um neologismo.

Assim sendo, objetivamos analisar a influência do ambiente virtual e das tecnologias na propagação da UL *selfie*, a fim de constatar seu uso global à luz da Lexicologia, mais especificamente, dos estudos sobre empréstimo, estrangeirismo e neologismo. Além disso, fundamentamo-nos ainda na Fraseologia para averiguar as combinações lexicais, especialmente as colocações que apresentam *selfie* como base de sintagmas verbais, adjetivais e nominais. Para tanto, apoiamo-nos no aparato teórico-metodológico da Linguística de Corpus, que nos permite, por meio das ferramentas de concordância, observar os contextos em que essa UL ocorre.

## 1.2 Afinal, o que é *selfie*?

O autorretrato surgiu cem anos antes do primeiro registro da palavra *selfie*. Segundo Gunthert (2015), o ato de tirar foto de si, seja sozinho ou acompanhado, já era um hábito rotineiro que não apresentava outra denominação se não a de “autorretrato”. Contudo, foi apenas a partir dos anos 2000 que *selfie*, um novo tipo de autorretrato, propagou-se e se tornou a forma visual mais representativa desse gênero. Registrada pela primeira vez em 2002, a palavra *selfie* ocorreu na internet como um autorretrato tirado por um australiano, que, na ocasião, havia caído e se machucado em virtude de sua embriaguez. Ao procurar por ajuda, o homem compartilhou a foto na rede virtual, dando-lhe a seguinte descrição:

---

<sup>2</sup> Cumpre ressaltar que, neste trabalho, utilizamos *unidade lexical* e *palavra* para nos referirmos à *selfie* sem diferenciá-las, embora muito se discuta, em Lexicologia, com relação às diferentes denominações utilizadas na área (palavra, vocábulo, unidade lexical, por exemplo). Aqui, não entramos no mérito da questão por não ser este o foco deste trabalho.

(...) drunk at a mates 21st, I tripped ofer [sic] and landed lip first (with front teeth coming a very close second) on a set of steps. I had a hole about 1cm long right through my bottom lip. And sorry about the focus, it was a **selfie**<sup>3</sup>(RADULOVA, 2015, **grifo nosso**)<sup>4</sup>.

De acordo com o Dicionário Oxford (2016), a unidade lexical *selfie* é formada pela composição de *self* + *-ie* e, sendo seu uso informal, denomina *a photograph that one has taken of oneself, typically one taken with a smartphone or webcam and shared via social media*<sup>5</sup>. Esse processo de composição sufixal é recorrente em substantivos do inglês australiano que emprega o sufixo *-ie* para acrescentar às ULs uma carga informal e um valor afetivo (RADULOVA, 2015), a exemplo do que acontece com os substantivos *prezzie* (de *present*) e *barbie* (de *barbecue*).

Graças à quantidade de publicações relacionadas à *selfie*, essa UL viralizou e atravessou as fronteiras invisíveis da rede virtual em direção a diversos países, tornando-se lugar de reconhecimento global. A título de ilustração, vejamos os seguintes contextos de uso da palavra *selfie* em russo, grego e sueco, respectivamente<sup>6</sup>:

a) **SELFIE** КАК СОВРЕМЕННЫЙ СОЦИАЛЬНО ПСИХОЛОГИЧЕСКИЙ ФЕНОМЕН (POGONTSEVA, 2013, **grifo nosso**);

b) Η **selfie** της Τρύπη με τον σύντροφό της – ΦΩΤΟ (ENIKOS, 2016, **grifo nosso**);

c) [Årets bästa selfie?](#) (FLETCHER, 2015, **grifo nosso**).

<sup>3</sup> “Bêbado, no 21º aniversário de um amigo, tropecei e caí de boca (por pouco, não bati os dentes da frente) nos degraus. Fiz um corte de 1cm bem no lábio inferior. E me desculpe pelo foco, foi uma selfie”.

<sup>4</sup> Todas as traduções das citações em língua estrangeira são de nossa autoria.

<sup>5</sup> “Uma foto que alguém tira de si mesmo, tipicamente obtida com um *smartphone* ou uma *webcam* e compartilhada em redes sociais”.

<sup>6</sup> a) “*Selfie* como fenômeno social e psicológico moderno”; b) “O *selfie* de Tripi com seu parceiro – FOTO”; c) “Melhor *selfie* do ano?”

Com base nesses exemplos, vemos o quão longe chegou *selfie*. Essa unidade lexical foi incorporada por diversas línguas de diferentes alfabetos. Mas como explicar esse fenômeno?

Para Gunthert (2015), dois fatores contribuíram para que *selfie* se difundisse ampla e rapidamente: o uso das *hashtags* #me<sup>7</sup> e #selfie e a adesão à prática por parte das celebridades. O autor entende *selfie* como um símbolo cultural cujo sentido e uso foram construídos coletivamente. Vários canais de televisão e importantes jornais norte-americanos, tais como *New Yorker* e *The Guardian US*, consideram-na um fenômeno cultural global.

Além de sua função comunicativa entre os usuários das redes sociais, a *selfie* passou a ser explorada pela publicidade e pelo *marketing*. No cenário mercadológico, vemos a divulgação de produtos, eventos, protestos, campanhas, autopromoção etc. por meio de *selfies*. Exemplo recente que evidencia essa sua função é o caso que ficou conhecido como “*selfie* do Oscar”, que mostra a apresentadora Ellen DeGeneres rodeada por atores durante a cerimônia. Por meio dessa *selfie*, a premiação foi amplamente divulgada, bem como a imagem de cada ator que foi promovida positivamente – o que evidencia a popularidade desse tipo de fotografia.

## 2. Pressupostos teóricos

Concebemos o léxico como um componente vivo da língua que, por estar em constante movimento, incorpora palavras novas e registra novos significados (RIBEIRO, 2004). De acordo com Alves (1990, p. 72), “o léxico de um idioma (...) não se amplia exclusivamente por meio do acervo já existente”. Esse conjunto lexical se renova na medida em que a língua se mantém em contato com as variações de ordem sociocultural e com outras línguas. Esse

---

<sup>7</sup> #eu.

último tipo de contato pode vir acompanhado do que, neste trabalho, chamamos de estrangeirismo.

Entendemos que *estrangeirismo* se refere ao “emprego, na língua de uma comunidade, de elementos oriundos de outras línguas” (GARCEZ; ZILLES, 2004, p. 15) que passaram pelo processo de empréstimo linguístico. Porém, nem toda UL vinda de outra língua pode ser classificada desse modo. Para Câmara Jr. (1975), estrangeirismos são aqueles vocábulos emprestados de línguas estrangeiras, mas que não foram idiomatizados pelos falantes da língua receptora, uma vez que, embora empregados no uso, mantêm aspectos da língua fornecedora/original, como grafia e pronúncia – o que contribui para que os falantes consigam identificá-los como tal, justamente pela conservação de sua identidade estrangeira. Dessa forma, para este trabalho, consideramos que *estrangeirismos* são, portanto, palavras estrangeiras que, em virtude do constante uso em outra língua motivado por diversos fatores, sobretudo sociais e comunicativos, tais como o desenvolvimento de tecnologias, influência econômica e política, por exemplo, acabam sendo incorporadas pela maioria dos falantes de determinada comunidade de fala, mas mantêm a forma alógena.

Garcez e Zilles (2004) declaram que o inglês é a grande fonte contemporânea de empréstimos ao português e às demais línguas. Esse tipo de estrangeirismo é comumente chamado de anglicismo. Para esses autores, tal presença anglóфона na vida cotidiana é tão marcada quanto a onipresente indústria simbólica norte-americana. Em outros dizeres, o grande número de estrangeirismos emprestado da língua inglesa está intrinsecamente ligado ao fato de que os Estados Unidos são um país desenvolvido, de forte influência mundial, tanto do ponto de vista econômico e tecnológico quanto cultural, fato esse que se comprova com o comportamento do fenômeno da UL *selfie*. No entanto, vale ressaltar que, embora a língua inglesa seja hegemônica, divulgada



mundialmente devido ao poder econômico dos EUA, a UL *selfie* se espalhou pelo mundo partindo do inglês da Austrália, o que indicaria que a origem geográfica não é fator predominante, e sim a forma anglicizada.

Além disso, Hall (2006, p. 67) declara que a globalização “atravessa fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de tempo e espaço, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado”. Assim, o contato intercultural, favorecido pela crescente globalização, tem impactos que atingem, inclusive, a linguagem, resultando em um intercâmbio linguístico que acaba por promover trocas intensas de elementos culturais entre comunidades culturalmente diferentes.

Para Ilari (2003),

as palavras estrangeiras são mais facilmente aceitas quando se aplicam a objetos, técnicas ou modos de viver que são em algum sentido “novos”; assim, a assimilação de palavras estrangeiras acontece na maioria das vezes como parte de um processo de assimilação que não é apenas linguístico, mas cultural. (ILARI, 2003, p. 09)

É por meio desse contato resultado da globalização e dessa assimilação que ULs inglesas passaram a ter um significado internacional – como é o caso de *selfie*, objeto de estudo deste trabalho. Nesse sentido, entendemos que

as relações entre léxico e cultura, léxico e sociedade, são, indubitavelmente, muito fortes, considerando-se que o léxico, com seu estatuto semiótico, é o elemento da língua de maior efeito extralinguístico por se reportar, em grande parte de seu conjunto, a um mundo referencial, físico, cultural, social e psicológico, em que se situa o homem. (FERRAZ, 2006, p. 219)

Como vimos, tendo passado pelo processo de empréstimo, os estrangeirismos passam a integrar o léxico do idioma receptor. Um dos critérios recorrentes para verificar se uma unidade lexical faz parte ou não do acervo lexical de uma língua é o seu registro em obras lexicográficas. Dessa forma, entendemos que o estrangeirismo, ao ser incorporado ao léxico da língua, torna-se um tipo de *neologismo*, que, segundo Alves (1990), é o resultado do processo de neologia, que se divide em dois tipos: de forma e de sentido. Assim, “um elemento externo ao vernáculo de uma língua pode ser emprestado sendo classificado como estrangeirismo, e ao fazer parte do conjunto lexical desse idioma, sofrendo adaptações gráficas, morfológicas ou semânticas, esse elemento externo é visto como um neologismo” (FERREIRA; GOMES, 2014, p. 2053). Entretanto, é importante mencionar que os neologismos também ocorrem no cerne de uma mesma língua – não sendo o processo de empréstimo entre duas línguas condição *sine qua non* para que haja a neologia.

No presente estudo, partimos da premissa de que a UL *selfie* passou pelo processo de empréstimo lexical que, do inglês, seguiu para os demais idiomas. Além disso, consideramos que esse processo se deu em virtude de sua recorrência no meio cibernético. Por meio de nossas análises, verificamos se esse empréstimo passou a fazer parte ou não do acervo lexical do português do Brasil, do espanhol da Espanha e do francês da França, ou seja, se é um anglicismo ou um neologismo nessas línguas.

No que tange aos contextos de uso de *selfie*, sobretudo às suas combinações lexicais, tomamos como referência o arcabouço teórico-metodológico da Linguística de Corpus (LC) na sua interdisciplinaridade com os estudos da Fraseologia. A LC, que concebe a língua como sistema probabilístico e partindo de uma abordagem empirista, descreve a língua por meio da exploração de *corpora* eletrônicos (BERBER SARDINHA, 2004). Ao

possibilitar a extração de padrões linguísticos, a exemplo dos lexicogramaticais de diversos tipos, por meio de programas como o *WordSmith Tools* (SCOTT, 2012), mantém estreito vínculo com a Fraseologia – área que se dedica ao estudo dos fraseologismos, combinações lexicais recorrentes tais como as expressões idiomáticas, frases feitas, expressões formulaicas, verbos frasais, binômios, colocações etc. (ORENHA-OTTAIANO, 2004). Para esta pesquisa, interessamos as colocações, *unidades fraseológicas que, desde el punto de vista del sistema de la lengua, son sintagmas completamente libres, generados a partir de reglas, pero que, al mismo tiempo, presentan cierto grado de restricción combinatoria determinada por el uso*<sup>8</sup> (CORPAS PASTOR, 1996, p. 53). As colocações podem apresentar diferentes estruturas sintagmáticas, dentre as quais destacamos as colocações verbais (*selfie* + verbo), adjetivais (*selfie* + adjetivo) e nominais (*selfie* + substantivo) que ocorrem em nosso *corpus*.

### 3. Metodologia

O procedimento inicial de nosso estudo foi averiguar, utilizando a ferramenta de pesquisa avançada do Google<sup>9</sup>, a recorrência de uso da palavra *selfie* nas línguas mencionadas. Ajustamos a pesquisa para localização da UL *selfie*, limitando o idioma, a região e o intervalo de tempo a ser pesquisado. Dessa forma, observamos as ocorrências no ano 2002 e entre os anos 2010 e 2015, padronizando a busca entre o primeiro e o último dia do ano pesquisado. Os anos foram escolhidos com base nos estudos que realizamos acerca de *selfie*. Assim, verificamos suas ocorrências em 2002 – ano em que se considera o

---

<sup>8</sup> “(...) unidades fraseológicas que, do ponto de vista do sistema da língua, são sintagmas completamente livres, gerados a partir de regras, mas que, ao mesmo tempo, apresentam certo grau de restrição combinatoria determinada pelo uso”.

<sup>9</sup> [https://www.google.com.br/advanced\\_search](https://www.google.com.br/advanced_search).

primeiro registro de *selfie* – e de 2010 a 2015, restringindo-nos aos anos em que, como vimos, houve uma grande difusão da UL *selfie* no meio cibernético.

Na tabela a seguir, apresentamos os dados referentes a cada ano:

Tabela 1. Ocorrências de *selfie*.

	Inglês (US)	Inglês (UK)	Português Brasileiro	Espanhol (Es)	Francês (Fr)
<b>2002</b>	21600	14300	1360	9	1700
<b>2010</b>	214000	90600	54200	34400	40900
<b>2011</b>	653000	160000	137000	42600	60600
<b>2012</b>	778000	200000	209000	41500	76200
<b>2013</b>	1310000	2260000	129000	75200	155000
<b>2014</b>	3230000	1660000	114000	161000	146000
<b>2015</b>	9510000	5290000	121000	253000	552000

Fonte: elaborada pela autora.

Ao observar os dados da Tabela 1, notamos que houve um expressivo aumento de ocorrências a partir de 2010, principalmente na língua inglesa. Apesar de em número menor, também houve, em relação ao ano de 2002, aumento significativo nas demais línguas. A nosso ver, um dos fatores que pode explicar esse aumento talvez seja a influência midiática e a popularização das redes sociais no período.

Observamos também a recorrência de *selfie* em oito *corpora on-line*<sup>10</sup>. Não obtivemos resultados no *Corpus of Contemporary American English* (COCA), no *British National Corpus* (BYU-BNC), no *Wikipedia Corpus*, no *Corpus del Español*, no *Corpus do Português*, no *WortSchatz Corpus* e no *CNRTL Corpus*. Apenas no *Global Web-Based English* (GloWbE), um *corpus* de língua inglesa com

<sup>10</sup> Os *corpora* *Corpus of Contemporary American English* (COCA), *British National Corpus* (BYU-BNC), *Wikipedia Corpus*, *Corpus del Español*, *Corpus do Português* e *Global Web-Based English* (GloWbE) foram acessados por meio da plataforma <http://corpus.byu.edu>. Os *corpora* *WortSchatzCorpus* e *CNRTLCorpus* estão disponíveis respectivamente em [http://wortschatz.uni-leipzig.de/ws\\_fra/](http://wortschatz.uni-leipzig.de/ws_fra/) e <http://www.cnrtl.fr/corpus/>.

aproximadamente 2 bilhões de palavras e com textos recolhidos em mais de 20 países, coletamos 103 ocorrências.

Ao constatarmos que a recorrência da UL *selfie* no Google e nos *corpora on-line* consultados é bastante divergente, e que os *corpora on-line* disponíveis não seguem o mesmo padrão de alimentação de dados, decidimos compilar um *corpus* para cada uma das línguas que nos propusemos a estudar neste trabalho com o propósito de observar os contextos de uso de *selfie*. Esse material permitiu investigarmos o processo de empréstimo dessa UL, bem como as colocações formadas a partir da palavra *selfie*. Dessa forma, elaboramos uma metodologia de busca mais homogênea, seguindo critérios preestabelecidos de compilação.

Para tanto, empregamos o conjunto de ferramentas *BootCaT – Bootstrap Corpora and Terms from the web* (BARONI; BERNARDINI, 2004), especificamente, a versão 0.71, *BootCaT Front End*<sup>11</sup>(ZANCHETRA; BARONI; BERNARDINI, 2011). De modo geral, esse programa faz a compilação automática de *corpora* via *web* por meio da combinação de uma lista de sementes (*seeds*) ou palavras-chave de determinada área de especialidade ou do léxico da língua geral. Escolhemos as *seeds* com base em unidades lexicais que apresentaram maior frequência nas primeiras páginas do Google. Em inglês, escolhemos *selfie*, *photograph*, *take a selfie*, *selfie stick*, *self portrait* e *selfy*. Em português, *tirar um selfie*, *pau de selfie*, *selfie*, *autorretrato* e *fotografia*. Em espanhol, *selfie*, *palo de selfi*, *hacer selfie*, *selfi* e *auto fotos*. Em francês, *selfie*, *faire un selfie*, *selfie bâton*, *perche selfie*, *perche à selfie*, *prendre un selfie*. Para cada língua, então, o programa combina tais sementes e faz a varredura na *web*. Posteriormente, faz uma limpeza nos dados, excluindo, por exemplo, códigos HTML, menus e barras de navegação. Como resultado final, a ferramenta cria um *corpus* salvo em formato txt. Nosso *corpus*

---

<sup>11</sup> <http://bootcat.dipintra.it/>.

multilíngue contém 33.795 *tokens* em inglês (US), 39.633 em português, 30.077 em espanhol e 29.115 em francês.

Com o *corpus* compilado, recorreremos ao *WordSmith Tools* (SCOTT, 2012) com o intuito de verificar as colocações formadas a partir da base *selfie*, especialmente com o auxílio das ferramentas *Concord* e *Wordlist*, a fim de evidenciar as colocações mais comuns, bem como os possíveis neologismos formados a partir dessa UL.

Uma das funções principais da ferramenta *Wordlist* é a apresentação de informações gerais do *corpus* por meio da disponibilização de sua lista de palavras em ordem alfabética ou de frequência, que possibilita ainda conhecer o vocabulário característico do *corpus* em estudo. A ferramenta *Concord*, por sua vez, permite a análise do contexto de ocorrência de determinada unidade lexical, além do levantamento de colocações e de outros blocos de palavras (*clusters*).

Após verificarmos a produtividade da UL *selfie* em nosso *corpus*, consultamos seu registro em obras lexicográficas de referência disponíveis *online* nas línguas em questão (AULETE, 2016; LAROUSSE, 2016; REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2016; OXFORD, 2016; dentre outras) a fim de averiguarmos o seu processo de empréstimo, ou seja, para observar como ela é reconhecida oficialmente e pela comunidade de fala. Nossa análise parte da apresentação e da discussão da inclusão da UL verificada em verbetes de dicionários gerais. Ao final, discutimos, com base nos resultados de nossas análises, em que estágio do processo de empréstimo essa UL se encontra em cada uma das línguas: trata-se de um estrangeirismo (anglicismo) ou de um neologismo?

#### 4. Análise e discussão dos dados: usos de *selfie*

##### 4.1 O registro de *selfie* nos dicionários

Eleita a palavra do ano em 2013 pelo dicionário *Oxford*, a UL *selfie* se encontra registrada em vários dicionários *on-line* de língua inglesa, dentre os quais citamos *Oxford* (2016), *Cambridge* (2016) e *Collins* (2016). De acordo com o dicionário *Oxford* (2016), o registro dessa lexia se deu em virtude do significativo aumento de citações nesse ano, em decorrência, principalmente, de sua difusão por meio da internet.

Ao analisarmos os verbetes nesses três dicionários, constatamos que seu registro de uso é informal. Com relação às definições, em geral, estas são semelhantes. Contudo, apenas o dicionário *Collins* (2016) não menciona a relação entre o ato de tirar a foto utilizando dispositivos tecnológicos (tais como *smartphone* e *webcam*) e o ato de compartilhá-la nas redes sociais. Esse dicionário também não apresenta abonações. Por sua vez, os demais dicionários trazem abonações que revelam o uso informal e a relação intrínseca entre essa UL e o ambiente virtual. Além disso, encontramos a variante gráfica *selfy* no dicionário *Oxford* (2016), que, para nós, é o mais completo, uma vez que também apresenta a origem e a formação morfológica dessa UL, como apontado anteriormente.

Com relação ao registro de *selfie* nas línguas portuguesa, espanhola e francesa, não encontramos verbetes nas seguintes obras de referência: Aulete (2016); *Diccionario de la Lengua Española* (2016), da *Real Academia Española* (RAE), *Trésor de la Langue Française* (2016) e Larousse (2016). Entretanto, notamos que essa UL ocorre significativamente no meio virtual. *Sites* de notícias, de *e-commerce*, blogs, redes sociais etc. usam a unidade lexical *selfie* naturalmente em seus textos. Em virtude desse fato, entendemos que o sentido dessa UL é partilhado entre os usuários, que dominam essas línguas e que acessam esses

sites. Essa recorrência do uso de *selfie* também é evidenciada pelo fato de essa UL ter sido escolhida como a palavra do ano em 2014 pela *Association Mot-et-Mots*<sup>12</sup> e pela *Fundación del Español Urgente*<sup>13</sup> (Fundéu BBVA). No Brasil, não encontramos nenhuma organização no que diz respeito à eleição de palavras do ano.

Embora a UL *selfie* não tenha sido registrada nas obras lexicográficas consultadas, encontramos-na em dicionários *on-line* colaborativos cuja base de dados é atualizada pela comunidade de usuários. Dentre os dicionários que consultamos, estão o *Dictionnaire Reverso* (2016), a plataforma *Quees* (2016) e o Dicionário Informal (2016).<sup>14</sup>

De acordo com a definição encontrada no dicionário Reverso (2016), a UL *selfie* denomina uma *photo prise de soi-même à bras portant avec son téléphone portable destinée à être publiée sur Internet ; la photo a pour but de montrer une expression particulière ou un décor ou une personne importante à côté*<sup>15</sup> (REVERSO, 2016). Além dessa definição, o dicionário traz a marca de anglicismo e explica que esse lexema é derivado de *self* do inglês e que o equivalente em francês, *autoportrait*, não dá conta de tudo o que o conceito de *selfie* recobre<sup>16</sup>.

Com base na plataforma *Quees* (2016), temos que *selfie* é um substantivo de origem inglesa que, atualmente, também é utilizado no espanhol, especialmente no âmbito da internet. Apesar de não estar dicionarizada, essa

---

<sup>12</sup> A *Association Mot-et-Mots* é uma associação francesa mantida pelo governo da França, e tem como objetivo principal difundir as palavras estrangeiras utilizadas em língua francesa, entendendo que as línguas estrangeiras enriquecem-na. O *Festival du Mot* é o principal evento organizado por essa associação e visa promover e defender a palavra (*mot*) em suas mais variadas formas.

<sup>13</sup> A Fundéu BBVA é uma instituição que serve como ferramenta de ajuda gramatical e ortográfica para aqueles que fazem uso da língua espanhola. Mantida pela RAE (Real Academia Española), a instituição possui suporte técnico de linguistas, jornalistas, lexicógrafos, editores e tradutores, e tem como principal objetivo impulsionar o bom uso do espanhol nos diferentes meios de comunicação, além de analisar os tópicos linguísticos de maior complexidade.

<sup>14</sup> <http://www.dicionarioinformal.com.br/>; <http://quees.la/>; <http://dictionnaire.reverso.net/francais-definition/>.

<sup>15</sup> “foto tirada de si mesmo com o braço segurando o celular e destinada a ser publicada na internet; a foto tem por finalidade mostrar uma expressão particular ou um cenário ou uma pessoa importante ao lado [de quem fotografou]”.

<sup>16</sup> [Angl.] *mot anglais dérivé de “self” qui signifie “soi-même” l’équivalent français “autoportrait” ne rend pas compte de tout ce que recouvre “selfie”* (REVERSO, 2016).



UL é reconhecida pela *Fundación del Español Urgente* (Fundéu BBVA), que a define como um anglicismo, “referirse a las fotografías que uno toma de sí mismo, solo o en compañía de otros, en general con teléfonos móviles, tabletas o cámaras web”<sup>17</sup> (FUNDEÚ BBVA, 2016). A instituição declara ainda que, em espanhol, o correto é a forma “selfi”, em uma tentativa de conter o uso do anglicismo e propor que haja uma adequação formal às normas do espanhol, uma vez que, de acordo com a Fundéu BBVA (2016), o espanhol permite que haja a adaptação gráfica sem oferecer problemas ao sistema ortográfico da língua. No entanto, apesar da tentativa, percebemos através das ocorrências do nosso *corpus* que a opção pelo termo em inglês ainda é mais frequente do que o uso adaptado.

O Dicionário Informal (2016) apresenta quatro definições para a UL *selfie*. Com base nelas, vemos que o conceito da palavra *selfie* se aproxima das definições nos outros dicionários analisados, já que o verbete registra que essa UL denomina uma foto que é tirada para ser compartilhada nas redes sociais.

Na fase de adaptação de um estrangeirismo em outras línguas, geralmente há uma transição até que se defina o processo de adequação às normas gramaticais da nova língua. No que concerne à classificação gramatical de *selfie*, apenas o Dicionário Informal (2016) revela que se trata de um substantivo de dois gêneros. Ao analisarmos nosso *corpus*, verificamos que, no caso da língua francesa, há o uso de *selfie* tanto no feminino quanto no masculino, como em *la/une selfie* e *le/un selfie*. O mesmo ocorre em espanhol (*la/una selfie* e *el/un selfie*) e em português (*a/uma selfie* e *o/um selfie*). Neste trabalho, usamos o gênero feminino, embora nosso *corpus* evidencie que não há uma preferência de gênero na língua portuguesa.

---

<sup>17</sup> “usada para se referir às fotografias que alguém tira de si mesmo, sozinho ou em companhia de outros, em geral com celulares, *tablets* ou câmeras”.

## 4.2 Colocações para a base *selfie*

Analisando a lista de palavras dos *corpora* desta pesquisa geradas pelo *WordSmith Tools*, verificamos que as primeiras palavras que geralmente encabeçam a lista de frequências são as gramaticais (tais como *the*, *and* e *of* em inglês; *de*, *la* e *y* em espanhol; *de*, *le* e *la* em francês; e *de*, *a* e *que* em português), justamente por serem mais recorrentes. Ao examinar a lista de cada *corpus*, vemos que *selfie* é a primeira unidade lexical em cada uma delas. Em inglês, aparece na sétima posição (4.931 ocorrências); em português, na 12ª posição (6.817 ocorrências); em espanhol, também na 12ª (4.207 ocorrências); e em francês, na sexta posição, com 3.981 ocorrências. A frequência alta nos *corpora* indica que podemos encontrar uma quantidade razoável de colocações.

Para extraí-las, lançamos mão da ferramenta *concord*, que tem como uma das principais funções a criação de linhas de concordância para determinada palavra de busca e a criação de listas, os *n-grams* ou *clusters*, isto é, blocos de palavras recorrentes.

Com o auxílio das linhas de concordância e pelas listas de *clusters*, levantamos, nas línguas estudadas, alguns padrões lexicais que, a nosso ver, comportam-se como colocações. A tabela abaixo apresenta essas colocações, separadas por sua formação sintagmática:

Tabela 2–Padrões colocacionais para *selfie*<sup>18</sup>.

Padrões	Inglês	Português	Espanhol	Francês
<i>selfie</i> + <i>verbo</i>	take a ~ (59) post~ (3) capture a ~ (2) share your ~ (1)	tirar ~ (37) fazer o ~ (3) compartilhar sua ~ (1)	Tomar un/una/la/las ~ (13) Hacer un/una ~ (19) sacar una ~ (9) subir um (1)	prendre ~ (10) faire un ~ (10) poster un ~ (5) partager un ~ (4) réussir un ~ (3) s’essayer au ~ (2)
<i>Adjetivo + selfie</i>	perfect ~ (15) original ~ (10) good ~ (8) great ~ (6) best ~ (6)	boa ~ (6) selfie ~ (3) ótima ~ (1) perfeita ~ (1) belo ~ (1)	~ perfecto (3) buen ~ (2) ~ perfecta (1)	~ parfait (10) beau ~ (8) ~ bizarre (2) fameux ~ (2) ~ dangereux (1)
<i>selfie</i> + <i>substantivo</i>	~ stick (214) extendable ~stick (10) ~ taker (4)	pau de ~ (128) bastão de ~ (17) ~ stick (4) cabo de ~ (2)	palo de ~ (43) palo de selfi (40) palo extensible para/de ~ (10) bastón para ~ (5) palito de selfi (1) brazo extensible para ~ (1)	perche à ~ (34) perche ~ (21) bâton ~ (11) rétractable à ~ (9) canne ~ (6) ~ sans filtre (6) photo ~ (3) mode du ~ (3) ~ stick (3) rite du ~ (2) bâton de ~ (2) perche ~ télescopique (2) portable extensible ~ (1) ~ d’amoureux (1)

Fonte: elaborada pela autora.

<sup>18</sup> Os verbos inseridos na tabela encontram-se na forma infinitiva, no entanto, a frequência refere-se também às ocorrências na forma conjugada.

Em inglês, o principal padrão colocacional verbal ocorreu com o verbo *to take* (*taking/taken*). Além dele, identificamos, embora com frequência menor, outros verbos que se colocam com *selfie*, como *capture*, *post* e *share* – esses últimos bem inseridos no contexto do ambiente virtual. Os padrões verbais em português se assemelham aos encontrados em inglês; o verbo que mais coocorre com *selfie* é “tirar”. Em espanhol, destacam-se os verbos *tomar*, *hacer* e *sacar un/uma selfie*. Já em francês, também temos *poster un selfie*, que se refere ao ato de publicar a *selfie* nas redes sociais. Além dessas combinações, encontramos *prendre selfie*, *faire un selfie* e *s’essayer au selfie* para expressar o ato de se tirar esse tipo de foto. Também encontramos *réussir un selfie*, que significa tirar uma *selfie* com sucesso, ou seja, “tirar uma boa *selfie*”.

Outros colocados são os que formam padrões adjetivais (*original*, *good*, *great*, *best*, *perfect selfie*). Nas outras línguas, essa adjetivação de *selfie* também é recorrente, o que nos faz pensar que o uso dos adjetivos com carga semântica positiva reitera a visão de *selfie* como algo valorizado socialmente. Assim, não basta tirá-la para que ela seja bem recebida e compartilhada nas redes sociais, é preciso que seja bela.

Por fim, têm-se os padrões nominais como o *selfie taker* (aquele que tira *selfie*) e o *selfie stick*. Em português, além do empréstimo *selfie stick*, ocorre também o correspondente estruturado em um sintagma preposicionado, variando entre “pau de *selfie*”, “bastão de *selfie*” e “cabo de *selfie*”. Já em francês, encontramos *perche à selfie*, *perche selfie*, *perche selfie télescopique*, *bâton de selfie*, *bâton selfie*, *canne selfie*, *portable extensible selfie*, *rétractable à selfie* e *selfie stick*, que se referem ao suporte utilizado que permite colocar o dispositivo fotográfico em uma distância maior para se tirar esse tipo de foto. De todas essas variantes em francês, a mais frequente é *perche à selfie* e não *selfie stick*, que é um empréstimo do inglês. Em espanhol, é mais recorrente a colocação *palo de selfie* e sua variante

*palo de selfi*, no entanto, aparecem também outras variações, a exemplo de *palito*, *bastón* e *brazo de/para selfie*.

Ademais, há os tipos de *selfie*. Em francês, encontramos *selfie sans filtre*, que indica a foto sem efeitos visuais, *selfie d'amoureux*, que se refere à *selfie* tirada de um casal, *selfie dangereux*, que é uma foto tirada em uma situação de risco e que vem do inglês, *selfie dangerous*.

### 4.3 Neologismos

No que concerne aos neologismos criados com base na UL *selfie*, na língua francesa e também na língua espanhola, notamos os anglicismos *belfie* e *helfie*, que expressam os tipos de *selfie* que podem ser tirados: a primeira refere-se à *selfie* tirada da região glútea, a segunda denomina a *selfie* tirada dos cabelos para mostrar um corte novo ou um penteado diferente.

Além desses, no caso do idioma francês, também encontramos *selfie capillaire*, como equivalente a *helfie*, apresentado anteriormente, e também *selfie au miroir* ou *selfie-miroir*, que é aquela fotografada em frente ao espelho; *selfie retourné*, como sendo a foto tirada de si com um fundo significativo; *selfie-bouffe*, cujo foco é a comida; *selfie-sportif*, que é a *selfie* tirada na academia; e *selfie-sex*, feita após uma relação sexual. Para o espanhol, temos, ainda, mais três anglicismos criados a partir de *selfie* e que não ocorrem nas outras duas línguas estudadas: *drelfie*, de *drunk* e *selfie*, o tipo de *selfie* que se tira quando a pessoa está alcoolizada (e essa dialoga com a original); *felfie*, de *farm* e *selfie*, o autorretrato tirado em áreas rurais, acompanhado ou não de animais deste meio; e, por último, *shelfie*, de *shelf* e *selfie*, que consiste em uma foto tirada da escrivaninha, da prateleira ou de estantes de livros.

Outra ocorrência interessante em francês é o verbo *se selfier*. Vemos que a língua francesa criou, a partir de *selfie*, um verbo que significa exatamente tirar

uma foto desse tipo. Vejamos um exemplo de uso retirado de nosso *corpus*: *je vois aussi que tu as changé d'appareil et que tu te selfies avec ton smartphone*<sup>19</sup>. Semelhantemente, em espanhol, temos o verbo *selfiarse*, com o mesmo significado do francês e que segue o paradigma dos demais verbos em espanhol, com sua conjugação para todas as pessoas do discurso, além de seguir as regras de colocação pronominal, conforme o exemplo: *Hoy nuestro mundo, que poco tiene que ver con el del filósofo (no sé si más profundo e iluminado o más superficial) podría decir: "Selfio, luego soy"*<sup>20</sup>.

*Belfie*, *helfie*, *felfie* e até mesmo *selftiness* (a *selfie* tirada na academia) parecem também ter caído no gosto do público brasileiro, porém são neologismos emprestados do inglês. Uma ocorrência bastante interessante encontrada por nós, e que não se trata de anglicismo, foi o neologismo *rouselfie*, criado a partir da junção do sobrenome da presidente Dilma Rousseff com *selfie*, difundido na rede durante a corrida presidencial de 2014.

Por fim, podemos ressaltar que as adaptações gráficas sofridas por essa UL em pelo menos uma das línguas de nosso estudo já apontam para o que buscamos investigar no início desta pesquisa: que a UL *selfie* já está em vias de se integrar ao léxico das línguas estudadas, podendo ser considerada em processo de transformação em neologismo. Nesse sentido, temos *selfi* adaptado fonética e graficamente em espanhol, e *selfie*, que apenas sofreu uma adaptação à fonética francesa (/sel'fi) com a tônica na sílaba final. Assim, pode-se dizer que elas devem ser futuramente inseridas nas obras lexicográficas dessas línguas.

---

<sup>19</sup> "Vejo também que você trocou de aparelho e que tira *selfies* com seu *smartphone*".

<sup>20</sup> "Hoje nosso mundo, que pouco tem a ver com o do filósofo (não sei se mais profundo e iluminado ou mais superficial), poderia dizer: 'Tiro *selfie*, logo sou'".

## 5. Considerações finais

Embora não seja uma prática nova, faz-se necessário dizer que, no mundo contemporâneo, a internet e suas redes sociais, além do advento de todos os dispositivos tecnológicos modernos, tornaram a troca de informações mais dinâmica. Como vimos, o contato intercultural, favorecido pela crescente globalização, tem impactos que atingem, inclusive, a linguagem. Nesse sentido, claro está que *selfie* é um exemplo atual da assimilação citada por Ilari (2003) e resulta dos efeitos da globalização, de acordo com Hall (2006).

Com base em nossas análises, verificamos que essa UL é amplamente utilizada nas três línguas de nosso estudo. Embora ainda não se encontre registrada em dicionários reconhecidos nessas línguas, dicionários *on-line* colaborativos evidenciam o empréstimo ainda “não oficializado” dessa UL no léxico do português brasileiro, do espanhol e do francês. Ademais, entendemos que a grande quantidade de padrões colocacionais para a base *selfie* revela seu uso expressivo e, por conseguinte, sua aceitação nessas línguas. Os neologismos formados a partir dessa UL que encontramos em nosso *corpus* reforçam esse dado, sobretudo na língua francesa, que se revelou a mais criativa com relação aos usos de *selfie*, já que as demais criações léxicas são empréstimos do inglês, como vimos.

Consideramos, portanto, que o processo de assimilação da palavra *selfie* nessas línguas esteja em um *continuum*, ou seja, não é possível afirmar categoricamente se essa UL está, de fato, assimilada, se a comunidade de fala não a reconhece mais como uma palavra estrangeira. A nosso ver, talvez possamos fazer uma distinção ainda mais específica: essa UL estaria mais aproximada de um estrangeirismo para o português brasileiro e de um neologismo para os idiomas espanhol e francês, uma vez que, nessas duas últimas línguas, ela sofreu adaptações fonéticas e gráficas a fim de se adequar

ao seu sistema linguístico. Já no português brasileiro, *selfie* é veiculada tendo como parâmetro o inglês, sua língua de origem. Como *selfie* encontra-se em um estágio intermediário nas três línguas estudadas, ela deve ser considerada estrangeirismo, por enquanto. Assim, acreditamos que, em virtude de seu uso se dar em uma crescente nessas línguas, essa UL possivelmente fará parte do acervo lexical de cada uma delas com o passar do tempo.

Ademais, é evidente que a internet e os dispositivos tecnológicos contribuem com a difusão do léxico, especialmente da palavra *selfie*. Mais do que difusora de palavras, essas ferramentas permitem a difusão da cultura, como vimos.

Assim sendo, o léxico é o lugar de reconhecimento dos diversos povos. Além de um reconhecimento particular, as unidades lexicais podem tornar-se pontos comuns que ligam os povos e suas culturas. A palavra *selfie* é um exemplo desse lugar comum. Com a internet e os dispositivos tecnológicos que facilitam seu acesso, acreditamos que o fenômeno *selfie*, do ponto de vista lexicológico, tornar-se-á cada vez mais frequente. Nesse sentido, poderíamos estabelecer uma relação entre a ampla divulgação de *selfie*, como unidade lexical e prática fotográfica em diversas culturas, e os dispositivos tecnológicos. Se não existissem as câmeras digitais e as redes sociais, possivelmente o percurso desse fenômeno cultural seria outro: o de talvez nem existir.

## Referências

ABC Science blog. A brief history of the selfie. **ABC Online**. Retrieved 30 June 2015. Disponível em <<http://www.abc.net.au/science/articles/2014/08/12/4065062.htm>> Acesso em: 13 fev. de 2016.

ALVES, I. M. **Neologismo criação lexical**. São Paulo: Ática, 1990.



ATILF. **Le Trésor de la Langue Française Informatisé**. Disponível em: <<http://atilf.atilf.fr/>>. Acesso em: 09 mar. 2016.

AULETE. **Dicionário online Caldas Aulete**. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

BERBER SARDINHA, T. **Linguística de Corpus**. Barueri: Manole, 2004.

BARONI, M. BERNARDINI, S. BootCaT: Bootstrapping corpora and terms from the web. In: **Proceedings of LREC 2004: 4th International Conference on Language Resources And Evaluation**. Lisboa: Elda, 2004. p. 1313-1316.

BIDERMAN, M. T. C. **Padronização linguística cultural provocada pelos meios de comunicação de massa**. São Paulo: Alfa, 1980. p. 25-48.

CÂMARA JR, J.M. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

CAMBRIDGE. **Cambridge English Dictionary**. Disponível em: <<http://dictionary.cambridge.org/>>. Acesso em: 13 fev. 2016.

CENTRE NATIONAL DE RESSOURCES TEXTUELLES ET LEXICALES. **CNRTL Corpus**, França, 2012. Disponível em: <<http://www.cnrtl.fr/corpus/>>. Acesso em 31 mai 2016.

COLLINS. **Colins Dictionary**. Disponível em: <<http://www.collinsdictionary.com/>>. Acesso em 13 fev. 2016.

CORPAS PASTOR, G. **Manual de fraseología española**. Madrid: Gredos, 1996.

DAVIES, M. **The Corpus of Contemporary American English**: 425 million words, 1990-present. Disponível em: <<http://corpus.byu.edu/COCA/>>. Acesso em: 13 fev. 2016.

\_\_\_\_\_; FERREIRA, M. (2006-) **Corpus do Português**: 45 million words, 1300s-1900s. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>. Acesso em: 13 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. (2004-) **BYU-BNC**. (Based on the British National Corpus from Oxford University Press). Disponível em: <<http://corpus.byu.edu/bnc/>>. Acesso em: 13 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. (2002-) **Corpus del Español**: 100 million words, 1200s-1900s. Disponível em: <<http://www.corpusdelespanol.org>>. Acesso em: 13 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. (2015) **The Wikipedia Corpus**: 4.6 million articles, 1.9 billion words. Adapted from Wikipedia. Available online at <<http://corpus.byu.edu/wiki/>>. Acesso em: 13 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. (2013) **Corpus of Global Web-Based English**: 1.9 billion words from speakers in 20 countries. Disponível em: <<http://corpus.byu.edu/glowbe/>>. Acesso em: 13 fev. 2016.

DICIONÁRIO INFORMAL. **Dicionário online – Dicionário InFormal**. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/>>. Acesso em: 13 mar. 2016.

DRAE. **Diccionario de la Lengua Española**. Disponível em: <<http://dle.rae.es/>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

ENIKOS. **Η selfie της Τρύπη με τον σύντροφό της – ΦΩΤΟ**, 2016. Disponível em: <<http://www.enikos.gr/lifestyle/370970/i-selfie-tis-trypi-me-ton-syntrofo-tis-photo>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

FERRAZ, A. P. A inovação lexical e a dimensão social da língua. In: SEABRA, M. C. T. C. (Org.). **O léxico em estudo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

FERREIRA, G. V. dos S.; GOMES, N. dos S. Os estrangeirismos na língua portuguesa. **Revista Philologus**, ano 20, n. 60, supl. 1: Anais da IX JNLFLP. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2014. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/60supl/161.pdf>>. Acesso em: 09 mar. 2016.

FLETCHER, M. Årets bästa selfie? **Feber**, 2015. Disponível em: <[http://feber.se/mobil/art/339405/rets\\_bsta\\_selfie\\_](http://feber.se/mobil/art/339405/rets_bsta_selfie_/)>. Acesso em: 20 fev. 2016.

FUNDÉU BBVA. **Fundación del Español Urgente**. Disponível em <<http://www.fundeu.es/>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

GALLI, F. C. S.. Linguagem da Internet: um meio de comunicação global. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. dos S.. (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 147-164.

GARCEZ, P. M.; ZILLES, A. M. S. "Estrangeirismos: empréstimo ou ameaça?" In: FARACO, C. A. (Org.). **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

GUNTHER, A. La consécration du selfie. **Études photographiques**, 32, 2015. Disponível em: <<https://etudesphotographiques.revues.org/3529>>. Acesso em: 13 fev. 2016.

ILARI, R. **Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras**. São Paulo: Contexto, 2003.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LAROUSSE. **Dictionnaire français**. Disponível em: <<http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/>>. Acesso em: 09 mar. 2016.

ORENHA-OTTAIANO, A. **A compilação de um glossário bilíngue de colocações, na área de jornalismo de Negócios, baseado em corpus comparável**. 2004. 246 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários), USP–Universidade de São Paulo. *Orientadora*: Profa. Dra. Stella Esther Ortweiler Tagnin.

OXFORD. **Oxford Dictionaries**. Disponível em: <<http://www.oxforddictionaries.com/pt/thesaurus/>>. Acesso em: 13 fev. 2016.

POGONTSEVA, D. V. SELFIE КАК СОВРЕМЕННЫЙ СОЦИАЛЬНО-ПСИХОЛОГИЧЕСКИЙ ФЕНОМЕН. **Концепт**, n. 12, v. 28, 2013. Disponível em: <<http://cyberleninka.ru/article/n/selfie-kak-sovremennyy-sotsialno-psihologicheskij-fenomen>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

RADULOVA, L. Australia revealed to have invented the word 'selfie' as more than 2000 Aussie phrases and words are added to Oxford Dictionaries. **Daily mail online**. Austrália, 29 abr. 2015. Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/news/article-3061118/Australia-revealed-invented-word-selfie-2000-Aussie-phrases-words-added-Oxford-Dictionaries.html>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Banco de datos (CREA) [en línea]. **Corpus de referencia del español actual**. Disponível em: <<http://www.rae.es>>. Acesso em: 09 fev. 2016.

REVERSO. **Dictionnaire Reverso – Français Définition**. Disponível em: <<http://dictionnaire.reverso.net/francais-definition/>>. Acesso em: 09 mar. 2016.

RIBEIRO, S. N. O léxico em movimento: comentários sobre neologia e neologismos. **Cadernos do CNFL**, série VIII, n. 13, 2004. (VIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia & I Congresso Internacional de Estudos Filológicos e Linguísticos, 8, Rio de Janeiro, 2004). Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno13-18.html>>. Acesso em: 09 mar. 2016.

SILVA, M. C. P. **Uma análise comparativa dos verbos franceses mais freqüentes de primeiro grupo nos dicionários bilíngües francês-português**. 1997, 234 p. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – UNESP-Universidade Estadual Paulista, *Orientadora*: Maria Tereza Camargo Biderman.

SCOTT, M. **WordSmith Tools**: version 6. Stroud: Lexical Analysis Software, 2012.

SINCLAIR, J. **Corpus, concordance and collocation**. Oxford: Oxford University Press, 1991.

WORTSCHATZ. **WortSchatz Corpus**, Université de Leipzig, 2016. Disponível em: <[http://wortschatz.uni-leipzig.de/ws\\_fra/](http://wortschatz.uni-leipzig.de/ws_fra/)>. Acesso em: 31 mai. 2016.

ZANCHETTA, E; BARONI, M; BERNARDINI, S.: Corpora for the masses: the BootCaT front-end. In: **Corpus Linguistics 2011 Conference**, 2011, Birmingham. Abstracts. Birmingham: University of Birmingham, 2011.

Artigo recebido em: 21.10.2016

Artigo aprovado em: 15.12.2016

## O apelidamento de estádios de futebol em Sergipe

### Nicknames of soccer stadiums in Sergipe-Brazil

Cezar Alexandre Neri Santos\*  
Cleberon Franclin Tavares Costa\*\*

**RESUMO:** O fenômeno do apelidamento está intimamente ligado a dois sentimentos: afetividade e violência. No “mundo” do futebol, essa nomeação paralela é um frequente instrumento para referenciar times, torcedores e estádios e, a depender da relação com esses elementos, pode ser eufórica ou pejorativa. Assim, este artigo descreve e analisa o fenômeno de nomeação paralela de locais de prática ludopédica em Sergipe, dando-se a conhecer práticas onomásticas. Esses nomes permitem refletir sobre contextos socioculturais e políticos, bem como identificar tendências linguísticas e culturais que se configuram, não raro, em todo o território nacional. Como fonte primária dos dados, valeu-se do *Cadastro Nacional de Estádios de Futebol – CNEF* (2013). No entanto, a constatação de lacunas de dados levou os pesquisadores a disporem de pesquisa de campo por meio de investigação e entrevistas semidirigidas em prol de um inventário exaustivo e fidedigno que permitisse uma melhor caracterização desse fenômeno. Como resultados, dentre outras questões, percebeu-se que a rivalidade funciona como uma forte motivação para a criação de apelidos. Também foram listadas diversas metáforas conceituais e orientacionais a partir do *corpus* e constatou-se que tanto apelidos eufóricos quanto disfóricos se valem da sufixação em *-ão*, fenômeno corrente no Português brasileiro

**ABSTRACT:** The nickname phenomenon is closely linked to two feelings: affection and violence. In the realm of soccer, this parallel designation is a frequent instrument for referring teams, supporters and stadiums, whose nicknames, depending on the relation with these elements, can be affectionate or pejorative. Thus, this paper describes and analyses various soccer stadiums' nicknames in the state of Sergipe – Brazil, showing some onomastic phenomena through an exhaustive and trustworthy inventory. These names allow us to reflect on sociocultural and political contexts, as well as to identify linguistic and cultural tendencies that are often configured throughout the national territory. As the primary source of data, we had the *Cadastro Nacional de Estádios de Futebol – CNEF* (National Register of Football Stadiums) (2013). However, data gaps in the CNEF led the researchers to have field research, through semi-guided research and interviews, for an exhaustive and reliable inventory that would allow a better characterization of this phenomenon. As a result, among other issues, it was perceived that rivalry works as a strong motivation for the creation of nicknames. Several conceptual and orientational metaphors were also listed from the *corpus*, and it was found that both euphoric and dysphoric nicknames use the suffix *-ão* in its morphic structure, a current phenomenon in Brazilian Portuguese for

\* Graduação e mestrado em Letras (UFS) e doutorando em Língua e Cultura (UFBA). Professor assistente da UFAL – Campus do Sertão. E-mail: [neri.ufal@gmail.com](mailto:neri.ufal@gmail.com)

\*\* Graduação em Psicologia e mestre em Saúde e Ambiente (Unit). Doutorando em Saúde e Ambiente pela Universidade Tiradentes. E-mail: [costacleberon90@gmail.com](mailto:costacleberon90@gmail.com)

---

 no apelidamento de estádios de futebol.

nicknames of soccer stadiums.

**PALAVRAS-CHAVE:** Apelidos. Estádios de futebol. Onomástica. Antonomásia. Sergipe.

**KEYWORDS:** Nicknames. Soccer stadiums. Onomastics. Monickers. Sergipe.
 

---

## 1. Introdução

Os nomes de pessoas são comumente tomados para a designação de espaços antrópicos como hospitais, praças e arenas desportivas, como parte de uma memorialização. Quanto às arenas desportivas, no Brasil, não raro essa nomeação oficial tem um caráter encomiástico, com homenagens a políticos ou dirigentes esportivos, locais ou nacionais. No entanto, no discurso cotidiano, a prática social de apelidamento ou denominação paralela se apresenta mais que frequente. Seja por processos analógicos, com formação sufixal, ou pela lexicalização com metonimização ou metaforização, o fenômeno de apelidamento de arenas desportivas se apresenta de diversas formas e com diferentes motivações.

O apelidamento tem função referencial e permite o (re)conhecimento, inclusive, pela tradução dos apelidos de times, agremiações ou jogadores. O *Real Madrid* – Espanha, por exemplo, é o **club merengue** (também chamado merengue no Português Brasileiro) –, a *Juventus* – Itália é **La Vecchia Signora** (A Velha Senhora), e o *Manchester United* – Inglaterra, internacionalmente conhecido como **Red Devils** – Diabos Vermelhos. Esse último não se apresenta no plano convencional dos tabus linguísticos, uma vez que há, inclusive, uma tendência de visão positiva, no âmbito do futebol, de itens tabu, como é o caso de **Urubu**, para o Flamengo-RJ. No âmbito local, os clubes *Sergipe*, *Confiança* e *Itabaiana*, por exemplo, são referenciados, dentre outras formas, como **Colorado**, **Proletário** e **Tricolor da Serra**, sendo extensas as motivações para o apelidamento de agremiações de futebol.

Neste artigo, espera-se, com base no *corpus* coletado, entender o fenômeno de nomeação paralela de estádios de futebol, entendendo-o num plano maior que é o apelidamento no âmbito do esporte, uma vez que a relação homem-espço, materializada em nomes para esses lugares, passa por sua relação com o(s) time(s) de futebol. Quanto a essa nominata, que funciona como topônimos paralelos, Vieira (2016) assim caracteriza:

A toponímia paralela tem, como característica principal, sua existência não oficial. Seu caráter espontâneo colocado no signo toponímico torna-o de fácil aceitação. De uso social mais restrito, por se tratar de signos sem registro, os topônimos paralelos são enunciados que caracterizam melhor a visão de mundo de seus usuários, e por isso, atendem apenas a pequenas comunidades.

Essa nomeação paralela, no *corpus* cotejado, se apresenta como individualizadora de um grupo social restrito – os amantes do futebol – e atua especialmente como um apelido. O fenômeno do apelidamento tem sido objeto de pesquisas em diferentes aspectos língu-psicossociais, especialmente os apelidos de nomes próprios de pessoas, como comprovam Seide (2008) e Amaral & Machado (2016). Contudo, verificou-se uma menor preocupação acadêmica para com apelidos de topônimos.

Este artigo, em prol de dirimir essa lacuna, vale-se de alguns nortes epistemológicos: o da Onomástica – ciência do ramo linguístico que estuda os nomes próprios – e o da Psicologia Ambiental – dada a especificidade de sentimentos em espaços antrópicos de lazer, como é o caso de estádios de futebol profissional. Assim, o objetivo deste estudo é descrever e analisar o fenômeno de nomeação paralela de locais de prática ludopédica em Sergipe, em busca de um inventário exaustivo e fidedigno de apelidos, dando-se a conhecer as práticas onomásticas nesse estado.

Como fonte primária, tomaram-se os dados apresentados no campo **apelido**<sup>3</sup>, na versão mais atualizada do *Cadastro Nacional dos Estádios de Futebol*, doravante CNEF (CBF, 2013). O CNEF, mesmo sendo uma fonte oficial da Confederação Brasileira de Futebol, claramente apresenta lacunas quanto a esse tipo de informação. Sabendo-se que a nomeação paralela dos estádios brasileiros vai muito além do encurtamento do nome oficial destes *loci*, foi necessário o expediente de pesquisa de campo, por meio de questionário semidirigido, bem como a busca por dados em *websites* e redes sociais na rede mundial de computadores (*internet*) com temática futebolística.

Contudo, com o entendimento de que a referência a times, torcedores e ao estádio do time rival se dá, não raro, de modo pejorativo e até violento, esse fato social permite a compreensão de que a denominação no futebol se configura por designações espontâneas e não oficiais, o que justifica sua catalogação e análise.

## 2. O fenômeno do apelidamento no futebol

No futebol, basta lembrar que a referência ao rei desse esporte se dá por seu apelido: Edson Arantes do Nascimento, o Rei **Pelé**. Não são raros os jogadores que costumam ser conhecidos mais por seus apelidos que por seus “nomes de cartório”, como **Garrincha**, **Diamante Negro** e **Grafite**, ou que têm um apelido que serve como identificador-qualificador, como Ronaldo **Fenômeno** e Adriano **Imperador**.

---

<sup>1</sup> Como bem alerta Amaral (2011, p. 68), “Em Portugal, por exemplo, *apelido* aplica-se ao que correntemente chamamos de *sobrenome* (compare-se com *apellido*, em espanhol) e muitos termos elencados como correspondentes à *alcunha* não se empregam no português brasileiro”.



Dick (1990), seguindo os postulados de Albert Dauzat acerca da designação toponomástica, afirma que a nomeação pode ter caráter espontâneo, “nascida no seio popular e não individualizado, por não ter uma autoria identificável, em princípio”, bem como ser sistemática ou oficial, ou seja, atribuída aos seus descobridores ou fundadores. Henriques (2007, p. 225) assim assinala o fenômeno do apelidamento:

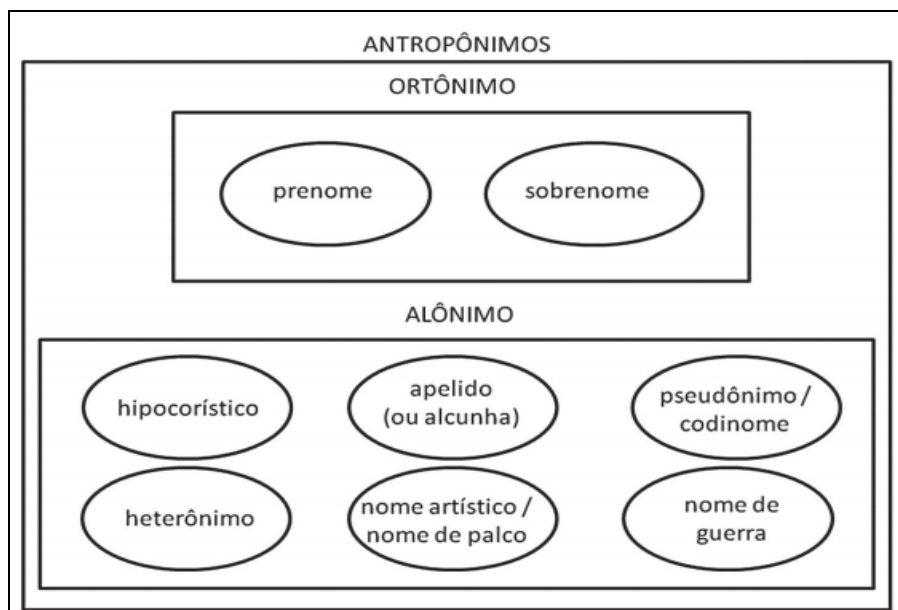
Epítetos, cognomes, apelidos, antonomásias, alcunhas são substantivos comuns tomados a partir de uma motivação metonímica ou metafórica – conhecida ou desconhecida – como substitutos de um antropônimo e, em decorrência disso, às vezes redigidos também como substantivos próprios.

Destaque-se que tal fenômeno não cabe somente para antropônimos, mas vale igualmente para o apelidamento de lugares, como é o caso dos estádios de futebol. Como se percebe, várias são as motivações para o apelidamento de um time, grupo de torcedores ou mesmo de um estádio de futebol<sup>4</sup>. Valendo-se da tipologia de Amaral (2011) para os antropônimos em PB, percebe-se a polivalência dos nomes próprios.

---

<sup>4</sup> Um fato, inicialmente ocorrido na Europa, e há uns quinze anos no Brasil, é o de locação/venda do nome do estádio para uma empresa. Em uma entrevista dada pelo ex-presidente do Corinthians e principal representante do clube na gestão da Arena Corinthians, Andrés Sanches, no Fox Sports (18 fev. 2015), este confessou a dificuldade em vender o *namingrights* porque popularmente o estádio estava sendo chamado de “Itaquerão”, em referência à região onde se encontra, Itaquera – zona leste paulistana. Não deve ter sido à toa que rapidamente a imprensa passou a referir-se ao local como Arena Corinthians, algo proibido pela regulamentação da Fifa, que não permite a vinculação de nomes de estádios a clubes de futebol. Daí, durante a Copa do Mundo de 2014, a arena paulistana ter sido denominada pela imprensa oficial de *Arena São Paulo*, nome que “não adquiriu alma”, nem nunca adquiriria, caso houvesse uma tentativa de imposição, principalmente pela rivalidade entre os clubes Corinthians e São Paulo. O nome do recém-reformado estádio da Sociedade Esportiva Palmeiras é *Allianz Parque*, comprado pela empresa alemã, em detrimento ao antigo nome *Palestra Itália*, que fazia referência à fundação do clube.

Figura 1 – Diagrama da tipologia de antropônimos



Fonte: Amaral (2011, p. 76).

Considerando a classificação em ortônimos e alônimos, alocamos os apelidos no segundo grupo (grego *alo*: diferente; *onoma*: nomes), uma vez que tal nominata se configura como paralela a um nome “oficial”. Amaral (2011, p. 71-2) classifica-os como aqueles “antropônimos que não correspondem com os nomes oficiais garantidos pela legislação e atribuídos ao indivíduo no registro civil. Os alônimos, por sua vez, formam um grupo bem heterogêneo de antropônimos, como hipocorísticos, apelido, pseudônimos etc.”. No item de descrição e análise de dados, discutir-se-á a tipologia apresentada em busca de uma categorização para esses denominativos.

Tais apelidos podem demarcar posturas diversas, que levam a sentimentos como autoestima e pertencimento ou vergonha e autodestruição, aqui tomados sob o binômio **euforia** (sentido positivo) e **disforia** (acepção pejorativa). Os torcedores atribuem o “autoapelidamento” apoiados em características positivas do contexto sociocultural do local onde joga sua

equipe. Por outro lado, utilizam itens lexicais pejorativos diante de características adversas socioculturais ou históricas para se referirem ao estádio de um clube rival. Como já dito, essa nomeação pode ser direcionada a times, torcedores ou estádios. A relação/representação positiva desses *loci* pode ser interpretada tendo por base o que o geógrafo Yi-Fu Tuan denominou *topofilia* (TUAN, 2012), sendo o sentimento oposto um contexto de *topofobia*, quando se constituem atitudes de ódio ou de pavor ao local ou a uma simples menção do nome do lugar.

Não podemos negar que ambos os fenômenos ocorrem no âmbito do futebol, uma vez que o microlocal que remete ao “time do coração” é afetivamente considerado um “lar”, enquanto aquele referente a um time rival tende a causar sentimentos negativos, geralmente no campo afetivo do ódio. Como exemplo, podem-se tomar dois times de futebol brasileiro nacionalmente conhecidos: o *São Paulo Futebol Clube* e o *Sport Club Corinthians Paulista*.

Quadro 1 – Tipologia de alônimos na área futebolística.

ORTÔNIMO	ALÔNIMO5				
	Clube		Torcedor (geralmente disfórico)	Estádio	
	Eufórico	Disfórico		Eufórico	Disfórico
São Paulo Futebol Clube	Tricolor Paulista / Clube da Fé	“Time de bambi”	Bambi	MorumTRI	Panetone
Sport Club Corinthians	Timão/ Coringão/ Time do Povo	CUrúntia	Gambá / Galinhada	Hospício / Itaquerão	Galinheiro / Itaquerão / Impressora/ Arena Lula

Fonte: elaboração própria

<sup>5</sup> Uma profícua fonte de dados acerca dos apelidos dos clubes/torcedores de futebol do Brasil, notadamente os pejorativos, encontra-se no *post* encontrado no link <http://forum.cifraclub.com.br/forum/11/170136/> Acesso em 14 nov. 2016. Mesmo que não haja como atestar boa parte das informações ali contidas, por serem as motivações para essa nominata de natureza enciclopédica, de cunho oral e coletivo, não se vê ressalvas na tomada desse banco de dados como confiável.

quadro acima demonstra quão diversificadas são as possibilidades de alônimos no âmbito do futebol. A profusão de antonomásias para estádios pode ser percebida nas suas diferentes motivações, que podem ser experiencializadas positiva ou negativamente. É o caso de Itaquerao, que tem ganhado força para referenciar o novo estádio do Corinthians. Sendo localizado na Zona Leste, portanto na periferia paulistana, pode ser entendido como uma bem-vinda marca identitária pelos moradores e torcedores da região (*Itaquerao*), mas também como forma de discriminação por rivais.

Outros exemplos apresentam motivações, como, dentre outras: i) analogia, como *Impressora*, pelo *design* retangular do estádio, e *Gambás*, haja vista o Centro de Treinamento (CT) do Corinthians localizar-se às margens do Rio Tietê, o que permitiu a associação da poluição e do cheiro fétido do rio ao animal gambá, conhecido por seu mau odor, e deste a um time “imundo”, segundo o espectro dos rivais; ii) política, em *Arena Lula*, pela menção de que foi construído sob influência do corintiano e ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva; iii) locativa, em *Galinheiro*, por remissão ao apelido ‘Galinhada’. A princípio, um apelido pode ou não ter uma marcação temporal efêmera. Nos apelidos acima destacados, dois claramente são mais produtivos – *Gambá* e *Galinheiro* –, enquanto os outros dois têm tido uma menor frequência, por seus caracteres mais circunstanciais – *Arena Lula* e *Impressora*.

O processo de apelidamento representa uma aproximação entre fatos socioculturais, neste caso, entre indivíduos e ambiente e entre os indivíduos torcedores de um mesmo time ou rivais. Entretanto, o apelidamento está, cada vez mais, sendo inibido em diversos ambientes da sociedade com o intento de evitar, principalmente, termos pejorativos e danos à moral dos sujeitos, conforme citado por Pontes Vieira e Martins (2015) sobre o

fenômeno do apelido ao longo da vida humana. Observa-se, ainda, que o apelido permanece enraizado na cultura do futebol e, principalmente, é expediente frequentemente utilizado por torcedores para a promoção do seu time de coração ou diminuição do rival.

### **3. Descrição e coleta dos dados**

Neste item, destacam-se as fontes de dados coletados para a pesquisa. Na subseção 3.1, descrevem-se os dados apresentados pelo Cadastro Nacional de Estádio de Futebol (CNEF), fonte primária de dados desta pesquisa, haja vista ser um documento oficial elaborado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Ao atestar diversas lacunas quanto a informações basilares para este estudo, tal como a inscrição dos apelidos desses estádios, foram utilizadas fontes secundárias, tais como sites de governos municipais e do estadual, bem como e-mails a dirigentes de clubes sergipanos e entrevistas informais com torcedores de futebol do estado em busca das informações necessárias.

Já o subitem 3.2 trata da descrição da metodologia da pesquisa, mediante a qual se pode ter acesso a uma tabela de elaboração própria em prol de uma melhor apresentação, quantificação e categorização dos dados. Assim, esta pesquisa se pretende mais do que uma listagem de informações enciclopédicas, sendo um estudo léxico-semântico-cognitivo da nominata, como pode ser encontrado na subseção de análise do *corpus*.

#### **3.1 Fontes e instrumentos de coleta de dados**

O *Cadastro Nacional de Estádios de Futebol* (CNEF), elaborado pela Diretoria de Competições da CBF, foi lançado em 13 de agosto de 2009 e sua versão mais atualizada data de 23 de agosto de 2013 (quarta atualização). Ele

traz diversas informações úteis acerca dos locais de prática futebolística profissional por todo o país, “originárias das administrações dos estádios e veiculadas pelas correspondentes Federações Estaduais de Futebol” (CBF, 2013, p. 96). Num total de 96 páginas, dispõe tais dados por região e por unidade federativa, apresentando os seguintes campos: **nome**, **apelido**, **cidade**, **iluminação** (com/sem), **proprietário** (particular/federal/estadual/municipal), **capacidade oficial do estádio** (medição oficial reconhecida), e **competições**, em que “constam as competições oficiais que utilizaram o estádio nas três últimas temporadas (2010 a 2012), quais sejam, o Campeonato Brasileiro Séries A, B, C, D, Copa do Brasil e os Campeonatos Estaduais 1ª Divisão e 2ª Divisão/outras” (CBF, 2013).

Verificou-se, após o cotejo desses dados, que os campos **apelido** e **capacidade** se apresentavam lacunares. Infelizmente, o cadastro é negligente por não informar o motivo pelo qual a coluna está em branco – se não ocorre apelidamento ou se tal informação não foi conseguida nas federações estaduais de futebol.

### 3.2 Apresentação da metodologia e dos dados da pesquisa

Com o objetivo de inventariar, descrever e analisar o fenômeno de apelidamento e de propor uma tipologia para a nomenclatura dos estádios de futebol profissional, foi realizado um estudo descritivo de abordagem qualiquantitativa. Os dados, como já dito, foram coletados junto ao CNEF (CBF, 2013) e, em virtude das omissões de informações desse documento ou mesmo para a comprovação dos dados ali apresentados, projetou-se o preenchimento das informações lacunares por meio de pesquisa de campo.

Inicialmente, coletaram-se as lacunas do CNEF quanto ao campo **apelido**. Dos 30 estádios apresentados nesta base de dados para o estado de Sergipe, fez-

se um recorte para catorze (14) deles. Os critérios de inclusão dos estádios no *corpus* passaram por: i) uso do estádio na Primeira Divisão do Campeonato Sergipano de Futebol 2015 – oito estádios; ii) inexistência de estádios (estádios sonogados?) no CNEF 2013, como foi o caso de seis deles (Trindadão; Aníbal; Albanão; João Alves, de Gararu; Adolfo; Vila Operária, de Estância).

Dos oito que constam no CNEF 2013, todos apresentam informações no campo ‘apelido’. Dos seis demais, não registrados nesse cadastro, as informações foram coletadas por seleção de torcedores para participar da pesquisa – integrantes do grupo *Futebol Sergipano* na rede social *Facebook*<sup>6</sup>. A coleta de dados se deu por entrevistas semidirigidas, elaboradas e enviadas a torcedores via *e-mail*, solicitando que os participantes respondessem sobre a existência ou não de apelidos pejorativos.

As perguntas feitas aos informantes foram: i) *Por qual time você torce?*; ii) *Por qual apelido você chama o estádio em que o seu time joga?*; iii) *Você atribui apelido a algum estádio de times adversários? Se sim, qual o estádio e o apelido atribuído?*; iv) *Qual o motivo do apelido?* Em caso da existência, o participante deveria informar qual o apelido e descrever a motivação para tal atribuição. Após três (3) respostas idênticas de torcedores de um mesmo clube, a amostra foi finalizada por saturação.

### 3.3 Descrição do *corpus*

Após o levantamento de dados, passou-se ao preenchimento dos dados apresentados por meio de quadro para um melhor entendimento do conteúdo apresentado. Os campos designados no Quadro 2 obedecem aos seguintes objetivos:

---

<sup>6</sup> O grupo de discussão sobre o Futebol sergipano contava, no mês de março de 2017, com 8.866 membros. É um grupo fechado (só há inclusão no grupo se houver aprovação de algum membro) e pode ser encontrado neste endereço eletrônico: <http://bit.ly/2oCQ0A9>

Quadro 2 – Descrição dos campos para preenchimento do banco de dados.

CAMPO	DESCRIÇÃO
Nome oficial	Apresentar, tal qual exposto no CNEF 2013, o nome oficial do estádio cotejado.
Cidade	Descrever o município-sede do estádio. Após apuração das informações, percebeu-se que não havia incongruências nos dados do CNEF 2013.
Apelido primário	Apresentar o nome popular (espontâneo ou sistemático) do estádio em questão.
Patrônimo	Destacar informações acerca da posição social do homenageado ou da relação do topônimo com o time ou a cidade-sede.
Time mandante	Listar o(s) clube(s) de futebol profissional que costuma(m) ter mando de jogo no estádio em questão.
Apelido eufórico	Inventariar o(s) apelido(s) pelo(s) qual(is) a torcida do time mandante costuma chamar o estádio onde sua equipe joga.
Apelido disfórico	Inventariar o(s) apelido(s) pejorativo(s) pelo(s) qual(is) uma ou mais torcidas adversárias costuma(m) chamar o estádio do time rival.

Já o Quadro 3 corresponde à descrição dos dados para os campos estabelecidos no Quadro 2.

Quadro 3 – Dados sobre os estádios de futebol sergipano.

N.	NOME OFICIAL	APELIDO OU REFERÊNCIA PRIMÁRIA	PATRÔNIMO	TIME MANDANTE	MUNICÍPIO
1	Presidente Emílio Garrastazu Médici <sup>7</sup> Estádio Etelvino Mendonça <sup>8</sup>	Médici> Etelvino / Mendonça	Político nacional> Político local	Itabaiana / Coritiba	Itabaiana

<sup>7</sup> Por curiosidade, pesquisou-se a ocorrência, no CNEF-2013, de outro(s) estádio(s) nomeado(s) por algum presidente do período ditatorial civil-militar (1964-1985) e, surpreendentemente, nenhum outro estádio, dos 739 apresentados neste catálogo, atende a esse critério.

<sup>8</sup>Foi sancionada em 14 de janeiro de 2016, pelo governador de Sergipe, Sr. Jackson Barreto, a mudança toponímica do Estádio Presidente Emílio Garrastazu Médici para **Estádio Etelvino Mendonça**, por conta de recomendações do Relatório Final da Comissão Nacional da Verdade (CNV), com a seguinte



2	João Hora de Oliveira	João Hora	Personalidade do clube	Sergipe	Aracaju
3	Joaquim Sabino Ribeiro	Sabino / Proletário	Personalidade do Clube	Confiança	Aracaju
4	Lourival Baptista	Batistão	Político local	Sergipe / Confiança	Aracaju
5	Antonio Brejeiro	Brejeirão	Político local	Amadense / 7 de junho	Tobias Barreto
6	Augusto Franco	Francão	Político local	Estanciano / Boca Júnior	Estância
7	Radialista Wellington Elias	Lelezão	Personalidade desportiva local	Socorrense	Nossa Senhora do Socorro
8	Paulo Barreto de Menezes	Barretão	Político local	Lagarto	Lagarto
9	João Trindade Filho	Trindadão	Político local	Boquiense	Boquim
10	Estádio Estadual de Simão Dias (antigo Albano Franco)	Albanão / Aragão	Coronímia	Independente	Simão Dias
11	Aníbal Franco	Aníbal	Político local	Laranjeiras	Laranjeiras
12	João Alves Filho	João Alves	Político local	Gararu	Gararu
13	Adolfo Rollemberg Leite	Adolfo / Campo do Agamenon	Político local	Grêmio Agamenon	Aracaju
14	Vila Operária Santa Cruz	Vila Operária	História local	Santa Cruz (inativo)	Estância

Fonte: CBF (2013); Dados da pesquisa de campo.

justificativa: promover a alteração da denominação de logradouros, vias de transporte, edifícios e instituições públicas de qualquer natureza, sejam federais, estaduais ou municipais, que se refiram a agentes públicos ou a particulares que notoriamente tenham tido comprometimento com a prática de graves violações. Etelvino José de Mendonça (04/10/1903 – 02/07/1975) foi um grande desportista de Itabaiana. Também foi prefeito e sempre lutou pelo esporte no município do agreste. Levou a primeira bola de couro ao município, em 1919, e foi responsável pela doação do terreno onde foi construído o estádio que levou seu nome. O interessante é que, de sua construção, na década de 1940, até 1969, o estádio municipal se chamava “informalmente” Etelvino Mendonça, quando recebeu o nome do então presidente Médici. Disponível em: <http://bit.ly/2nOkwYw>. Acesso em 14 nov. 2016.

#### 4. Análise dos dados

Na seção 4, parte-se para uma interpretação das informações dispostas no Quadro 3. O *corpus* mescla dados descritos no CNEF-2013 com a nominata coletada pelos autores por entrevistas e pesquisa *in loco*. Por avultar no *corpus*, a sufixação em *-ão* ganha destaque na análise, com abordagem quali-quantitativa, dentre os fenômenos de apelidamento possíveis. Contudo, merece igual destaque neste trabalho a nominata antonomásica referente à rivalidade, por além de ser um *corpus* não registrado nas fontes oficiais, permitir um estudo dos padrões denominativos que concorrem para em tal processo.

##### 4.1 Análise genérica do *corpus*

Os antropônimos memorializados são todos do sexo masculino, majoritariamente de políticos nacionais ou locais – quando locais, são geralmente mecenas relacionado à história do clube, do estádio e/ou da cidade, especialmente em estádios públicos, configurando uma alta frequência de (auto)encômio. Chefes do Poder Executivo, em suas gestões, têm se valido dessa prerrogativa para nomear tais espaços públicos com seus nomes, o que, em tese, seria proibido por lei<sup>9</sup>.

Observa-se, contudo, que os nomes oficiais dos estádios particulares têm diferentes padrões de nomeação: por não serem, em certo grau, dependentes do erário público, costumam homenagear torcedores que contribuíram diretamente para a existência e/ou formação do clube mandante ou do estádio,

---

<sup>9</sup> Sobre a questão, há uma lei federal, a Lei 6.454, de 24 de outubro de 1977, que “Dispõe sobre a denominação de logradouros, obras, serviços e monumentos públicos, e dá outras providências”. Havia, no seu artigo 1º: “ É proibido, em todo o território nacional, atribuir nome de pessoa viva a bem público, de qualquer natureza, pertencente à União ou às pessoas jurídicas da Administração indireta.”. Como é sabido, essa lei, mesmo nos casos posteriores à sua promulgação, tem sido amplamente desrespeitada em território nacional. A Lei nº 12.781, de 2013, revoga aquele artigo, mas mantém o mesmo entendimento: “Art. 1º É proibido, em todo o território nacional, atribuir nome de pessoa viva ou que tenha se notabilizado pela defesa ou exploração de mão de obra escrava, em qualquer modalidade, a bem público, de qualquer natureza, pertencente à União ou às pessoas jurídicas da administração indireta.”

como é o caso do médico *João Hora de Oliveira* e de *Joaquim Sabino Ribeiro Chaves* (1912-1980). Também ocorre a remissão à história do clube mandante, como em Vila Operária, referência feita aos operários e futebolistas da fábrica fundadora do Santa Cruz de Estância. A exceção fica por conta do Estádio *Radialista Wellington Elias* (1927), antigo Estádio do SESI – Serviço Social da Indústria –, cujo nome homenageia, ainda em vida, em 2010, este ex-técnico de futebol e cronista esportivo de Sergipe.

#### 4.2 Sufixo -ão

Segundo o levantamento de Perini-Santos e Mello, pouco mais de um quarto (26,5%) dos estádios de futebol do Brasil cotejados tinha como apelido comum uma marcação sufixal em *-ão* em 2011: “[...] dos 634 estádios brasileiros registrados, 303 unidades, 47,8% do total de estádios, têm apelido (ou nome popular); sendo que, desses, 168, 26,5% do total de estádios, terminam em *-ão*; e 135, 21,3% do total de estádios, apresentam outro apelido ou redução.” (2011, p. 16). Esse processo morfológico é assim descrito pelos autores como *especificação mórfica*:

[...] como a ocorrência de uma particularização semântica associada a alguma forma mórfica particular. O uso do final *-ão* nos nomes populares dos estádios de futebol, provavelmente a partir do *trigger moment* descrito, é um caso de especialização semântica de um modelo lexical em um uso contextualizado. Ou seja, não se afirma que todo e qualquer uso da forma *-ão* leve à interpretação de “estádio de futebol”, mas, dadas certas condições contextuais e temáticas, tal interpretação torna-se pertinente. (PERINI-SANTOS; MELLO, 2011, p. 27).

O *trigger moment*– momento inicial ou gatilho – foi a década de 1960, quando, por meio de dados coletados na imprensa mineira, possivelmente

tenha sido “o ‘Mineirão’, inaugurado em setembro de 1965, o primeiro estádio a receber apelido desse tipo” (*idem*, p. 27). O Estádio Governador Magalhães Pinto, localizado em Belo Horizonte, tem em seu apelido uma dupla sufixação: a base *min-* ao sufixo *eir-*, que faz o gentílico dessa unidade federativa (*mineiro/a*, o/a, que nasceu em Minas Gerais) e, no intuito de demarcar a grandeza física do espaço, recebe também o sufixo *-ão*. Esse segundo sufixo, de ativa produtividade na formação de sintagmas lexicais do PB, tem seu percurso diacrônico no latim (-onem; -anu), e certamente a característica de formador de aumentativos é sua principal função mórfica.

Essa função também tem, por vezes, caráter distintivo, como em *Maracanã/Maracanãzinho* ou em *Mineirão/Mineirinho*, que diferenciam os *loci* de prática de futebol e de esportes como vôlei, futsal e outros esportes praticados em ginásios cobertos, respectivamente. Como este artigo delimita os estádios de futebol como *corpus*, percebe-se um desses fenômenos morfolexicais, particularidade do Português brasileiro (PB): o morfema sufixal *-ão* ao fim de um item lexical independente ou mesmo justaposto a uma parte do sintagma do nome oficial do estádio. Esta característica será melhor descrita com o *corpus*.

Santos (2010, p. 20) destaca que

[...] o sufixo *-ão* apresenta vários significados (*ação, agentivo, diminutivo, intensidade, gentílico e nomina essendi*), e não deve, portanto, ser resumido em uma única função – a de aumentativo –, ainda que esta seja sua função mais produtiva. Além dos valores semânticos desempenhados por este sufixo, há ainda traços que dão nuances a esses significados, como os de intensidade, melhorativo e pejorativo. Ocorre também, algumas vezes, de esses traços aparecem [*sic*] de forma absoluta, ou seja, independentes dos outros significados.

Quanto aos apelidos primários, percebe-se uma marcação majoritária de antropônimos de cunho encomiástico. No caso do fenômeno morfossemântico destacado neste estudo, nota-se uma função de intensidade, com motivação de grandeza e de superioridade. A onipresença desse fenômeno antonomásico no território brasileiro é demonstrada regionalmente por Perini-Santos e Mello, cujos resultados estão expostos no Quadro 4:

Quadro 4 – Proporção de ocorrências de processos de apelidamento (por região do país).

Regiões	Apelido em [-ão]	%	Outro Apelido	%	Total	%	Sem Apelido	%	TOTAL
NO	17	42,5	9	22,5	26	65,0	14	35,0	40
NE	82	40,8	35	17,4	117	58,2	84	41,8	201
CO	27	26,5	19	18,6	46	45,1	56	54,9	102
SE	36	18,5	39	20,0	75	38,5	120	61,5	195
SU	6	6,25	33	34,4	39	40,6	57	59,4	96
<b>Total</b>	<b>168</b>	<b>26,5</b>	<b>135</b>	<b>21,3</b>	<b>303</b>	<b>47,8</b>	<b>331</b>	<b>52,2</b>	<b>634</b>

Fonte: Perini-Santos e Mello (2011, p. 19).

Dos dados expostos, percebe-se que o apelidamento dos estádios em *-ão* destaca-se frente a outros fenômenos onomásticos em todas as regiões do país, tais como referências a parte do ortônimo do homenageado, menção ao local onde o estádio se situa ou mesmo alguma alusão ao time que manda seus jogos naquele local. Segundo este quadro, nas regiões Norte e Nordeste, costuma-se “apelidar” mais estádios de futebol – mais de 40% dos estádios assim apelidados –, ao contrário das regiões Sul e Sudeste, com menos de 10 e 20%, respectivamente.

No *corpus* sergipano do CNEF, dos catorze (14) estádios analisados, sete (7) têm apelidos com designação em *-ão*. Dos outros 50% dos estádios sergipanos com apelidos, cinco (5) são referenciados pelo sobrenome, um (1) pelo prenome e um (1) pelo apelido do homenageado.

O Estádio Estadual Governador Lourival Baptista (1915-2013) foi inaugurado em 1969 e recebeu o nome do então governador de Sergipe. Chama atenção a exclusão do grafema *p* em Baptista quando este se apresenta como apelido: **Baptista ~ Batistão**, demonstrando que marcas incomuns ou especiais do ortônimo referente são submetidas a adequações gráficas da língua-alvo, uma vez que o *p* etimológico, em Baptista, é bem menos frequente que a grafia Batista no PB<sup>10</sup>.

O Estádio Municipal Antônio Brejeiro, em Tobias Barreto, faz homenagem a um ex-prefeito da cidade. Quanto ao apelido atribuído pelos torcedores locais, **Brejeirão**, os entrevistados ratificaram que se trata de um aumentativo do sobrenome do patrono, não havendo um apelido pejorativo para esse estádio.

O Estádio Estadual Governador Augusto Franco, localizado em Estância, foi inaugurado em 1983, quando o ex-político Augusto do Prado Franco (1912-2003) era o governador de Sergipe. O apelido **Francão** é utilizado pelos torcedores locais, não havendo um apelido pejorativo para o estádio.

O Estádio Estadual de Simão Dias, em Simão Dias, foi construído em 1991 e teve como primeiro nome oficial Estádio Albano Franco, em homenagem ao então senador da República por Sergipe (1940). O estádio foi reformado e reinaugurado em 2011, quando teve seu nome mudado. Apesar da alteração no nome oficial, os torcedores locais ainda se referem ao estádio como **Albanão**, referindo-se ao primeiro nome do antigo homenageado. Igualmente, esse estádio não possui apelidos disfóricos.

Sobre o Estádio Aníbal Franco, em Laranjeiras, poucas informações históricas em relação ao local e ao homenageado foram obtidas, especialmente em relatos orais com torcedores nativos. O estádio é chamado **Aníbal** pelos

---

<sup>10</sup> Esse estádio, após sua última reforma, em 2014, passou a ser chamado de **Arena Batistão**, seguindo o modelo de nomeação de espaços futebolísticos específicos para a Copa do Mundo do Brasil de 2014.

torcedores locais em referência ao sobrenome do homenageado. Este não está no aumentativo por uma questão de eufonia, uma vez que, numa possível sufixação em -ão, “Anibão” não soaria bem.

O Estádio Estadual Paulo Barreto de Menezes, em Lagarto, de apelido **Barretão**, também tem como patrono um político sergipano que exerceu o cargo de governador do estado de 1971 a 1975. Esse *modus nominandi* remete a uma memória oficial forjada, na qual o Estado, numa posição social dominadora, impõe um não esquecimento a governantes e figuras públicas. Assim, o topônimo serve para a solidificação estereotipada de ideologia(s) dotada(s) de duração e estabilidade, como aborda Pollak (1989).

O Estádio Municipal João Trindade Filho, em Boquim, remete a um político local. Quanto ao seu apelido, **Trindadão**, é formado tendo por base o sobrenome do homenageado. Tal como outros estádios de mesmo porte, este não possui apelidos pejorativos.

O Estádio Municipal João Alves Filho é localizado em Gararu. Sobre o homenageado, ele se refere a um dos políticos sergipanos cujo nome é motivação frequente de memorialização nos espaços públicos do estado, como é o caso do maior hospital público de Sergipe e de outro estádio público, no município de Maruim, “casa” do Centro Sportivo (*sic*) Maruinense. Esse político tem seu nome em outro estádio, localizado em Propriá, conhecido pelos torcedores locais como **João Alves**.

Pelo fato de a lexia João já terminar em -ão (João <latim *Ioanne*), a estrutura da língua inibe tal processo de sufixação como uma incompatibilidade morfo-fonêmica. Outro aspecto interessante é que ‘João’, assim enunciado, não se configura um marcador denominativo que satisfaça os falantes em termos de referência: sempre se identifica o estádio do Club

Sportivo Sergipe por 'João Hora', e o do Sport Club Gararu por 'João Alves', em face de uma possível homonímia.

Quanto à posição da sufixação em -ão, encontra-se uma diversidade de possibilidades de base mórfica para esse sufixo. Podem recebê-lo tanto os ortônimos quanto os alônimos, bem como lexias externas ao nome oficial. Ilustrativamente, ocorrem, no *corpus*, o apelidamento em -ão no prenome (**Albanão**), no sobrenome (**Brejeirão**, **Francão** e **Barretão**) e no apelido (**Lelezão**, de Wellington Elias) do homenageado, quanto em itens lexicais referentes ao estádio ou à cidade local, como é o caso de **Petrolão**, no estádio de Carmópolis-SE, cidade conhecida pela exploração de suas jazidas de petróleo pela Petrobrás.

Descrito o *corpus*, a seguir, o foco será em como a rivalidade pode se tornar uma fonte de novas lexias para os estádios, uma vez que há uma referência bilateral que promove e até incita o apelidamento.

#### **4.2. Apelidos de estádios de futebol em Sergipe: a rivalidade como mote de nomeação**

Já se verificou que o processo de apelidamento permeia a cultura do futebol. Se advindos de torcedores de uma equipe adversária, traz consigo uma aura de violência, deboche, escárnio. Por outro lado, se inscrito por torcedores de um clube em relação ao estádio onde manda seus jogos, os sentimentos de identidade coletiva e de afeto podem ser identificados.

Segundo Moser (1998), o indivíduo percebe o ambiente de acordo com seu contexto sociocultural, e, por sua vez, o ambiente interage com o indivíduo de maneira que influencia no seu comportamento. Na literatura concernente, observam-se estudos que relatam os estádios de futebol como ambientes influenciados e influenciáveis pelos que o frequentam (ENSSLIN; ENSSLIN;



PACHECO, 2012). Tais estudos destacam a influência dos estádios de futebol no comportamento dos torcedores, apresentando uma das motivações para os frequentes conflitos entre torcidas a partir de uma incitação à violência.

A seguir, descrevemos os diversos apelidos coletados durante esta pesquisa, mediante tanto entrevista informal com torcedores locais quanto de investigação na rede social *Facebook* entre os meses de agosto e setembro de 2015.

Quadro 5 – Descrição dos apelidos de estádios sergipanos por rivalidade.

ESTÁDIO	MANDANTE	TORCIDA DO 'SERGIPE' REFERENCIA O ESTÁDIO	TORCIDA DO 'CONFIANÇA' REFERENCIA O ESTÁDIO	TORCIDA DO 'ITABAIANA' REFERENCIA O ESTÁDIO
João Hora de Oliveira	Club Sportivo Sergipe	JH / Mundão do Siqueira	João Bosta / Lixão do Siqueira	X
Sabino Ribeiro	Associação Desportiva Confiança	Sabino Chiqueiro / Chiqueirão	Sabino / Estádio Proletário	Chiqueirão/ Manguezal / Sabino Chiqueiro
Presidente Emílio Garrastazu Médici > Estádio Etelvino Mendonça (desde 2016)	Associação Olímpica de Itabaiana	X	Mérdice	Médici >Etelvinão ou Mendonça <sup>11</sup>

Fonte: elaboração própria.

O Estádio Estadual Presidente Emílio Garrastazu Médici, em Itabaiana, foi inaugurado em 1971 com a presença do então Presidente do Brasil – 1969 a 1974 – e homenageado, Emílio Garrastazu Médici. Haja vista a

<sup>11</sup> A adesão a apelidos com sufixação –ão para o estádio de Itabaiana-SE já se mostra frequente, mas ainda não se pode considerá-los *apelidos-padrão*, termo ao qual denominamos quando da escolha e da promoção maciça de uma antonomásia por parte da mídia esportiva impressa, televisiva e *on-line*.

memorialização toponímica de políticos durante a Ditadura Militar ter sido de alta frequência, isso demonstra a aproximação, ou mesmo o uso, do futebol como ferramenta político-ideológica. Os torcedores da Associação Olímpica de Itabaiana e do Coritiba Futebol Clube, clubes que jogam nesse estádio, referiam-se a ele como **Médici**, remetendo-se ao sobrenome do homenageado, ao passo que os torcedores do time rival, o Confiança, o nomeavam **Mérdice**, com analogia à merda, o que, mais uma vez, faz da referência à imundície a motivação para o apelidamento.

Atualmente, com a mudança toponímica já destacada, não demorou para que novos apelidos com sufixo em *-ão* fossem lexicalizados pelo processo de analogia: **Etelvinão** e **Mendonção** estão em concorrência. A imprensa de rádio e de TV, até o mês de fevereiro de 2017, ainda se manifestava pelo ortônimo: Estádio Etelvino Mendonça.

Os torcedores do Confiança apelidaram de **Chiqueirão** o atual Etelvino Mendonça. Os informantes explicaram que o apelido remete à aparência física do estádio – “parece um chiqueiro”.

Já os dados referentes ao Estádio João Hora de Oliveira – esse patrônimo foi torcedor e presidente do Conselho deliberativo do Club Sportivo Sergipe (*sic*), doador do terreno onde foi construído o estádio – permitem perceber uma relação paradoxal. O apelido dado pela torcida do Sergipe, **Mundão do Siqueira**, alude ao amplo terreno do estádio – abrangendo a área construída e não construída – e ao bairro onde está situado, o Siqueira Campos. Por outro lado, o apelido pejorativo se vale da mesma morfologia – **Lixão do Siqueira**. Os torcedores do Confiança e do Itabaiana explicaram que o atribuíram em razão da aparência física do estádio e à analogia com o imundo: “o formato do estádio lembra um lixão, e como está no Siqueira, chamamos de **Lixão do Siqueira**”.

O estádio da Associação Desportiva Confiança, Estádio Joaquim Sabino Ribeiro, foi construído em 1955 com o apoio do próprio Sr. Joaquim Sabino, que foi um dos fundadores do Confiança e um dos donos da fábrica que deu origem ao clube. Idealizado pelos donos da fábrica, os operários participavam e representavam o clube nas competições esportivas, por isso a origem do apelido **Proletário**, que serve tanto para designar o time quanto o estádio. Já o apelido **Sabino**, como visto, remete ao sobrenome do homenageado. Quanto aos apelidos pejorativos, os torcedores do Sergipe e do Itabaiana enfatizaram que **Sabino Chiqueiro** e **Manguezal** referem-se às condições estruturais do estádio, principalmente do solo, que umidifica rapidamente em tempos de chuva, segundo os torcedores adversários, “parecendo um mangue ou um chiqueiro”.

Ainda sobre o **Batistão**, ambos os clubes, Confiança e Sergipe, mandam seus jogos de maior expressão nesse estádio, não tendo sido identificados apelidos pejorativos para esse *locus*. A hipótese para tal fato é que o caráter de afetividade suplanta o de rivalidade, ou seja, o fato de ser igualmente um time mandante de jogos no estádio onde seu adversário faz suas partidas anula qualquer possibilidade de tratar pejorativamente o espaço em questão.

Outros estádios onde, mesmo que se perceba certa rivalidade entre os torcedores, também não apresentaram apelidos pejorativos numa relação bilateral foram os dos municípios de Lagarto e de Itabaiana, que são dois dentre os mais populosos e tradicionais do interior do estado de Sergipe.

O estádio **Leleão** – grafado **Lelesão** no CNEF (2013) – não possui um apelido pejorativo. Uma vez que o [s] intervocálico torna-se [z] em PB, esperava-se mesmo que os torcedores locais entrevistados o inscrevessem **Leleão**, como grafema <z>. Os informantes explicaram que a origem do apelido veio da imprensa, já que esse patônimo, há décadas, tem sido o maior expoente do jornalismo esportivo no estado.

Como hipótese, percebe-se que a produção denominativa é diretamente proporcional ao fenômeno da rivalidade e à grandeza do time correspondente: quanto maior a rivalidade, maior a nominata, seja eufórica ou disfórica, uma vez que os indivíduos apresentam a necessidade de sobreporem-se, dentro e fora do contexto esportivo, sendo visto como maiores, superiores, principalmente no comparativo com arquirrivais.

### 4.3. Outros tipos de apelidamento

O Estádio Estadual Adolpho Rollemberg Leite, em Aracaju, primeiro grande estádio em Sergipe, foi inaugurado em 1920. Adolpho Rollemberg era um renomado empresário do estado e foi homenageado por ter doado o terreno para a construção do Estádio Municipal. O estádio é apelidado pelos locais como Adolfo e Campo do Agamenon, que faz uma alusão ao conjunto habitacional onde o estádio está localizado. O estádio não possui apelido pejorativo. Por esse dado, nota-se que a prática de memorialização pela homenagem é antiga, uma vez que o primeiro estádio do estado, o **Agamenon Magalhães**, fundado em 1920, já demonstrava a prática encomiástica de personalidades políticas. Hoje não recebe mais jogos oficiais e se tornará um Centro Desportivo, sendo o Grêmio Agamenon o time amador que costuma mandar jogos no estádio. Tal qual no caso de Batistão (<Baptista), no apelido **Adolfo** há uma adequação gráfica ao Português Brasileiro do ortônimo Adolpho Rollemberg Leite (<ph> para <f>).

Por fim, o Estádio Vila Operária do Santa Cruz, em Estância, atualmente inativo e pertencente ao Sport Clube Santa Cruz.<sup>12</sup>, foi fundado em 1930 por funcionários de uma fábrica situada no bairro Santa Cruz-Estância. A

---

<sup>12</sup> Como pode ser repetidamente observado neste artigo, não são raros os nomes de agremiações que mantêm grafias etimológicas, como nos anglicismos **Club**, **Sport** e **Sportivo**. O Club Sportivo Sergipe, por exemplo, data de 1909, portanto, anterior ao primeiro Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1911, no qual Gonçalves Viana advoga pela “Proscrição absoluta e incondicional de todos os símbolos de etimologia grega, th, ph, ch (=k), rh e y” (Viana *apud* COUTINHO, 2011, p. 78). É o caso dos times do Sport Club Corinthians Paulista e do Sport Clube Santa Cruz, ambos fundados antes de 1911, o que demarca uma nominata específica que certamente não se apresenta totalmente influenciada pelas mudanças propostas pelas leis ortográficas lusófonas.

origem operária dos fundadores e o nome do bairro justificam o nome oficial do estádio, que costuma ser referenciado por **Vila Operária** pelos torcedores locais, não tendo um apelido pejorativo nem mesmo por parte dos torcedores do Estanciano, outro time da cidade. Certamente a resposta para isso está no fato de que o Santa Cruz encerrou suas atividades há muitos anos, extinguindo a rivalidade.

Fica clara a relação do poder político com a profissionalização do esporte e com a construção de obras públicas e sua memorialização, uma vez que a nomeação desses espaços é substancialmente demarcada por influência político-administrativa num caráter sistemático (não espontâneo). Observa-se, assim, que os nomes dos estádios possuem uma estreita relação com a política, enquanto o apelidamento, apesar de muitos apenas acrescentarem o sufixo *-ão* ao nome original, não (ou pouco) possuem a intenção de reverenciar ainda mais os políticos homenageados, mas de elevarem o *status* da sede esportiva do clube. Em contrapartida, os apelidos pouco utilizam o nome de “batismo” do estádio, e buscam características adversas da equipe ou do ambiente físico em que ele está situado.

## 5. Considerações finais

Os nomes cotejados neste trabalho, muitos dos quais surgidos espontaneamente em detrimento dos nomes oficiais dos estádios de futebol em Sergipe, permitiram o inventário de alcunhas não oficiais, já que trazem à baila apelidos pejorativos para os locais de prática futebolística coletados junto a torcedores sergipanos. Essa coleta permitiu perceber atitudes e valores relacionados ao amor e à rivalidade, expressados em práticas linguísticas de apelidamento desses espaços antrópicos. Assim, advoga-se que a relação afetiva

do torcedor com esses *loci* é marcada por paixão, ódio ou indiferença, com uma nomeação oficial majoritariamente de cunho político-administrativo.

Nos estádios públicos, municipais ou estaduais, com poucas exceções, observa-se que os nomes oficiais foram atribuídos em forma de (auto-)homenagem a políticos que fazem ou fizeram parte da construção desses espaços. Quanto aos apelidos pejorativos, observou-se que apenas três estádios têm recebido alguma alcunha pejorativa: Médici (Mérdice), João Hora (João Bosta, Lixão do Siqueira) e Sabino Ribeiro (Sabino Chiqueiro, Chiqueirão, Manguezal), por serem os estádios onde jogam Confiança, Itabaiana e Sergipe, a saber, os três times de maior expressão competitiva no futebol local, atestando que o espírito de rivalidade entre as agremiações motiva fortemente a criação de apelidos para esses espaços.

Após inclusão de dados não cotejados no CNEF (2013), percebeu-se que a sufixação em *-ão* não é usada apenas para designar relações positivas com esses espaços, mas permitem igualmente a formação de lexias disfóricas, como *Lixão* e *Chiqueirão*, haja vista não denotar grandeza, mas intensidade, seja positiva ou negativa.

Ao listar processos experiencializados por torcedores e demais envolvidos no âmbito do futebol, expõe-se que os nomes dos estádios de futebol em Sergipe, dentre outras possibilidades de interpretação do material linguístico coletado: a) têm exclusivamente patrônimos do sexo masculino; b) apresentam uma relação afetiva do estádio do “time do coração” com o lar; c) revelam uma relação de ojeriza e de ódio quanto ao estádio do time rival, representado como lugar imundo; d) destacam um universo, não raro homofóbico, no qual se percebe que a relação afetiva não é apenas interpessoal, mas também com diversos entes que dizem respeito a uma agremiação desportiva, tais como estádios, escudos e cores.

Por fim, mesmo entendendo as limitações que uma coleta de dados extensiva ao território brasileiro possa trazer, sugere-se que estudos futuros, com metodologias semelhantes, sejam realizados em outras regiões em busca de uma proposição taxonômica para apelidos de topônimos para esses *corpora*, bem como um mapeamento linguístico e social dos fenômenos encontrados nesta nominata.

## Referências

AGOSTINO, G. **Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2002.

AMARAL, E. T. R. *Contribuições para uma tipologia de antropônimos do português brasileiro*. In: **Alfa: Revista de Lingüística**. 2011, Vol. 55, Issue 1, p. 63-82.

\_\_\_\_\_; MACHADO, V. B. Nomes de urna e nomes parlamentares de vereadores da Câmara Municipal de Ouro Preto. In: **Revista GTLex**. Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 52-65, jul./dez. 2015. Disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/31721/17880> Acessado em: 10 fev. 2017.

CONFEDERAÇÃO Brasileira de Futebol. **Cadastro Nacional de Estádios de Futebol(2013)**. Disponível em <http://www.cbf.com.br/noticias/campeonato/cadastro-nacional-de-estadios-de-futebol-1#.VgyZuflViko>. Acesso em: 03 nov. 2016.

COUTINHO, I. de L. A ortografia portuguesa. In: \_\_\_\_\_. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011, p. 71-80.

DICK, M. V. P. A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

ENSSLIN, L.; ENSSLIN, S. R.; PACHECO, G. C. Um estudo sobre segurança em estádios de futebol baseado na análise bibliométrica da literatura internacional. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 17, n. 2, p. 71-91, 2012. <https://doi.org/10.1590/S1413-99362012000200006>

GASTALDO, É. O complô da torcida: futebol e performance masculina em bares. **Horizontes Antropológicos**, v. 11, n. 24, p. 107-123, 2005. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832005000200006>

HENRIQUES, C. C. Escritores, Epítetos e Dicionário: uma parceria afinada. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria. (Org.). **As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande; São Paulo: Ed. UFMS; Humanitas, 2007, v. III, p. 223-233.

LEI nº 6.454, de 24 de outubro de 1977. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L6454.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L6454.htm)>. Acesso em: 28 set. 2016.

MASCARENHAS, G. A mutante dimensão espacial do futebol: forma simbólica e identidade. **Espaço e cultura**, n. 19-20, p. 61-70, 2012.

MOSER, G. Psicologia ambiental. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 3, n. 1, p. 121-130, 1998. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X1998000100008>

PERINI-SANTOS, P.; MELLO, H.. Formações Lexicais por Analogia: explicação diacrônica para os nomes populares de estádios de futebol no Brasil. In: **Estudos da Língua(gem)**. Vitória da Conquista, v. 11, n. 2, p. 23-41, 2013.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>>. Acesso em: 18 mar. 2017.

PONTES VIEIRA, E. P.; MARTINS, F. F. Aspectos históricos e epistemológicos relacionados ao conceito de raça humana e a formação de professores de ciências e Biologia. **Amazônia: Revista de Educação em Ciências e Matemáticas**, v. 11, n. 22, 2015, p. 22-33.

RINALDI, W. Futebol: manifestação cultural e ideologização. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 11, n. 1, p. 167-172, 2008.

SANTOS, A. P. O estudo do sufixo -ão: valores semânticos e proposta genealógica. In: MARÇALO, M.J.; LIMA-HERNANDES, M. C. *et alli*. (Org.). **Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas**. Évora, 2010, v. 1, p. 1-21.



SEIDE, M. S. Usos de antropônimos como elementos coesivos. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 23-35, out. 2009. ISSN 1984-8412. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2008v5n2p23/11029>>. Acesso em: 14 mar. 2017.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. 2. ed. Londrina: Eduel, 2012.

VIEIRA, Zara Peixoto. **O reflexo da memória social na toponímia**: o espontâneo e o popular. Disponível em <[http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ2\\_13.htm](http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ2_13.htm)>. Acesso em: 03 nov. 2016.

Artigo recebido em: 04.09.2016

Artigo aprovado em: 18.11.2016

## Antroponímia ficcional: o caso de *Ubirajara*, de José de Alencar

Fictional Anthroponymy: the case of *Ubirajara*, by José de Alencar

Kleber Eckert\*  
Maiquel Röhrig\*\*

**RESUMO:** O presente artigo tem como tema uma abordagem interdisciplinar entre a Onomástica – ciência que estuda os nomes próprios – e a Literatura Brasileira, mais especificamente a prosa indianista de José de Alencar escrita durante o Romantismo. O objetivo central é a análise etimológica e simbólica dos nomes dos principais personagens do romance indianista *Ubirajara*, a fim de verificar se existe uma relação entre o significado do nome e o comportamento ou as características físicas desses personagens. Para tanto, discutem-se conceitos básicos de antroponímia, que é o ramo da onomástica responsável pelo estudo dos nomes próprios de pessoas, bem como questões relativas à forma como os povos indígenas ameríndios, sobretudo os de origem tupi-guarani, nomeavam os integrantes de suas tribos. A análise etimológica dos nomes dos personagens possibilitou que se chegasse à conclusão de que existe uma estreita relação entre o significado dos nomes e as características dos personagens, o que leva a crer que a escolha dos nomes por parte do autor não foi fortuita e, sim, etimológica e simbolicamente motivada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Antroponímia ficcional. *Ubirajara*. José de Alencar. Onomástica literária.

**ABSTRACT:** This paper has as its theme an interdisciplinary approach between Onomastics – science that studies the proper names – and the Brazilian Literature, more specifically the Indianist prose of José de Alencar written during the Romanticism. The aim is the etymological and symbolic analysis of the names of the main characters of the Indianist novel *Ubirajara*, in order to verify if there is a relation between the meaning of the name and the behavior or the physical characteristics of these characters. For this purpose, basic concepts of anthroponyms are discussed, which is the branch of onomastics responsible for the study of the proper names of people, as well as issues about the way indigenous Amerindian peoples, especially those of Tupi-Guarani origin, named the members of their tribes. The etymological analysis of the names of the characters made it possible to conclude that there is a close relationship between the meaning of the names and the characteristics of the characters, which leads us to believe that the choice of names by the author was not fortuitous, but indeed, etymologically and symbolically motivated.

**KEYWORDS:** Fictional Anthroponymy. *Ubirajara*. José de Alencar. Literary Onomastics.

\* Doutor em Letras (2014) pela Universidade de Caxias do Sul – UCS. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS – *Campus* Bento Gonçalves.

\*\* Doutor em Letras (2014) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS – *Campus* Bento Gonçalves.

## 1. Introdução

O tema do presente artigo é a antroponímia ficcional com base no romance *Ubirajara*, de José de Alencar. O objetivo consiste em analisar etimológica e simbolicamente os nomes dos personagens principais da obra indianista, a fim de verificar se os nomes possuem relação com as características físicas ou comportamentais desses personagens. Para tanto, inicialmente discutem-se a antroponímia como parte da onomástica e as características do signo onomástico com base em Dauzat (1950), Guérios (1973), Seabra (2006) e Marcato (2009). Além disso, enfatiza-se o papel do nome próprio de pessoa nas sociedades indígenas ou ditas primitivas, a partir das reflexões de Guérios (1973), Lévi-Strauss (1989) e Martins (2002). Em seguida, apresenta-se um breve histórico acerca da antroponímia ficcional, campo a que pertence a antroponímia literária, e ressalta-se a importância da área para estudos interdisciplinares, considerando-se as contribuições de Guérios (1973), Mexias-Simon e Oliveira (2004), Marcato (2009) e Seide (2016).

Após as reflexões do campo da antroponímia, expõem-se as características do Romantismo no Brasil, com destaque para a importância do indianismo, sobretudo em relação à função social da literatura, como pode ser visto na obra de Alencar. Esse autor pensa a questão indígena como elemento importante na constituição da identidade nacional e, tal como outros autores do período, elege o índio como representante do povo brasileiro. Ademais, sintetiza-se o enredo do romance no intuito de situar o leitor a respeito das principais ações e comportamentos dos personagens.

Quanto à metodologia, realizou-se a leitura do livro e destacaram-se os nomes dos principais personagens e as observações do autor acerca do significado de cada um deles, registradas em notas de rodapé ou no próprio corpo do texto. Além disso, procedeu-se à análise etimológica e simbólica dos

nomes dos personagens, a fim de avaliar se existia uma relação entre o significado do nome e as características dos personagens com base em dicionários de nomes e em obras especializadas, como Guérios (1973), Andrade (1984), Barbosa (1986), Obata (1986) e Oliver (2005). Trata-se, portanto, de uma abordagem qualitativa, a qual tem sido uma tendência nos estudos de antroponímia ficcional, de acordo com um levantamento efetuado por Seide (2016, p. 1154).

## **2. A antroponímia: o estudo dos nomes próprios de pessoas**

Por tradição, define-se o léxico de uma língua como o conjunto de palavras que a compõe, e ele é o responsável, nas palavras de Seabra (2006, p. 1953), “por nomear e exprimir o universo de uma sociedade”. A lexicologia é a ciência que estuda o patrimônio lexical de uma língua, e dela faz parte a onomástica, cujo objetivo de estudo é a origem, a formação e os significados dos nomes próprios, seja de pessoas, seja de lugares. Chega-se, assim, às duas áreas principais de atuação da onomástica – o estudo dos nomes próprios – a antroponímia e a toponímia.

Conforme já assinalado acima, a onomástica possui dois grandes campos de investigação: a antroponímia e a toponímia. A primeira, também conhecida como antroponomástica, é a que se ocupa dos nomes próprios de pessoas, isto é, os antropônimos. A segunda, chamada também de toponomástica, é a que se refere aos estudos dos nomes de lugar, ou seja, os topônimos. Na perspectiva de Dauzat (1950), existe uma inter-relação entre as duas áreas:

Nomes de lugares e nomes de pessoas sempre tiveram entre eles, e ainda têm, relações de interdependência, mais ou menos indicadas conforme as épocas. Cidade ou aldeia, frequentemente chamadas pelo nome de seu fundador ou do possuidor do domínio em torno do qual uma aglomeração se

formou mais tarde. Em contrapartida, o indivíduo, ou a família, são frequentemente denominados conforme sua localidade, seu município, sua pátria de origem, de acordo com sua propriedade ou conforme tal particularidade de sua residência (DAUZAT, 1950, p. 04).

Embora em outra perspectiva, Seabra (2006) também ressalta a confluência que existe entre a antroponímia e a toponímia. Nas palavras da pesquisadora:

Apesar de se constituírem em campos semânticos de dimensões variáveis da Onomástica – pessoa e lugar – têm na mesma uma relação de inclusão, uma vez que se encontram no onoma, em uma área de intersecção: o vocábulo ao deixar o seu uso pleno na língua, transitando para o uso onomástico, reveste-se de caráter denominativo – em uso dêitico ou anafórico – e passa a ser referencializado como topônimo ou antropônimo (p. 1954).

Em relação às características do signo onomástico, Marcato (2009, p. 18) apresenta e exemplifica os conceitos de opacidade e transparência desse signo. Um signo onomástico transparente verifica-se quando é possível relacionar, por exemplo, o nome a um elemento do vocabulário de uma língua. Quando essa possibilidade inexistente, é porque o signo onomástico surgiu numa época remota, quando no território em que ocorre esse signo falava-se outra língua. Nesta situação, é possível dizer que o signo é opaco.

Na mesma perspectiva de reflexão, Guérios (1973, p. 16) também discute a opacidade e a transparência do signo onomástico, citando como exemplo de signo opaco o antropônimo Licurgo, que atualmente não lembra o primitivo caçador de lobos. Já um exemplo de signo transparente é o topônimo Bahia, pois uma localidade que assim se chama pode traduzir, de fato e na atualidade, uma baía. Dauzat (1950), por sua vez, chega à conclusão de que

a mudança de valor sofrida pelos nomes próprios no decurso de sua história não é menos sugestiva ao olhar da semântica. A palavra esvaziou-se rapidamente de sua significação primitiva, ela se esterilizou a ponto de não mais ser do que uma etiqueta do indivíduo; não mais a compreendemos no sentido etimológico (DAUZAT, 1950, p. 10).

Com a análise dos nomes utilizados pelos indígenas, inclusive aqueles que são objeto de reflexão do presente estudo, pode ser percebida, não obstante, uma visão um pouco diversa da ideia de o nome ser utilizado somente como etiqueta. O próprio Dauzat (1950, p. 7) afirma que “o valor mágico atribuído às palavras nas sociedades antigas aparecia com uma força particular nos nomes que designavam o indivíduo”. É possível perceber que, nessa interpretação, para o primitivo, não havia separação entre o nome e o ser nomeado, isto é, o nome da pessoa e a pessoa em si eram uma coisa só.

Uma leitura semelhante é apresentada por Guérios (1973), ao explicar que

entre os povos chamados primitivos, o nome é inseparável da coisa e do indivíduo assim designado; faz corpo com ele. Daí o sumo cuidado e respeito que lhe dispensam, atribuindo-lhe valor mágico. [...] E para preservação dos malefícios possíveis, surpresas desagradáveis, senão funestas, os selvagens ocultam os seus nomes aos estranhos, e quando não o fazem, é porque declararam um pseudônimo (GUÉRIOS, 1973, p. 19).

Para Lévi-Strauss (1989), o estudo dos nomes próprios das sociedades primitivas é visto como um problema para os linguistas, pois é preciso conhecer a natureza desses nomes, bem como saber o lugar que ocupam dentro do sistema da língua. Para os etnólogos, os nomes próprios são percebidos da mesma forma como o são pelos linguistas, acrescentando-se que “devemos estabelecer que os nomes próprios fazem parte integrante de sistemas tratados

por nós como códigos: modos de fixar significações, transpondo-as para os termos de outras significações” (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 194).

Na nomeação dos indivíduos de uma tribo com o nome de um animal, por exemplo, este pode ser sujeito ou predicado, como nos exemplos “O-peixe-move-a-cauda, A-maré-arrasta-os-caranguejos etc.” (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 197). O pesquisador esclarece que, independentemente do procedimento utilizado, leia-se sujeito ou predicado, “o nome próprio evoca um aspecto parcial do ser individual – absolutamente e, a título particular, nessas sociedades onde o indivíduo recebe um novo nome a cada momento importante de sua vida” (p. 197).

Lévi-Strauss (1989, p. 194-200) cita diversos povos primitivos e explica como cada um deles se relaciona à escolha dos nomes próprios de seus membros. Na América do Norte e do Sul, há exemplos de povos que escolhem os nomes com base nas relações que se estabelecem com o animal do clã – ele pode ser mencionado expressamente ou é possível evocar um hábito ou um atributo. Já outros povos, como os da Melanésia, escolhem seus nomes próprios dentre os nomes de espíritos, de animais, de corpos celestes ou até mesmo de utensílios e ferramentas. Registram-se também aqueles que fazem a escolha tendo por base a partir de nomes de determinados vegetais, de atividades técnicas ou econômicas, de paz ou de guerra, ou de fenômenos da natureza. Em todos os casos, observa-se uma relação muito próxima ou até mesmo direta entre os nomes e o totem da tribo ou do clã.

Guérios (1973, p. 34-35) afirma que, em relação ao sistema antroponímico dos indígenas brasileiros, assim como ocorria com indígenas de outras regiões e com os povos primitivos, havia a utilização tão somente de um nome (ou prenome), e o uso do sobrenome era-lhes desconhecido. O autor apresenta uma compilação de nomes indígenas de diferentes tribos com base em registros

históricos de diversos pesquisadores. Os pontos em comum, mesmo pertencentes a tribos várias, referem-se à motivação do nome, que dificilmente é usado como mera etiqueta de identificação, tal como ocorre com a maioria dos nomes atribuídos aos brasileiros na atualidade.

Quanto à forma de se chamarem uns aos outros, conforme Martins (2002, p. 150-151), os indígenas brasileiros tinham o costume de fazê-lo usando o nome de parentesco ou de relação social. Não era comum chamar os parentes pelos nomes próprios, e por isso usavam “meu pai!, ó meu tio!; venha, ó minha irmã!”. Ainda de acordo com o autor, os índios consideravam “o sexo da pessoa e o sexo do seu parente; se o parente é paterno ou materno; se o parente é mais velho ou mais moço” (MARTINS, 2002, p. 151).

Martins (2002, p. 147) registra ainda que as línguas indígenas como o tupi deram origem a muitas palavras que foram incorporadas à língua portuguesa e que são hoje comumente utilizadas. Além delas, o autor lembra que vários nomes de lugares e de pessoas têm origem no tupi e que o uso desses vocábulos – nomes comuns e próprios – contribuiu para que se construísse uma identidade nacional. É possível interpretar essa afirmação à luz do que defendeu Dauzat (1950) sobre a importância de se estudar os nomes próprios, sobretudo os nomes de pessoas:

Em todas as épocas, eles oferecem fatos de estratificação e de esterilização geralmente importantes. Fósseis da língua, restos de leitos históricos submersos pelos contributos sucessivos das sedimentações lexicais, eles permitem reconstituir formas e tipos desaparecidos da fala corrente (DAUZAT, 1950, p. 09).

Enfim, Marcato (2009) acredita que, por toda a complexidade que envolve a semântica do nome próprio, é preciso examiná-lo levando em conta também uma perspectiva extralinguística, seja ela diacrônica ou sincrônica. É



preciso ainda considerar a onomástica num diálogo com outras áreas, fora da linguística, tais como a antropologia, a sociologia, a geografia, a história e a psicologia (MIORANZA, 2009). É o que se percebe também em Dauzat (1950, p. 06), para quem “o interesse psicológico e social dos nomes de pessoas é considerável. Para quem sabe interpretá-los, os nomes carregam em sua fisionomia o reflexo, a marca das civilizações passadas”.

No caso dos nomes em análise neste artigo, quais sejam, os nomes de origem indígena da obra *Ubirajara*, de José de Alencar, é possível afirmar que há pais que escolhem o nome do filho a partir dos nomes dos personagens de textos literários. Acerca dessa escolha, Guérios (1973, p. 34) considera que, “influenciados pelas artes, pela literatura, as mães, mais que os pais, buscam dar nomes modernos e de heróis romanescos. Pelas obras de José de Alencar, divulgaram-se: Araci, Juraci, Ubirajara, Iracema, Diva, Peri...”. Chega-se, assim, a um tipo de estudo chamado por Marcato (2009, p. 26) de onomástica literária e por Seide (2016, p. 1154) de onomástica ficcional, a qual pode, inclusive, chegar a criar modas onomásticas, quando nomes literários se tornam famosos e passam a nomear uma grande quantidade de crianças recém-nascidas.

Tanto Marcato (2009, p. 25) quanto Seide (2016, p. 1154) explicam que a onomástica ficcional tem como campo de interesse a análise dos nomes dos personagens das obras literárias, além de haver uma parte dedicada às obras audiovisuais, como o cinema e a televisão. Como parte da onomástica ficcional situa-se, especificamente, a onomástica literária, cujo objetivo primeiro é a análise dos nomes dos personagens das obras literárias e o significado desses nomes para a constituição das características dos personagens. Marcato (2009, p. 25) apresenta o percurso histórico da disciplina, que começou a se desenvolver a partir de 1980 na Itália, com estudos que se ocuparam dos nomes de pessoas e de lugares das obras literárias antigas e modernas, como os

estudos das obras de Dante, Pirandello, Manzoni, Boaccaccio e Petrarca. A autora acrescenta que a onomástica literária adquiriu autonomia – libertando-se da literatura ou da crítica literária – e expandiu as suas pesquisas analisando as diferentes funções que o nome exerce numa obra ou no *corpus* onomástico de determinado autor.

Seide (2016, p. 1156) apresenta, por meio da análise de dez artigos que têm como tema a onomástica ficcional, o caráter uni ou interdisciplinar da abordagem dos nomes, dependendo do enfoque que o pesquisador deseja dar a seus estudos. Para a autora, há pesquisas mais voltadas à literatura, nas quais “o estudo dos antropônimos atua como disciplina auxiliar para resolução de problemas concernentes aos estudos literários” (SEIDE, 2016, p. 1156). Por outro lado, há estudos que aliam o âmbito literário com o audiovisual, chegando-se a um diálogo entre estudos literários e semióticos.

Para Marcato (2009, p. 25), a escolha dos nomes dos personagens por parte do autor é um ato criativo, levando-se em conta o ambiente em que esses personagens vivem e também o poder evocativo e conotativo que os nomes possuem. Sobre essa escolha, Mexias-Simon e Oliveira (2004, p. 63) esclarecem que “o nome do personagem ganha concretização, se já não a possuía. É um recado do autor aos leitores, traça o caráter dos personagens, é parte da trama, vai se transformado em signo linguístico pleno, com significante e significado, se não inteligido, pelo menos intuído”. Marcato (2009, p. 25) acrescenta ainda que a criatividade se manifesta no apelido dos personagens, o qual é, muitas vezes, um elemento com o qual o autor acrescenta detalhes às características desses personagens.

Finalmente, consoante já preconizado por Dauzat (1950, p. 09) acerca da importância dos estudos dos nomes próprios para a compreensão de fenômenos linguísticos, a onomástica literária ou ficcional caminha no mesmo

sentido. De acordo com Marcato (2009, p. 25), ela assume um valor de documentação e/ou registro de aspectos linguísticos, uma vez que atesta formas, variantes, usos locais que, se não fossem as obras literárias, talvez não ficassem registrados.

### 3. O Romantismo no Brasil

O Romantismo é o período literário que inaugura a literatura brasileira propriamente dita. Esse período foi complementar ao processo de constituição de uma identidade brasileira motivada pela independência.

Nesse ínterim, a literatura assume uma função social importante, e a história da literatura revela o interesse político de constituir um cânone que representasse de algum modo a pátria e o seu povo. A literatura, encarada como tendo uma finalidade formativa, priorizou os textos engajados em criar narrativas nacionais. Discursos discrepantes sobre o país foram criados no período, e a eleição de um cânone impôs um discurso dominante.

Vários foram os autores do período que manifestaram o “instinto de nacionalidade”, mas o topo do cânone quem alcançou foi José de Alencar. Numa perspectiva alegórica, Sommer (1994) sugere que os romances indianistas de Alencar funcionam como modelos de uma visão patriótica alegórica, e por isso foram tão afetuosamente acolhidos pelo cânone da nossa literatura.

#### 3.1 O indianismo na literatura romântica brasileira

O indianismo surge da necessidade de eleger um personagem-tipo que representasse o brasileiro arquetípico. Alencar escreve três romances em que índios protagonizam o enredo, colocando-os, contudo, em diferentes contextos e observando-os segundo diferentes perspectivas. *O guarani* retrata um índio entre brancos; *Iracema* inverte essa lógica e mostra um branco entre índios.

*Ubirajara*, por sua vez, é um romance que remonta à época anterior à chegada dos portugueses ao Brasil. Nessa obra, o autor procura representar uma espécie de “estado puro original”, no qual a presença dos brancos ainda não houvesse degenerado os índios.

Alencar inseria muitas notas explicativas em seus romances, grande parte das quais possui íntima relação com o objeto da pesquisa que é empreendida neste artigo: os nomes dos personagens. Seus três romances indianistas estão repletos de explicações, algumas das quais o autor prefere registrar no próprio corpo do texto, destacando com isso sua fundamental importância para a compreensão da história. É o que acontece em relação a *Iracema* (“a virgem dos lábios de mel”), *Moacir* (“aquele que nasceu do sofrimento”), *Ceci* (“aquela que faz sofrer”), *Ubirajara* (“o senhor da lança”), entre muitos outros exemplos, que serão apresentados nos resultados da pesquisa.

É famosa a interpretação do título *Iracema* como um anagrama da palavra América. Embora o autor subscreva a obra como sendo uma lenda sobre o nascimento do Ceará, a trama também é, ao mesmo tempo, uma alegoria da conquista da América pelos povos europeus, representados por Martim, um guerreiro branco cujo nome aponta para Marte, deus da guerra.

Nota-se, portanto, que a configuração dos nomes dos personagens é prenhe de significados. Sua escolha parece não ter sido fortuita, e pode apontar uma relação com a função e o comportamento de cada personagem na história, bem como a alegoria que ela representa. Interpretar de que forma e em que medida isso ocorre é um dos objetivos que pretendemos alcançar neste trabalho.

#### 4. Síntese do enredo de *Ubirajara*

*Ubirajara* é um romance curto e possui um enredo relativamente simples. Os parágrafos são curtos, a ação desenvolve-se às margens do rio Tocantins, e a obra divide-se em nove capítulos. O conflito é desencadeado pelo triângulo amoroso composto por Jandira, virgem araguaia prometida em casamento ao protagonista, e Araci, virgem tocantim por quem este se apaixona. Há um quarto personagem fundamental para as reflexões onomásticas: Pojucã. Esse tocantim é desafiado por Jaguarê, que o vence após intensa batalha e leva-o como prisioneiro. Nesse momento, proclama-se com um novo nome: Ubirajara.

No entanto, descobre-se que Pojucã é irmão de Araci, o que faz Itaquê, o pai de ambos e chefe da tribo, declarar guerra contra a tribo de Ubirajara. Antes, contudo, a tribo dos tapuias ataca os tocantins. A batalha é atroz e, no meio dela, ocorre um fato que altera os rumos da história. Um menino chamado Pahã flecha os olhos de Itaquê. Apesar disso, os tocantins vencem a guerra, e o chefe afirma: “Tupã viu que Itaquê não podia ser vencido pela mão dos homens; e quis vencê-lo ele mesmo pela mão de um menino” (p. 63).

Estando cego, Itaquê oferece seu arco, símbolo do chefe, ao filho Pojucã. Contudo, esse o recusa, por julgar-se indigno. A partir disso, podemos vislumbrar o desenlace da trama. Diante da recusa do filho, Itaquê oferece seu arco a ninguém menos do que Ubirajara: “Empunha o arco de Itaquê, chefe dos araguaias, e tu conquistarás por teu heroísmo uma esposa e uma nação” (p. 67). Essa decisão de Itaquê, salvo seu potencial grau de inverossimilhança, resolve inteiramente o conflito mais espinhoso do romance, pois encerra o problema entre o protagonista e Pojucã, permitindo que a irmã desse último fique livre para casar-se com Ubirajara.

Como se pode ver, os acontecimentos precipitam-se rapidamente num curto espaço de tempo. Resta, porém, um conflito a resolver: o ciúme de

Jandira. Nesse ínterim, Alencar surpreende, abrindo mão de sua visão cristã em favor da aceitação dos costumes indígenas. Com surpresa, observa-se Araci trazendo Jandira pela mão, e ambas se colocam diante do grande herói. O narrador informa, então, que “Ubirajara cingiu ao peito, com um e outro braço, a esposa e a virgem” e disse: “Araci é a esposa do chefe tocantim; Jandira será esposa do chefe araguaia; ambas serão as mães dos filhos de Ubirajara, o chefe dos chefes, o senhor das florestas” (p. 70). E o romance encerra-se com o narrador informando que, assim, formou-se a grande nação dos ubirajaras, que viveu até os caramurus chegarem a essas terras.

## 5. Análise etimológica e simbólica dos nomes dos personagens

A seguir, apresentamos os nomes dos principais personagens do romance, seguidos de uma análise etimológica e simbólica, de acordo com a função e a atuação de cada um deles no enredo. Para isso, valemo-nos das indicações do próprio Alencar, bem como de dicionários etimológicos de nomes próprios de pessoa.

### Jaguarê

Inicialmente, o protagonista chama-se Jaguarê, que significa aquele “que tinha vencido todos os animais, até o temido jaguar”, conforme Alencar (2003, p. 7). Barbosa (1986, p. 50) afirma que esse nome significa “O esconderijo das onças”. Ao longo do texto, ele receberá outros dois nomes, como veremos a seguir. Importante destacar que não sabemos seu nome anterior, isto é, aquele que lhe deram ao nascer. Sabemos seus nomes apenas a partir do momento em que já é um guerreiro adulto.

O nome Jaguarê remete à força do personagem e à sua capacidade de vencer mesmo os animais mais temidos da floresta. Esse nome já indica as

vitórias que o personagem terá, antecipando o seu futuro no enredo. Simbolicamente, essa designação aponta sua supremacia, posto que, para os índios, o jaguar (ou a onça pintada) é o mais poderoso dos animais.

### **Jurandir**

Jaguarê, quando chega à tribo em que vive Araci, chefiada por Itaquê, é recebido com a hospitalidade indígena. Os chefes da tribo reúnem-se e deliberam acerca do nome que o estrangeiro receberá. Era comum entre os índios dar ao hóspede um nome que seria por ele usado no tempo de sua permanência na tribo hospitaleira: “Itaquê deseja dar a seu hóspede um nome que lhe agrade” (2003, p. 36). Para eles, era desonroso perguntar qual nome trazia o estrangeiro. Mas, dessa vez, os chefes hesitam em nomeá-lo, de modo que o próprio Jaguarê escolhe sua nova designação: “– Eu sou aquele que veio trazido pela luz do céu. Chama-me Jurandir” (p.37).

Conforme Alencar, o nome Jurandir origina-se da contração da frase “Ajur-rendi-pira, o que veio trazido pela luz” (2003, p. 89), informação corroborada por Barbosa (1986, p. 53), Andrade (1984, p. 81) e por Obata (1986, p. 121). Esta última acrescenta que o nome tem origem no tupi, “cujo significado é a crista ou cascão em volta do ninho da abelha”, interpretação também dada por Guérios (1973, p. 137). Já Oliver (2005, p. 216) afirma que esse nome foi “criado por José de Alencar para o seu romance *Ubirajara*. Do tupi *jurandira*, de *jura* (boca) e *ndiera* (abelha de mel), sign. 'boca melíflua'. Por extensão, 'o de palavras doces'”. O autor ainda acrescenta que “uma fonte traduziu por 'o que foi trazido pela luz do céu', entretanto não foram encontrados registros que justificassem essa interpretação”.

Esse nome relaciona-se simbolicamente à personagem Araci, interpretada por Alencar como “a estrela do dia”. É graças ao encontro com

Araci que Jaguarê chega à tribo de Itaquê. Se a luz representada pela índia levou Jaguarê até lá, nada mais natural do que denominar-se Jurandir: “trazido pela luz”, interpretação que, como vimos nas palavras de Oliver (2005, p. 216), foi criada por Alencar, provavelmente a fim de ligar os dois personagens por seus nomes.

### **Ubirajara**

Ao derrotar Pojuçã utilizando sua lança, Jaguarê proclama seu novo nome: “Eu sou Ubirajara, o senhor da lança, o guerreiro terrível que tem por arma uma serpente” (p. 23). A origem do nome Ubirajara remonta ao tupi e significa “senhor da lança, do tacape”, conforme Guérios (1973, p. 207), Obata (1986, p. 188), Andrade (1984, p. 121) e Oliver (2005, p. 306). O único autor que apresenta outra interpretação é Barbosa (1986, p. 81), segundo o qual Ubirajara significa “O dono da floresta”. Ao final do romance, o nome do personagem torna-se nome de uma grande nação indígena, a “nação dos Ubirajaras” (ALENCAR, 2003, p. 70).

As duas interpretações têm relação simbólica com o personagem. A primeira evidencia a arma que ele utiliza, enquanto a segunda aponta o resultado do uso dessa arma, manejada pelo guerreiro que antes derrotara os animais mais temidos da mata: tornar-se o dono da floresta.

### **Pojuçã**

O personagem é o inimigo que Jaguarê encontra na floresta. Este o desafia para um combate, a fim de provar o valor do protagonista. Alencar menciona por duas vezes que Pojuçã significa “valente matador” (2003, p. 19 e p. 22), informação confirmada por Barbosa (1986, p. 67). O combate entre os dois indígenas evidencia a valentia de Pojuçã, embora ele não tenha matado seu



opponente. Alencar (2003, p. 74) explica o significado do nome Pojucã, dizendo tratar-se da contração de uma frase do tupi I-po-jucá, que quer dizer “eu mato gente”.

O sentido do nome de Pojucã procura apresentá-lo como um inimigo à altura de Jaguarê. Trata-se de um nome com intenção de assustar. A batalha entre os dois guerreiros é violenta, intensa, mas o destino de Pojucã não confirma a intenção contida no significado de seu nome: Pojucã não consegue matar “gente” alguma, e, quando é intimado a ocupar o lugar de seu pai como chefe da tribo, não alcança substituí-lo. No entanto, essa sua incapacidade acentua o poder de Ubirajara, o qual, ao mostrar-se superior a um rival como Pojucã, tem todo o direito de proclamar-se “dono da floresta”.

### **Araci**

Conforme Alencar (2003, p. 73), é uma palavra tupi que se compõe de “ara-dia, e sei ou seiy – grande estrela. Este último nome davam os indígenas às plêiades”. No texto, à página 17, o autor afirma que Araci é a “estrela do dia”. Barbosa (1986, p. 17) afirma que o significado do nome Araci é “Mãe do dia, a aurora”, assim como o fazem Obata (1986, p. 32) e Andrade (1994, p. 23). Essas duas autoras acrescentam que o nome pode ser entendido como “cigarra” ou “estrela d'alva”. Para Guérios (1973, p. 76), Araci significa “mãe do dia” e “cigarra”, e ele explica que a interpretação “estrela d'alva” foi dada por Alencar. Para Oliver (2005, p. 346), o nome significa “mãe do dia; filha da luz”, denominação tupi da cigarra. A tradução 'aurora', por sinédoque, proposta por alguns autores, é equivocada. Aqui, a 'mãe do dia' é a cigarra”.

Araci é a “luz” que conduz Jaguarê à tribo e justifica sua mudança de nome (Jurandir, “trazido pela luz”). A imagem de uma mulher representada dessa maneira é recorrente na literatura, inclusive em outros romances de

Alencar. Destaque-se, nesse ínterim, a personagem Lucíola, cuja designação, segundo Alencar (1999, p. 11), “é o lampiro noturno que brilha de uma luz tão viva no seio da treva e à beira dos charcos”. Se, em Lucíola, o protagonista foi atraído pela prostituta, apaixonado por ela desde a primeira vez em que a vira, em *Ubirajara*, ele o foi pela índia, igualmente apaixonado a partir do primeiro instante em que a viu.

### **Jandira**

Alencar (2003, p. 72) explica que o nome provém de Jandaíra, uma abelha que fabrica excelente mel. “Jandira é uma contração mais eufônica daquele nome, que também por sua vez é contração de Jemonhaíra, – que fabrica mel”. Conforme Barbosa (1986, p. 51), Jandira é “A abelha que produz mel”. Ideia semelhante aparece em Guérios (1973, p. 133), Obata (1986, p. 114) e Andrade (1994, p. 78), que afirmam que o nome Jandira é uma forma tupi que significa mel da abelha jandaia ou a própria abelha jandaia. Oliver (2005, p. 427) apresenta uma visão um pouco diferente. Para ele, Jandira significa literalmente “abelha de mel; melíflua”, e a interpretação “mel da abelha jandaia deve ser descartada”.

A referência simbólica do nome à doçura do mel é facilmente explicável em função da idealização romântica da mulher. Deve-se, contudo, chamar atenção para a presença da abelha em seu nome, posto que é Jandira quem contém o “ferrão” do ciúme, o qual precisa ser contornado pelo protagonista. A junção da doçura do mel e da presença antagônica da abelha já fora trabalhada por Alencar no romance *Iracema*, cuja protagonista, segundo ele (2007, p. 40), é “a virgem dos lábios de mel”.

## 6. Considerações finais

Por meio da análise empreendida neste artigo, pode-se afirmar que o objetivo principal foi plenamente atingido, isto é, foi possível estudar os nomes dos personagens principais do romance *Ubirajara* e estabelecer relações entre a etimologia desses nomes e as atuações dos personagens na trama. De posse da análise, chegou-se a algumas conclusões, que estão detalhadas a seguir.

Em primeiro lugar, os nomes dos personagens indígenas não são usados como meras etiquetas identificadoras, como tem sido tradição, sobretudo na cultura antroponímica ocidental, conforme preconiza Dauzat (1950). Existe, no caso de *Ubirajara*, um sentido etimológico claro por trás dos nomes, o qual remete diretamente ao caráter ou ao comportamento dos personagens.

Chega-se, dessa forma, a um aspecto em evidência na tradição antroponímica dos povos primitivos: uma relação siamesa entre o nome e o ser nomeado, ou seja, o nome da pessoa e a própria pessoa são um ser só. Pode-se ilustrar essa situação com a alteração do nome do protagonista, que inicia a história chamando-se Jaguarê, passa a chamar-se Jurandir e chega, finalmente, ao nome *Ubirajara*. Ressalta-se que essas mudanças não são aleatórias, uma vez que sempre existe, por trás do nome, uma motivação, de acordo com as atitudes e as situações vividas pelo personagem, conforme já preconizava Lévi-Strauss (1989).

Arrisca-se a identificar o romance *Ubirajara* como um texto meta-antroponímico, pois, além de os personagens apresentarem nomes dados de acordo com as tradições indígenas, o autor nomeia esses personagens com base na etimologia de palavras de origem tupi e ainda acrescenta reflexões acerca dessa nomeação. Percebe-se, assim, uma preocupação de Alencar na construção dos personagens, o que revela um possível diálogo entre a antroponímia ficcional ou literária e a própria composição literária do autor.

Em *Ubirajara*, parece que os personagens não se constituem como indivíduos singulares, diferentes de seu autor, sendo utilizados como criaturas postas em movimento para atender aos desígnios de Alencar e cumprir os objetivos que o romancista previamente determinou. Nesse sentido, as falas dos personagens ecoam as ideias do próprio Alencar em relação à cultura indígena, numa clara tentativa de idealizá-la (ainda que o autor tente nos convencer do contrário) no bojo das pretensões românticas da época.

Por fim, as reflexões desenvolvidas neste artigo revelam a possibilidade de fazer pesquisa numa área pouco explorada nos estudos antroponímicos brasileiros, que é a antroponímia ficcional ou literária. O presente estudo abre portas para pesquisas futuras, já que a análise dos nomes dos personagens pode ser estendida para outros romances indianistas de José de Alencar, como *Iracema* e *O Guarani*. Abre-se a possibilidade de verificar se, com os personagens indígenas desses últimos, também ocorreu uma preocupação com os nomes dados aos personagens, tal como foi observado em *Ubirajara*.

## Referências

ALENCAR, J. de. **Iracema**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

\_\_\_\_\_. **Lucíola**. Porto Alegre: L&PM, 1999.

\_\_\_\_\_. **O guarani**. 25. ed. São Paulo: Ática, 2003.

\_\_\_\_\_. **Ubirajara**. São Paulo: Ática, 2003.

BARBOSA, O. **Dicionário de nomes próprios, indígenas e afro-brasileiros**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1986.

DAUZAT, A. **Les noms de personnes: origen et évolution Prénoms – Noms de famille – Surnoms**. 4. ed. Paris: Delagrave, 1950.

GUÉRIOS, R. F. M. **Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes**. 2. ed. São Paulo: Ave Maria, 1973.

LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Papirus, 1989.

\_\_\_\_\_. **Antropologia estrutural**. Tradução de Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. 5. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MARCATO, C. **Nomi di persona, nomi di luogo**: introduzione all'onomastica italiana. Bologna: il Mulino, 2009.

MARTINS, J. R. **Presságios**: o livro dos nomes. São Paulo: Alegro, 2002.

MIORANZA, C. **Filius Quondam**: a origem e o significado dos sobrenomes italianos. 2 ed. São Paulo: Larousse, 2009.

MEXIAS-SIMON, M. L.; OLIVEIRA, A. de M. **O nome do homem**: reflexões em torno dos nomes próprios. Rio de Janeiro: HP, 2004.

SEABRA, M. C. T. C. de. Referência e onomástica. In: **Múltiplas perspectivas em linguística**: Anais do XI Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (XI SILEL). Uberlândia: ILEEL, 2006. p. 1953-1960. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo\\_442.pdf](http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_442.pdf)>. Acesso em: 02 de jul. de 2015.

SEIDE, M. S. Métodos de Pesquisa em Antroponomástica. In: **Domínios de Lingu@gem**, vol. 10, n. 3, jul./set. 2016, disponível em Acesso em 03 de out. de 2016. <http://dx.doi.org/10.14393/DL23-v10n3a2016-19>

SOMMER, D. Amor e pátria na América Latina: uma especulação alegórica sobre sexualidade e patriotismo. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

Recebido em 13.08.2016.

Aprovado em 24.11.2016.